

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCELO DYOGO VIEIRA

VOZES EM EVASÃO:
UMA ABORDAGEM DIALÓGICA AO CORPO TRANSGÊNERO

Curitiba

2022

MARCELO DYOGO VIEIRA

VOZES EM EVASÃO:
UMA ABORDAGEM DIALÓGICA AO CORPO TRANSGÊNERO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Cristina de Lima Picanço

Curitiba

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Vieira, Marcelo Dyogo.

Vozes em evasão : uma abordagem ao corpo transgênero /
Marcelo Dyogo Vieira. – Curitiba, 2021.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Prof^a Dr^a Deise Cristina de Lima Picanço

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Transexualidade. 3.
Identidade de gênero na educação. 4. Identidade sexual. 5.
Integração escolar. 6. Pessoas transgêneros. I. Picanço, Deise
Cristina de Lima, 1969-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARCELO DYOGO VIEIRA** intitulada: **VOZES EM EVASÃO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA AO CORPO TRANSGÊNERO**, sob orientação da Profa. Dra. DEISE CRISTINA DE LIMA PICANÇO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 16 de Setembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

21/09/2022 21:40:30.0

DEISE CRISTINA DE LIMA PICANÇO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/09/2022 15:34:04.0

DAYANA BRUNETTO CARLIN DOS SANTOS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/09/2022 19:12:53.0

JEAN CARLOS GONÇALVES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/09/2022 15:17:42.0

JULIANA ANUNCIAÇÃO ALMEIDA

Avaliador Externo (ESCOLA NAVAL DO RIO DE JANEIRO)

Rockefeller nº 57 ? Rebouças - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6255 - E-mail: ppge.academico@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 223927

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 223927

À todos os outros que fizeram e fazem parte desta escrita.



RESUMO

Este estudo, vinculado à Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), baseia-se na teoria formulada por Bakhtin e o Círculo, ao abarcar um olhar sobre as possibilidades de reflexão a partir do papel da alteridade na formação subjetiva. A partir de uma perspectiva dialógica decorrente das valorações expressas como artista e pesquisador, propôs-se como objeto de pesquisa a construção da memória de pessoas trans sobre sua relação com os espaços escolares dentro do meio oeste catarinense, uma região marcada por um conservadorismo extremo. Considerando-se a teoria bakhtiniana como um diferente caminho dentro das discussões sobre Linguagem e Corpo, numa abordagem interseccional entre gênero, raça e classe social e sua relação com o outro como alteridade constitutiva, a pesquisa aproxima as reflexões sobre a alteridade por meio da metodologia qualitativa em uma análise dialógica do discurso. A pesquisa adentra o campo da Educação na tentativa de responder à questão que a circunscreve: Como podemos compreender os atravessamentos do outro no processo de (re)conhecimento de si como corpo trans na experiência escolar a partir da noção de alteridade bakhtiniana como constitutiva do sujeito?

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Escola; Dialogismo; Discurso; Memória

ABSTRACT

This study, linked to the Research Line Language, Body and Aesthetics in Education of Postgraduate Program in Education at Federal University of Paran? (UFPR), is based on Bakhtin and the Circle theory, to encompass a look about the possibilities of reflection from the role of alterity in subjective formation. From a dialogical perspective arising from valuations expressed as an artist and researcher, it was proposed as research object the construction of memory of trans people about their relationship with school spaces at the midwest of Santa Catarina, a region imposing by extreme conservatism. Considering Bakhtinian theory as a different way within the discussions about Language and Body, in an intersectional approach between gender, race and social class and their relationship with the Other as a constitutive alterity, the research approaches the reflections about alterity through qualitative methodology in a dialogic analysis of discourse. The research enters the field of Education in an attempt to answer the question that circumscribes it: How can we understand the crossings of the Other in the process of (re)knowledge of self as a trans body in the school experience from the notion of Bakhtinian alterity as constitutive of the subject?

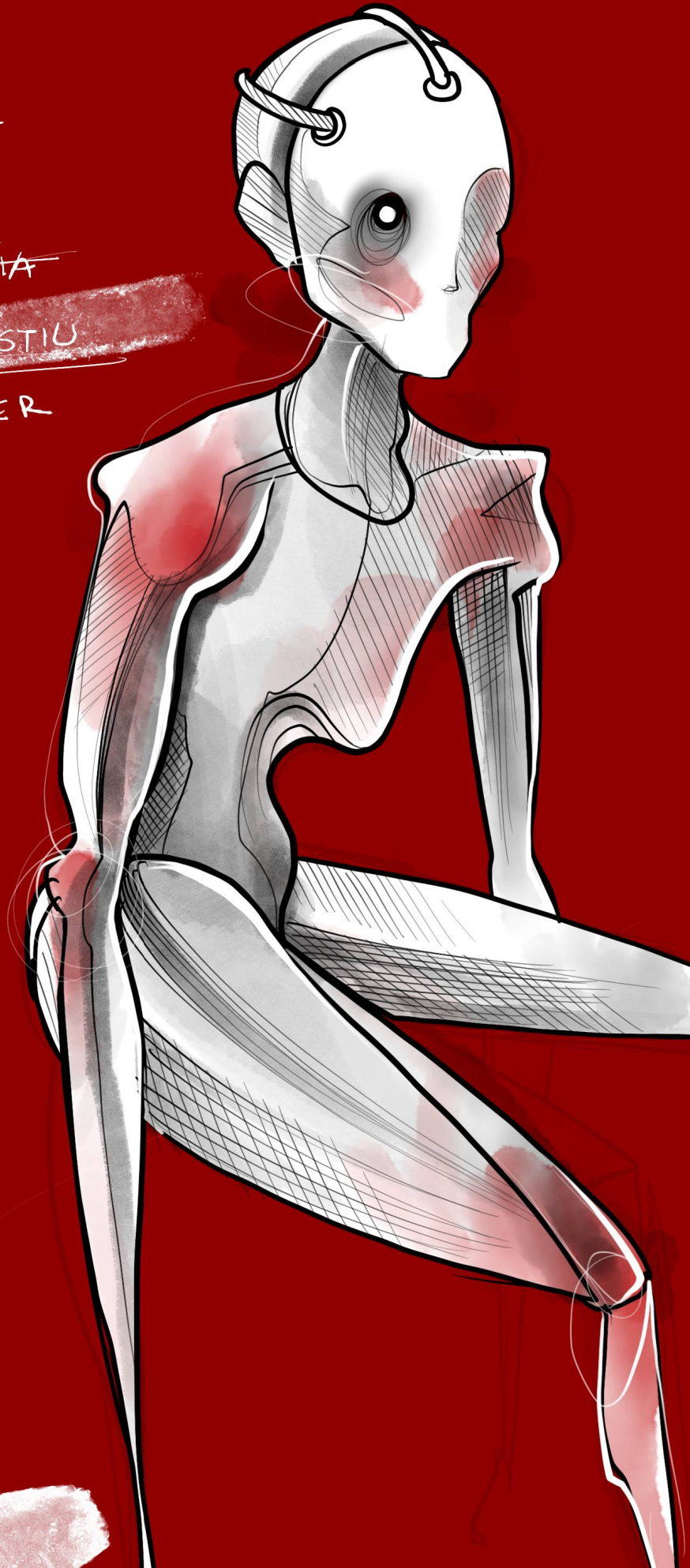
PALAVRAS-CHAVE: AAlterity; School; Dialogism; Discourse; Memory; Trgender

S

SE ESSE
TEXTO PUDESSE
GRITAR,

~~ELE DENUNCIARIA~~
O AUTOR QUE ~~DESISTIU~~
DE O ESCREVER

Eu preferi ilustrar.



“A ave sai do ovo. O ovo é o mundo.
Quem quiser nascer tem que destruir um mundo”
Hermann Hesse, 1919

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: PISANDO EM OVOS	11
1.1 O NINHO E LOCAIS DE FALA	14
1.2 O SAIR DA CASCA	20
1.3 O ESTRANHO NO NINHO	24
1.4 PROBLEMA DE PESQUISA	28
1.5 OBJETIVO	28
1.5.1 Objetivos Específicos	28
1.6 MÉTODO E METODOLOGIA	29
1.7 PARTICIPANTES	32
1.7.1 Participante I	33
1.7.2 Participante II	33
1.7.3 Participante III	34
1.7.4 Participante IV	34
1.7.5 Participante V	35
2 SOBRE O DIALOGISMO E A ESCUTA SENSÍVEL AO CORPO	
ESTRANHO: CONCEITOS E NOÇÕES FUNDAMENTAIS	36
2.1 SOBRE O DIALOGISMO	38
2.2 ALTERIDADE	39
2.3 CRONOTOPO	40
2.4 EXOTOPIA	40
2.5 IDENTIDADE	41
2.6 ESCRITAS DO CORPO	42
3 CONSTRUINDO MEMÓRIAS	45
3.1 A GAROTA DO SOFÁ	50
3.2 O MENINO QUE DESENHAVA NUVENS	69
3.3 ABRINDO PORTAS	85
3.4 SEGUNDO BATISMO	96
3.5 UMA INABALÁVEL IDENTIDADE SIMULADA	106
4 DISCUSSÃO – VOZES QUE ECOAM, QUE OUTROS?	117
4.1 ESPAÇO	117
4.3 FAMÍLIA	120

4.4 ESCOLA.....	122
4.5 RELIGIÃO	124
4.6 RAÇA	125
5 ARREMATES.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS	133
APÊNDICES	134

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: PISANDO EM OVOS

Tudo possui formatos, por isso, sei que desistir é a melhor forma de introduzir um texto. Na academia espera-se uma escrita científica constituída por formalidade. Assim, peço desculpas a você que, como interlocutora/interlocutor, espera uma escrita que dessa formatação não **evada**, adiantando que verá à frente irregularidades empregadas clandestinamente, por meio da Linguagem e da Estética, ao abordar a memória de pessoas que me exigem tal desordem.

Adjunto ao pedido de desculpas, nestas considerações iniciais, dedico também para o reconhecimento de minhas fragilidades e inseguranças, que permeiam a justificativa deste projeto apresentado não somente para contextualizar as escolhas que fiz nesta investigação, mas também ao iniciar partindo de uma (auto)defesa sobre erros que cometi, equívocos com minha intencionalidade, frustrações como pesquisador e todos os sentimentos que me acompanharam no processo de uma pesquisa ainda em construção.

Na escolha da abordagem aqui apresentada, entre todos os personagens que compõem as cenas de uma escola, ou artifícios pedagógicos usados pela Educação, preferi tentar alcançar existências que, frente à sociedade à cultura escolar, eram menos dignas de registro – note o tom de ironia nesta afirmação. Ver essas pessoas, muitas vezes vistas como abjetos, ocupando um espaço formal detentor e reproduzidor de normas e normatividades, nunca me causaram estranheza pelas suas existências, mas ao resistirem a opressões propagadas nestes ambientes, me motivaram a estranhar os demais elementos que compunham aqueles cenários.

Travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais, intersexuais, pessoas não binárias, o mundo LGBTQIA+¹ era amplo, e cada dia sentia que estava ainda mais longe de tocar a magnitude que esta sigla representa, já que ao mesmo tempo em que há inúmeras definições dentro do segmento, essencializar suas existências nunca foi um objetivo. Na primeira aproximação desta pesquisa, parti de uma expectativa de proposta desmoronada nas tentativas de alcançar o que

¹ LGBTQIA+ é a sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, queer e intersexuais, e incluem-se ainda o sinal "+", utilizado para fazer alusão à visibilidade de casos de situações de violência tendo sido a vítima confundida com gays ou lésbicas, além de incluir, também, outros grupos não representados imediatamente pela sigla LGBTQIA+.

arbitrariamente havia criado a partir desse universo, justamente por tentar defini-lo, me encontrando em conflito ao também me definir frente a ele.

Acreditava que todas as minhas fragilidades construídas pela heterocisnormatividade² enquanto fui uma criança afeminada já tinham sido superadas, e contraditoriamente ao *dialogismo*, não fui atento em pensar que por também ter experienciado este processo de opressão frente ao outro, como os sujeitos desta investigação mesmo que de modos diferentes, não teria a possibilidade de me isentar frente à construção destas memórias sem rememorar também a minha sobre o impacto deste outro que detinha poder e me atravessava por também ser desviante da norma.

Minha posição dialógico-enunciativa parte de meu reconhecimento enquanto homem cisgênero, branco, classe média e homossexual. O peso da responsabilidade de ser pesquisador, e as consequências de ocupar esse papel, me fizeram questionar durante todo o tempo se tinha a licença de me envolver tão intensamente, enquanto um homem cis que reconhece seus privilégios, falando na academia sobre a transexualidade.

Quando me dei conta, estava diante de muitas incertezas e inseguranças, mas não sabia exatamente onde tinha errado, ou se havia cometido erros.

Em busca de setores específicos, como a própria Secretaria de Educação da região onde ocorre esta pesquisa, o meio oeste catarinense, na tentativa de abordar os sujeitos desta investigação, posso citar os primeiros grandes passos em falso. O primeiro equívoco, partiu da tentativa de abordar diretamente alunos que se reconheciam como sujeitos LGBTQIA+ mediados por professores e colegas que, intencionados em ajudar na construção desta pesquisa, ultrapassaram os limites éticos, pois ainda não tinha critério para avaliar o quão errado era os expor nesta situação.

Já na Secretaria de Educação, buscando ser mais criterioso em minha abordagem, não obtive respostas. Poderia ser uma infeliz coincidência, já que iniciei no mestrado simultaneamente a uma pandemia, no ano de 2020. Com todos se adaptando a uma situação nunca imaginada antes, talvez não fosse o momento ideal para abordá-los. Tentei acreditar nisso, mas o que estava

² Heterocisnormatividade refere-se a padrões pré-estabelecidos de gênero em consonância com o sexo biológico.

buscando poderia não estar alinhado com os princípios éticos das ciências humanas, e que minha ainda prematuridade como pesquisador, podia ter assustado aqueles setores e espaços que também eram despreparados para tratar uma abordagem com temáticas tão sensíveis.

A relação entre Gênero, Infância, Adolescência e Educação ainda é um campo de difícil acesso e discussão na região onde a pesquisa ocorreu. Ao mesmo tempo que tentava acessar informações, negociando a possibilidade de entrevistar estudantes que se identificavam como dissidentes da norma, circulavam polêmicas no meio político envolvendo a temática no espaço definido para a pesquisa ocorrer, o meio oeste de Santa Catarina.

Em um projeto intitulado *Vozes em evasão*, não me atentei às relações de poder que circundam a tentativa de “dar voz” aos sujeitos, muito menos analisei o terreno onde estava pisando. Não tive critério de faixa etária ou qualquer filtro para tratar de um tema, que poderia ter levado a situações muito mais graves, se tivesse insistido em buscar estas informações em uma região pouco preparada para tratar tais temas, de uma busca conduzida por um pesquisador ainda engatinhando, diante de uma questão tão densa como gênero e sexualidade na Educação.

A partir destas reflexões e reconhecimentos, percebi que precisava ajuizar o que estava em minhas mãos, entendendo que minha atenção não devia ser voltada exatamente para a empatia, mas para algo muito mais profundo dentro da relação do Eu com o outro; as diferenças, as equivalências e todos os valores que na/pela interação permeiam e passam a ser ainda mais visíveis em territórios de constante disputa de poder.

Entender minhas limitações e acreditar em minhas potencialidades foi fundamental para aceitar que sem errar esta pesquisa não existiria, por isso decidi iniciar pelos equívocos, reconhecendo o processo de “pisar em ovos”.

Se o meu medo era ter minha presença tão marcada nesta escrita de um modo egoico, ou a não aceitação da proposta por ser desenvolvida em um espaço tradicional, branco, hétero e cristão de normatividades pregadas, como no meio oeste catarinense. Defini que esta seria minha potencialidade, propondo uma investigação sobre pessoas trans de cidades interioranas, em paralelo a diversas pesquisas ocorridas em grandes centros do país, que a partir de minha

constituição e atravessamento da arte, busquei compreender as relações de alteridades, em que denomino como *Vozes em evasão*.

A partir destes lugares que encontrei e das experiências que vivi me causou curiosidade a questão de corpos dissidentes na educação, e de como foram suas trajetórias em seus processos formativos. Com isso foi desenvolvida esta pesquisa que assim organizou-se:

Capítulo um: apresento minha posição enunciativa, sobre os percalços que me levaram a aproximação do tema, junto ao problema de pesquisa, os objetivos, os métodos e metodologia, como aconteceram as entrevistas e os/as participantes que compuseram a investigação.

Capítulo dois: Dedicar-se a conceitos chave da fundamentação teórica que norteou as análises. Este capítulo está dividido em duas seções. Na primeira seção, apresento a concepção de dialogismo, a base desta pesquisa, na segunda seção apresento questões relativas a conceitos bakhtinianos.

Capítulo três: Relato a história dos participantes a partir das entrevistas, analisando-as em uma abordagem dialógica do discurso. Esta que divide-se em cinco seções, assim como o número de participantes. Na primeira, denominada A garota do sofá, a segunda: O menino que desenhava nuvens, a terceira: Abrindo portas, a quarta: O segundo batismo e a última: Uma inabalável identidade simulada.

Capítulo quatro: apresento a discussão a partir de uma aproximação das análises, apontando similaridades e disparidades nos discursos dos participantes. Esse capítulo divide-se em quatro tópicos, com os recortes: espaço, escola, família, religião e raça. Excertos definidos pela identificação dos marcadores sociais das diferenças que destacam as relações alteritárias durante as análises.

No quinto e último capítulo, faço as considerações finais relacionadas a esta pesquisa. Retomo o propósito e os procedimentos da investigação, sintetizo e comento os resultados, apresentando suas implicações.

1.1 O NINHO E LOCAIS DE FALA

Nomeei este primeiro capítulo como *ninho e locais de fala*, pois o espaço onde residia, e onde a pesquisa foi construída, é o mesmo em que nasci, vivi e

presenciei as sutis mudanças ocorridas ao longo dos anos, nas pequenas cidades que constituem o meio oeste de Santa Catarina. Frente a esta região, analisando meu percurso como pesquisador, percebi uma unidade em minhas abordagens ao evidenciar todas as fugas possíveis desse espaço. Usá-lo como campo de investigação tem sido uma experiência nova e tentei entender o que me levou a esse desvio.

É importante citar que esta pesquisa tem como suporte para a produção do conhecimento o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), tendo Curitiba como Campus. Busquei a UFPR não apenas por admiração ao programa ou à universidade, mas também como tentativa de escapar de onde estava até o momento. O mestrado não foi o primeiro processo seletivo que passei tentando sucesso nessa fuga, de todas as formas, busquei alcançar outros horizontes, que poderia ser motivado apenas pelo meu desejo de aventura natural da juventude, mas não era.

Não é novidade que viver em cidades interioranas sendo um sujeito LGBTQIA+ é um processo solitário. Não temos referência, tudo o que parece ser estranho, se torna ainda mais quando não temos semelhantes próximos de nós. Nas raras vezes que encontrava gays, lésbicas e travestis durante minha infância e adolescência, havia uma demonização tão potente que me sentir acuado era inevitável. Não queria ser tratado daquela forma e, por medo, me vi por muito tempo interpretando papéis que até hoje luto para me desvincular e entender o que sou e como me reconheço, já que em muitos momentos ultrapassei meus limites pelo temor de ser rejeitado.

Conto nos dedos os sujeitos LGBTQIA+ que tive a oportunidade de conhecer nesse espaço no passado. Eram poucos, mas me marcaram para sempre (mesmo descobrindo mais tarde que muitos em minha volta tinham sua sexualidade reprimida), trazendo memórias confusas até hoje que não sei definir exatamente como me sinto, já que, ao mesmo tempo em que me sensibilizou vê-los sendo referidos com injúrias, me reconhecia naqueles corpos e não queria passar pelo mesmo.

Ao terminar o ensino médio muito cedo, com 15 anos já havia concluído e me encontrava definindo quais campos seguiria profissionalmente, já que não fazer faculdade não era uma possibilidade para minha família. Mesmo com a pressão de fazer essa escolha sendo bastante jovem, vi nisso uma oportunidade

de ir para um outro espaço, que me possibilitaria um recomeço, e assim, finalmente ser o que gostaria e não apenas o que podia ser. Além da sexualidade, por ter definido que seria da área da comunicação e da arte, na qual me formei e exerço profissionalmente, sempre me pareceu um desafio estar no interior de Santa Catarina, já que são espaços que não se valorizam comumente.

Os grandes centros e as manifestações urbanas que neles acontecem sempre me estimularam muito mais a experienciar o que o interior não era capaz de proporcionar, ou pelo menos achava não ser. Parecia muito mais fácil tratar das artes do corpo, da *Body Art*, da modificação corporal, entre outras temáticas que me envolviam, em um cenário onde o espaço era compatível com os sujeitos que residiam nestes centros, como Curitiba, o que aqui no oeste de Santa Catarina, qualquer proposta que envolvesse estas temáticas seria considerado não aplicável pelo contexto conservador envolvido.

As existências que desviavam do tradicional causavam alvoroço nessas pequenas cidades. Todas as famílias se conheciam, então qualquer ato considerado ousado ou subversivo era motivo para ser o assunto principal, o que pode não ter mudado muito até hoje, como esta pesquisa sobre pessoas LGBTQIA+, que posso afirmar que está sendo comentado simultaneamente enquanto escrevo. Me senti tolo por ter acreditado que uma pesquisa feita aqui seria simples demais, ou fácil demais, e poderia não estar à altura de uma dissertação. Me vi errando novamente.

Faço este recorte, para situar meu lugar de fala, baseando-me nas concepções difundidas no Brasil por Djamila Ribeiro (2017), e marco aqui meu lugar para que seja conhecido meu ponto de partida, o local social que ocupo. Deste lugar, entendendo meu dever de estudar, debater e trazer à pauta as temáticas aqui abordadas com a população específica à qual não estou inserido/faço parte com a intenção de promover também o papel social da pesquisa. Reconhecer e trazer a este campo análise das vozes que falam, mas muitas vezes não são ouvidas, buscar compreender e apoiar o impulsionamento destas vozes.

Como uma espécie de “bicho-papão” dos municípios, Corpos trans tinham suas histórias passadas de geração em geração, que contavam a vida de seres quase folclóricos de quem todos deviam ter medo, e, de alguma forma,

não as repetir. Paralelamente, na Educação familiar, estas existências escapistas eram de algum modo personagens presentes ao “educar” os filhos dentro de casa, onde a reação da família frente a estes Corpos (recusa e expulsão de casa) era usada como ameaça aos filhos, negando qualquer possibilidade de algum momento “virarem” bichas, viados⁶ ou sapatões.

Quem contava essas histórias usava todos os artifícios para tornar estas pessoas, que viveram e vivem nas franjas da sociedade, ainda mais assustadoras. Atrravavam suas existências com doenças causadas por infecções sexualmente transmissíveis, à prostituição assistida dentro de bairros e até mesmo violências de que as/os acusavam como principais culpadas/os. Histórias distantes, de seres que nunca havia visto, apenas ouvido por um terceiro. Posso afirmar que não há espaço pior para identificar estas existências do que um lugar onde até hoje não são vistas como bem-vindas. Como voltar holofotes para corpos que precisam se esconder para sobreviver? Como pude achar que isso poderia ser simples demais?

Até aqui, ambientando o campo onde ocorre essa investigação, vejo que me reconhecer como homossexual não foi um processo simples. Nunca tive dúvidas quanto à minha orientação sexual, mas ainda quando criança não tinha ideia do que separava o gênero da sexualidade e a aversão de um dia ser esse outro, que causava tanto medo, era inegável. Fui privilegiado por ter uma família que me deu suporte sem que precisasse pedir diretamente, uma primeira fase da vida escolar que não questionou minha existência, ou alguma etapa em meu processo formativo até os 12 anos que tenha me oprimido, mesmo carregando em meu corpo traços que não definiam gênero com facilidade.

Quando passei a conhecer estes sujeitos que compunham a sigla LGBTQIA+, em especial transexuais e travestis destas cidades interioranas, percebi que nada do que haviam me dito eram verdades. Não eram corpos dóceis e frágeis, mas estavam longe de ser aquelas personas que foram criadas no meu imaginário. Uma delas, bastante citada até os dias hoje, conheci quando tinha 6 anos de idade, apresentada por um nome que na época não entendia o porquê, muito menos o motivo que usavam este mesmo nome também para se referir a mim na escola após a mudança mais traumática da minha vida, adentrando no ensino médio em uma outra instituição.

De forma maldosa, a chamavam por um apelido associado aos inúmeros termos que podem se referir ao falo, sempre acompanhado de piadas envolvendo sua identidade de gênero. Nunca soube qual era o nome daquela mulher de cabelos pretos, o que sabia é que ela era dona de um conhecido bar na rua em que morava, e a via todos os dias. O espaço onde ela trabalhava era o mesmo em que residia, uma pequena casa de madeira em tom de verde água bastante desbotada pelas marcas do tempo.

Não consigo recordar dos rostos que via, o que pode ser um esquecimento natural pelo longo tempo que passou, ou também, pela apreensão que tinha, e possivelmente me fazia desviar dos olhares evitando ser interpretado por ela como julgamento. Não lembro da sua face, mas lembro da sua presença, dá sua risada extravagante vista também ao falar e do seu costume de ficar apoiada em uma janela de vidros canelados em direção para o principal acesso à cidade, que tornava impossível passar despercebida.

Ali era considerado o maior ponto de prostituição da cidade de Lebon Regis – SC. Os caminhoneiros eram o principal público do local onde naquele lugar ganhava grande visibilidade. Não me recordo se as demais mulheres que atendiam no estabelecimento eram transexuais, na verdade nem me importava. Sendo uma criança que questionava sua sexualidade e seu gênero, a figura que mais me chamava atenção era a daquele Corpo, que permanecia debruçada naquela janela, observando um horizonte acentuado pelas longas faixas de asfalto e sons de veículos que, de algum modo, ela poderia ver beleza.

Não tive contato com aquela mulher, mesmo a vendo todos os dias. Ao encontrá-la, por medo, apertava firme a mão e me escondia atrás de minha mãe ou quem estivesse próximo de mim. Talvez remorso seja a palavra mais simples para explicar o que sinto hoje ao lembrar dessas experiências, não culpando a criança que era, já que não tinha conhecimento nem maturidade para entender, mas é impossível recordar e não me sentir parte de uma cruel estrutura que pode ter feito essa existência sofrer um apagamento.

Uma das características de pessoas LGBTQIA+ que vivem em ambientes interioranos, em especial no oeste de Santa Catarina, é que as lutas dos movimentos sociais não atravessam sua formação, justamente por ser um processo solitário e bastante frágil frente à cultura majoritariamente branca, hétero e cristã. Muitas vezes os privilégios e opressões exercidas pela

racialização levam a um distanciamento ainda maior de qualquer discussão que envolvam pautas de uma “minoria” social, por não se sentirem pertencentes.

As opressões que alcançam um corpo trans negro são completamente diferentes das que alcançam um corpo trans que carrega os privilégios da branquitude, por exemplo, o que leva estes sujeitos a terem outras pautas, presentes em discursos que nunca imaginaria ouvir de sujeitos LGBTQIA+, como da heteronormatividade, o racismo, o machismo e a misoginia.

Há um ano, reencontrei essa mesma pessoa que me era referida na infância, mas agora em um outro lado desta relação, proferindo aqueles mesmos discursos de que era alvo constante. Um semblante moldado por preenchedores que ainda ocupa parte dos músculos de sua face, de um rosto que mesmo não me recordando de forma explícita, sabia que já teve outra forma. Com outro nome (agora exposto), outro corpo, outra profissão, morando a poucos quilômetros da cidade de Lebon Régis.

Aquela existência, que era a chacota da antiga cidade em que morava, não existia mais. Me pergunto se ela perdeu seu reconhecimento como existência possível. O que pode a ter levado a desistir de reivindicar seu espaço e permanecer lutando por ele? A demonização de sua existência? A opressão de familiares? A solidão? Independentemente do que tenha a levado a isso, houve a existência de um outro neste processo, e é esta relação que me questionava e fizeram me aproximar dos objetivos que busco com esta investigação.

Segundo Djamila Ribeiro (2017, p. 16), “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico”, assim, por conta do meu local de fala, como homossexual, cisgênero e branco privilegiado, a tentativa anteriormente exposta de “dar” voz aos sujeitos desta pesquisa, foi por acreditar que era o justo a corpos que foram menos ouvidos do que eu, ou silenciados, como a existência citada acima, frente às normatizações de gênero, raça, sexualidade e classe social que estes espaços, como o oeste de Santa Catarina, podem ainda propagar.

Partindo das pertinentes reflexões de Djamila Ribeiro (2017) sobre locais de fala e de Rosália Duarte (2004) sobre o processo de entrevistas, precisei dar um passo atrás e analisar os equívocos desta minha intenção. Por não reconhecer que partimos de lugares diferentes, me levaria a um terreno ainda

mais conflituoso do que estava, já que experienciamos gênero, sexualidade, raça e classe social de modos diferentes.

Reorganizei as posições estabelecidas para nesta pesquisa, que me fizeram entender que recuar desse ato tão “heroico”, era necessário para reconhecer o outro em sua plenitude, propondo uma escuta ativa e responsável, que não desqualificaria o papel destes sujeitos, muito menos renunciaria o meu papel como pesquisador que exigia de mim um posicionamento muito mais de escuta do que de oportunizar um espaço.

Direcionei e defini os caminhos desta investigação, onde antes de deter o poder de dar voz a um outro, obrigatoriamente devia entender e valorizar o papel da minha, construindo esta pesquisa pelas interações.

1.2 O SAIR DA CASCA

Enquanto me debruçava, especialmente nos escritos de Bakhtin, ouvia de professores e demais pesquisadores do autor que os conceitos bakhtinianos tinham suas limitações, e que devíamos estar atentos sobre as fronteiras entre o que os autores do Círculo³ se referiam quando estavam tratando da arte e da vida vivida.

Por algum tempo passei a filtrar quais conceitos teria a liberdade de usar dentro de uma teoria que me parecia tão escorregadia, principalmente pelo campo da linguagem escapar totalmente da minha formação. Pelo receio, adotava estas “regras” que indiretamente eram a mim direcionadas, mas se foi olhando a arte para compreender a vida que Bakhtin construiu sua obra, incluindo os apontamentos que sugerem na pesquisa científica, como eu, sendo um artista, compreender a vida de outra forma sem ser por ela?

Segundo Silveira e Axt (2015, p. 177), “no pensamento de Mikhail Bakhtin, a literatura é vida estetizada que dá materialidade a conceitos e valores através da artesanaria dialógica das palavras, das vozes e dos sentidos”. É difícil ser um artista e pesquisador sem envolver a arte no processo, que em certa medida é filosófica, onde passei a ver sobre a relação entre o corpo, gênero e outro e todos os materiais que consumia. Mesmo em outras temáticas, para que

³ O círculo é composto por Bakhtin, Volochinov, Medvedev, entre outros. Já o conceito de análise dialógica do discurso foi difundido no Brasil por Beth Brait.

não me limitasse a autores e gêneros textuais científicos ou academicistas, fiz aproximações constantemente com a proposta aqui trabalhada.

Demian de Hermann Hesse, clássica obra de 1919, da qual me apropriei na primeira epígrafe deste relatório, foi uma delas. Coincidentemente ela tratava de assuntos que atravessavam o processo de reativar memórias antigas, como por exemplo, o momento em que me senti independente e dono de minhas próprias decisões na busca pela emancipação e recomeço longe daquele espaço em que nasci, e me sentia tão limitado aos padrões dominantes. Reflexões que nunca havia feito antes, e que de alguma forma pareciam dialogar com o que estava propondo neste projeto.

Como leitor, tenho a tendência de identificação e apego a crianças que não correspondem aos padrões sociais predominantes na literatura, neste livro não seria diferente. Pelo tom da narração, o autor alemão, que produziu a obra durante a guerra, logo nas primeiras linhas é percebido que é um adulto quem transcreve suas memórias de infância, especificamente sobre a experiência de abuso causada por ameaças de um colega durante o período escolar. Uma história que se adensa rapidamente com diversas discussões sobre proteção familiar, dogmas da religião e a adaptação e desejo de pertencimento a grupos.

Sinclair, o personagem principal e narrador do livro, mostra que desde criança acreditava na existência de dois mundos: o primeiro, o mundo luminoso, que detinha a segurança fruto da obediência a moral e costumes cristãos, onde encontrava a sua família e sua casa, e o segundo um mundo paralelo, da concupiscência, do pecado, de todos os que pecavam à luz da moral religiosa. Um personagem atormentado, que em sua escrita nos passa a intensa angústia de situações em que pude me enxergar enquanto aluno, filho, criança e logo adulto.

Uma narrativa que evoca múltiplas formas de dizer o outro, através de personagens que surgem em momentos específicos e me fizeram compreender como as experiências sensíveis do protagonista, em relação a uma série de elementos que permeiam suas noções de valores, determinavam as possibilidades de autoconhecimento através do outro.

Três desdobramentos estruturam o livro, a coexistência harmoniosa de elementos opostos (como estes mundos apresentados pelo personagem), a busca por si mesmo pelo contato com o outro e da ideia de que, para que haja o

crescimento, é preciso haver a ruptura daquilo que conhecemos e naturalizamos. A frase da epígrafe usada neste relatório é uma das metáforas adotadas por Hermann Hesse para tratar a relação com o mundo e a constituição de si. A partir de sua própria experiência em uma sociedade que, de certa forma, conjugava aspectos de regulamentação, o autor desenvolve caminhos para conceber formas não excludentes de se pensar a relação entre o “eu” e o “outro”, pois quando um filhote de um passarinho está dentro do ovo, o ovo representa todo o universo que esse pássaro tem até então.

Naquele espaço onde eu estava desde que nasci, aceitava que aquela era a minha realidade. Um Eu que achava ser conclusivo e acabado pelas limitações motivadas pelo espaço, pela escola e pela sociedade que exigia um silenciamento de minha feminilidade. Foi quando percebi que o processo de silenciamento visto naquele corpo que desistiu de uma transição, também alcançou a mim, quando passei a adotar posicionamentos muito semelhantes.

Adaptei meus gostos, minha voz, assumi relacionamentos de fachada e tudo o que poderia de algum modo apagar as memórias da existência de uma criança afeminada do passado, que não era e nunca seria aceita se continuasse daquela forma. Conforme Bakhtin (1997, p. 34): “Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver, nem agir”, e neste meu mundo criado, não havia sequer essa possibilidade. Tive medo de viver e agir era perigoso, por isso tive pressa de escrever minha própria história apenas para sobreviver naquele momento, torcendo para que passasse rápido.

Preferi que outros me fornecessem as rotas que minha vida seguiria, questionando tardiamente o quão letal essa adaptação poderia ser.



Por ter sido uma criança considerada precoce para os padrões esperados pelos adultos ao meu redor, acreditava que havia pulado algumas etapas da vida, alcançado a fase adulta cedo demais neste processo de apagamento. Para que um pássaro expanda a sua visão de concretude é preciso que ele destrua a realidade que já conhece, percebi então que a quebra desse mundo estava acontecendo enquanto escrevia este texto, onde quebrar cascas de ovos (me deslocar, estranhar onde me encontrava) seria destruir esse meu mundo conhecido, entender que permaneço inconcluso⁴. O que por sua vez implicaria em meu crescimento individual, começando talvez tardiamente, em uma fase que me permita ser menos exigente comigo mesmo, errando, pisando

⁴ O conceito bakhtiniano de *inconclusibilidade* reflete a ideia de “gênero em formação, sujeito a novas mudanças, [...] um processo de evolução que nunca se conclui” (BEZERRA, 2017, p. 191) e busco explorá-lo em alguns momentos do projeto.

em ovos e quebrando-os propositalmente, sem medo das consequências de destruir o conhecido, o dado, o regulamentado.

1.3 O ESTRANHO NO NINHO

Há autores que, partindo da sua própria vida, foram capazes de criar grandes obras, como o próprio Hermann Hesse e seu alter ego, que sempre me desafiaram, já que parecia difícil escrever sobre o íntimo. Me peguei em algumas contradições quando questionei se o problema estaria em meu não apreço aos textos autobiográficos na academia, onde há uma pressão de adequar escritas a um ideal de pesquisa com rigor. Indiretamente também era influenciado a julgar alguns gêneros textuais adotados.

Talvez tardiamente tenha entendido que, gostar ou não destas narrativas autobiográficas não era uma escolha estilística que poderia me dar a liberdade de emprego ou não neste texto, mas a única opção cabível com a proposta aqui apresentada, onde podemos reconhecer mais um equívoco cometido nesta investigação. Segundo as pertinentes reflexões de Montero (2019, p. 93) acredito que “para viver, temos de nos narrar”. Em uma pesquisa permeada pelas interações, não tive como fugir de estar aqui presente.

Assim, simultaneamente buscarei contar a história desse Eu que aqui fala, junto a outros Corpos que relatam a si mesmos. Após as múltiplas tentativas do planejamento para alcançar esse desafio, recorri à última escolha para me libertar da insegurança de escrever, alcançando outras formas de narrar o Eu: a partir de ilustrações, estetizando minha própria memória e a do outro.

Todas as histórias que resultam das lembranças têm algo de realidade e de ficção. Estetizar vidas não é nenhum desafio para sujeitos LGBTQIA+, já que durante o processo formativo era/é necessário interpretar alguns papéis. Existiu um Eu construído para orgulhar minha família, um Eu idealizado para passar despercebido, um Eu para amigos e a escola e um Eu que existiu enquanto estava sozinho, em uma interação com todos os outros que havia criado e a frustração de não me reconhecer em nenhum por completo.

Estetizar a memória partindo dessa reflexão sobre a autoria e os personagens da própria vida, talvez seja o caminho mais honesto e justo para direcionar esta escrita, já que precisei formular a existência de cada um desses

Eu's desde criança. Nesta escrita, sinto que o texto tem sido produzido por essas diversas mãos, hoje um pouco mais distantes, para analisar estas estetizações. Nunca tive a experiência docente, então, desde o início deste projeto, a perspectiva que busco adotar aqui são as únicas que tenho diante da educação, a visão enquanto aluno e pesquisador. Em minha experiência, tive o primeiro contato com a escola em um colégio agrícola, no interior de Santa Catarina, chamado *EEB 30 de outubro*. Uma instituição que ficava a 15 km do centro da cidade, localizada no assentamento Rio dos Patos, no município de Lebon Régis.

A pequena cidade possuía três escolas estaduais que até os dias de hoje se mantêm em funcionamento, mesmo com poucos alunos. Duas delas localizadas na cidade e a terceira, a escola do campo em que obtive minha formação de ensino fundamental. Em meu trajeto estudei em duas destas escolas, que me proporcionaram experiências muito diferentes pela mudança dos atravessamentos sociais com que me deparei.

Neste contraste de espaços, identifiquei outro paralelo com *Demian*, foi a visão tida dos dois mundos do personagem, que pude materializar em minha vivência. O primeiro foi o mundo construído pela proteção familiar em meu primeiro contato com a escola, acompanhado pela minha irmã que fazia parte do grupo de professores. Adentrei, por influência dela, em um ambiente que seria mais cômodo, e, mesmo sem estar devidamente matriculado, passei a participar das aulas e me apaixonar por estar lá. Com o tempo, mais membros familiares passaram a fazer parte do grupo de professores da escola, o lugar passou a ser uma dupla instituição em minha vida, a escola e família simultaneamente.

Ter muitos professores em minha família não foi uma coincidência ou um amor à profissão, a realidade nesses espaços era muito difícil no passado. Existiam poucas opções de trabalho a não ser o braçal, fazendo com que a prática docente fosse muito respeitada por pessoas que não tinham expectativas de saírem daqueles lugares.

Em 2004, após minha adaptação no espaço escolar, passei a integrar o corpo docente composto por um pouco mais de 100 alunos. Em sua estrutura, muito diferente de tudo o que passava pela minha cabeça quando imaginava uma Escola, não tinha cores padronizadas. As paredes que a erguiam eram completamente ocupadas por símbolos, desenhos, cores e texturas que

representavam também a liberdade de estar naquele espaço sem muros, em que a vegetação emoldurava até onde poderíamos ir.

A escola possuía características particulares, foi uma das oito instituições que teve implantada a Educação de período integral a partir de 2003. Segundo Veber (2009), após quatro anos se sua implementação, passou a alcançar mais 109 instituições, amparadas no Decreto nº 3.867 de 18 de março de 2005, que regulamenta a implantação e implementação da escola pública integrada para o ensino fundamental na rede pública estadual de ensino de Santa Catarina. Esse projeto, previa a ampliação do tempo de permanência do aluno no espaço escolar, dando destaque a um currículo integrado, acoplando as disciplinas de base já consolidadas, disciplinas diversificadas, alcançado temas que valorizavam o aluno e a cultura local.

Uma das maiores crises que tive ao rememorar estas vivências, foi ao me aproximar da reflexão sobre os motivos pelos quais as opressões da heterocisbranconormatividade⁵ não me alcançaram tão intensamente neste ambiente do campo. Pesquisas como as de Cordeiro (2019) e Lacheta (2019) retratam processos lentos e conflituosos de aceitação nesse mesmo contexto, que apresentam brutalidade em seus processos formativos. Em minha vivência, ao contrário dos autores, a Educação que tive no campo foi muito mais aberta as minhas particularidades, mas ao ler seus relatos, me fizeram questionar se fui privilegiado por experienciar um espaço incomum, ou pela presença de familiares que fazia com que me sentisse mais seguro e acolhido sempre que preciso. Uma proteção familiar que não havia me atentado ao recordar a ruptura traumática que ocorreu quando precisei me afastar de todos aqueles que me protegiam de alguma forma, como escudos frente às normatividades.

A incompatibilidade do meu corpo, que naquela fase já apresentava traços facilmente questionáveis quanto ao gênero, só passaram a chamar atenção quando tive uma primeira grande mudança de instituição. Me ver em um espaço escolar como a instituição que passei a integrar foi a etapa que mais me inspirou neste projeto, já que pude presenciar diretamente opressões de um local

⁵ Por heterocisbranconormatividade, a partir de conceitos de teóricos de gênero e sexualidade que apresentam as formas de normatividade, converte-se nesta escrita tais conceitos, até então distintos, em conjunto delimitado e único, representando o que oprime e marginaliza indivíduos inadequados à cisheteronorma junto às opressões por classe social e raça.

que via a minha presença como invasora, de um ambiente que, segundo Oliveira (2017, p. 175): “Não há pudor em tentar promover o apagamento de uma infância distintiva da cis heterossexualidade branca”. Passei a ver a escola como um ambiente atravessado por hierarquias, muito diferente da primeira impressão. Um poder sob o corpo discente, que estimulava a minha disposição em me considerar como um corpo e uma voz debilitada naquele espaço.

Discursos que foram estruturantes em um período traumático, fruto de experiências dialógicas, enquanto não me compreendia com clareza. Percebendo as Palavras direcionadas a mim muitas vezes como a pior arma nesse ataque, definidas por Sullivan (1997, p. 15) como “pedagogia do insulto”, ao reproduzir piadas, insinuações e expressões com finalidade de desqualificar Corpos nessa dominação simbólica.

Desistir era algo que passou pela minha cabeça por três anos seguidos. Infelizmente, mesmo sabendo que minha existência não era um erro, não permaneci na escola pela insistência de lutar e acreditar nas minhas potencialidades, mas pela obediência, adaptação, mudança e decisão de ver como acabado, um Corpo outro, ao qual por medo não teria mais condições de carregá-lo.

No protagonismo de me tornar figurante, até minhas notas e caligrafia incomodavam o outro por ser entendido como “feminino” demais. O vazio que habitava em minha definição me fazia questionar se os adjetivos destinados a mim pelos discursos do outro poderiam ocupar meu Corpo concretamente. Nesse distanciamento frente à própria vida, me vi em um processo de não aceitação do reconhecimento daquela imagem, constituída pelas vozes que fizeram a minha se sentir atrofiada.

Ao mesmo tempo em que me sinto confiante em dialogar com estes outros papéis que interpretei no passado, me pergunto frequentemente sobre minha legitimidade ao abordar tais temas. Se fui tão fraco frente à heteronormatividade, quem sou eu para escrever uma pesquisa sobre pessoas transgênero e não-binárias? Quem sou eu para investigar uma realidade que, mesmo pertencendo à sigla LGBTQIA+, escapam a minha experiência de vida e de pertencimento? Eu não sou uma pessoa trans, sou afetado pela branquitude e os privilégios que ela carrega, qual legitimidade eu tenho para isso?

Por branquitude, de acordo com Maria Aparecida Silva Bento (2002), entende-se tanto os traços da identidade social de pessoas classificadas como brancas, como as hierarquias que essa categoria identitária projeta nas implicações socioeconômicas, culturais e políticas. Pensá-la tem sido uma provocação muito recente, fomentando questionamento sobre os impactos dela em minha formação, refletindo sobre os privilégios por me enquadrar em tal identidade, onde todas as outras raças são constituídas em oposição.

A seguir apresenta-se o problema de pesquisa, objetivos e a metodologia adotada neste projeto.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

Como podemos compreender os atravessamentos do outro no processo de (re)conhecimento de si como corpo trans na experiência escolar a partir da noção de alteridade bakhtiniana como constitutiva do sujeito?

1.5 OBJETIVO

Compreender, a partir da noção de alteridade bakhtiniana, como pessoas transgênero constroem, por meio da memória e estetização de si, as narrativas sobre o papel do outro no processo de subjetivação e construção identitária durante seu processo formativo na escola.

1.5.1 Objetivos Específicos

- a) Promover a escuta e a interpretação, como ato responsável, dos modos como as/es/os participantes da pesquisa dizem o outro, pertencente ao espaço da escola, família e sociedade, no processo de reconhecimento de si como pessoas transgênero.
- b) Analisar, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, como os eventos vividos no cotidiano formativo (insultos, reações, restrições, humilhações, ações de acolhimentos e proteção) narrados pelos/as participantes, podem ter os/as afetado, e em que diferentes níveis e modos o espaço de

onde residem (meio oeste catarinense) implicou no (re)conhecimento de si como sujeitos transgênero.

- c) ilustrar como modo de interpretação artística do autor da investigação, após a análise de conteúdo das entrevistas. De forma subjetiva e aberta elaborar a sua interpretação autoral sobre as memórias, onde os signos adotados carregam concepções também bakhtinianas.

1.6 MÉTODO E METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada, onde a partir dos pressupostos da Análise dialógica do Discurso foram analisadas a construção de memória de pessoas trans sobre os espaços formativos. De acordo com Fazenda e Godoy (2015, p. 64), quando um pesquisador entra em campo para pesquisar “inevitavelmente traz consigo as suas lentes – por meio da qual ele vê a pesquisa – e toda uma bagagem intelectual e experiência de vida”, sendo assim, neste texto, trabalhei com artes que ilustram alguns momentos da escrita, sejam de minhas próprias narrativas, conceitos teóricos que me provocaram a estetizar, e do diálogo com os participantes. Desta forma, o pesquisador sendo o primeiro instrumento da pesquisa tendo em vista que neste caso, vivenciei e experienciei, em meu próprio corpo/mente o que seria o projeto *Vozes em evasão*.

Assim que o projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPR – em 10 de novembro de 2021, cinco sujeitos que residem no oeste de Santa Catarina foram convidados para fazer parte desta investigação. Este número reduzido de participantes foi definido para que permita uma análise e compreensão aprofundada de suas falas. Entre estes/as participantes, adultos/as com idade entre 18 e 28 anos compuseram o grupo, todos/todas eles/elas vivem em áreas com indicadores de vulnerabilidade social, em cidades interioranas, com destaque para os municípios de Videira, Caçador, Joaçaba e Fraiburgo.

Para a abordagem dos/as participantes, definiu-se a entrevista como estratégia de geração de dados, mapeando as “práticas, crenças, valores e

sistemas classificatórios de universos sociais”, indicados por Duarte (2004, p. 215) como uma ferramenta fundamental para alcançá-las.

Abaixo, é apresentado como o convite para estes participantes foi encaminhado via redes sociais. Um vídeo [formato Mp4] foi elaborado e encaminhado para cada um dos possíveis participantes, para garantir a compreensão dos requisitos do estudo e de que forma as conversas ocorreriam.

Figura 1 captura do vídeo enviado



Na mesma mensagem os termos de esclarecimento Livre e Consentido (Apêndice II) – foram apresentados e retomados no dia da entrevista.

As perguntas do roteiro de entrevista (Apêndice I) foram focadas na percepção dos/das participantes sobre três aspectos: 1) suas experiências em relação com a forma com que o outro o descrevia; 2) suas percepções sobre essas experiências no período de educação formal em todos os níveis; 3) sua própria (auto)percepção nos dias de hoje.

A construção desse roteiro partiu de questões pré-definidas, permitindo aos/às participantes discutir o tema proposto dentro de seu universo, objetivando provocar a memória dos/as participantes com foco no processo de autoconhecimento em relação às suas sexualidades, gêneros, raças, classes sociais e opressões múltiplas nas experiências vividas na escola.

Foram coletados, por meio destas entrevistas, indícios de como os/as participantes resgatam as memórias do período escolar, reconheceram o outro em suas narrativas e como se percebem e significam sua realidade atual. As entrevistas ocorreram por plataforma de reunião online, sendo gravadas vídeo e áudio com duração total de cinco horas, vinte e dois minutos e 42 segundos. (p1

x 02:02:42; p2 x 01:02:09; p3 50:21:02; p4 x 00:33:38; p5 00:55:47). Para a transcrição de suas falas foi utilizado aplicativos de conversão, analisadas posteriormente, com o total de 77 páginas, possibilitando o levantamento de informações que permitiram descrever e compreender este processo de interação, que se estabeleceu e se estabelece, no passado e presente.

A valorização da perspectiva dialógica se dá pela centralização do sujeito e sua relação com o outro, dada “pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico” (BRAIT, 2006, p. 29).

A partir das reflexões possibilitadas pelo dialogismo, foi percebido que a organização da análise individual de cada participante possibilitaria uma maior valorização de suas subjetividades, não as fragmentando. Apostei em uma escuta sensível de atenção para as interações ocorridas enquanto as conversas aconteciam, enquanto pesquisador e entrevistado/da.

Os resultados alcançados com as narrativas dos/as participantes, por meio da abordagem e roteiro descrito acima, passaram pela análise dialógica do discurso, direcionando a principal estratégia metodológica desta investigação, onde foram considerados os apontamentos de Brait (2018) a partir da obra do Círculo de Bakhtin, tomada como marco teórico para este trabalho científico.

O Círculo⁶ de Bakhtin, grupo de intelectuais que constituíram a teoria bakhtiniana, segundo Brait (2006, p. 10) afirma, não estabeleceu “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada”, mas que a partir de suas reflexões, estimularam o exercício de uma análise direcionada, já que segundo a autora “não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana”.

Aqui, as Ciências Humanas são entendidas pelo Círculo de Bakhtin como ciências do discurso, já que o que há de fundamentalmente humano no indivíduo é o fato de ser um sujeito produtor de textos/discursos (orais e escritos,

⁶ O círculo é composto por Bakhtin, Volochinov, Medvedev, entre outros. Já o conceito de análise dialógica do discurso foi difundido no Brasil por Beth Brait.

verbais e não verbais). Assim, essa relação passa a ser refletida também na ciência, influenciando a escolha ao optar por essa abordagem, já que, a partir da interação entre o pesquisador e os/as participantes da pesquisa, são como retratista e sujeitos retratados, ambos, produtores de textos/discursos, o que, segundo Amorim (2006, p. 98), “confere às Ciências Humanas um caráter dialógico”.

Assim, de acordo com Brait (2006, p. 13), essa possível apropriação como trabalho metodológico, analítico e interpretativo ocorre por meio da herança advinda da linguística de “esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados”, promovendo a análise dos enunciados e, conseqüentemente, dos/as falantes, dos/as interlocutores/as bem como das relações projetadas na e pela enunciação (BRAIT, 2018) e que podem ser bem empregadas no objeto deste estudo.

1.7 PARTICIPANTES

Para a seleção foram considerados dois critérios: 1) indivíduos que se declararam como transgêneros; 2) ter experiências em algum momento com a educação formal dentro da região, seja do ensino fundamental, médio ou superior (este segundo critério foi estabelecido para facilitar o acesso aos conteúdos mais diversos em relação à educação). Também foram consideradas experiências de vida além de sua escolaridade, já que poderiam descrever com mais precisão episódios fora dos espaços educativos devido às suas condições de gênero, sexualidade, raça e classe social, que podem também os terem influenciado na escola.

Foram convidados dez participantes para compor esta investigação, dos quais quatro não aceitaram no primeiro contato. Um dos convidados, apesar de ter aceito o convite, não teve disponibilidade de agenda para o período das datas propostas atreladas ao cronograma da pesquisa, desta forma, cinco participantes compuseram o grupo de entrevistados que apresentou a seguir, em um conjunto de dados e informações individuais.

1.7.1 Participante I

A primeira participante nasceu em São Paulo no ano de 1993, em uma família numerosa, considerada classe média. Em seus primeiros anos seus pais moravam junto com os avós paternos pela pouca estrutura e condições financeiras de sua mãe e seu pai para criá-la, que em 1993 tinham respectivamente 14 e 18 anos.

Sua relação com Santa Catarina iniciou cedo, já que veio ainda criança para o sul e permaneceu durante boa parte de sua vida, e mesmo havendo algumas mudanças de espaço ao longo do tempo, nessas suas idas e vindas de Santa Catarina davam a ela a oportunidade de conhecer e vivenciar outras personas possibilitadas por estas mudanças, experienciando vivências únicas como o circo, que a aproximou da arte Drag, e até mesmo a prostituição, a qual até os dias de hoje recorre em momentos de crise. Experiências que a levaram a alcançar a identidade que hoje se identifica e orgulha-se como travesti aos 28 anos, casada e voltando a residir São Paulo em um momento mais tranquilo do que no passado.

Considera que seu processo de transição começou cedo, quando estava ainda na escola, e mesmo na época sem definir-se, via o seu corpo como um espaço de manifestação, andando pelos corredores e escadas de uma escola sem cores de formas que jamais passaria despercebida. Pela falta de acompanhamento médico no seu processo transexualizador, sozinha, por meio da ingestão de hormônios femininos, a decisão partiu bastante jovem, mas tendo algumas pausas durante por conta de conflitos familiares.

Hoje reconhece-se como travesti, se interessando afetiva e sexualmente por homens heterossexuais, e não deseja fazer a cirurgia de transgenitalização.

1.7.2 Participante II

É um homem que iniciou sua transição há pouco mais de um ano, três anos após assumir-se como bissexual. Assim como a primeira entrevistada, não é natural de Santa Catarina, mas de São Paulo Capital, onde ainda permanece a maior parte de sua família.

Veio para a cidade de Joaçaba ainda criança, teve seu ensino fundamental e médio em escolas públicas e hoje está em sua segunda graduação em andamento, estudando publicidade em uma universidade particular da região, tendo a primeira aproximação com área ainda na escola, onde se destacava com seus desenhos.

Hoje, aos 23 anos, se reconhece como um homem transexual que se atrai afetiva e sexualmente por homens e mulheres. Ainda não iniciou seu processo de transição com hormônios masculinos, mas mostrou interesse a longo prazo, desejando também fazer mamoplastia.

1.7.3 Participante III

A participante tem 23 anos, nasceu e reside até hoje na cidade de Videira – SC, tem uma família que a apoiou durante a transição, principalmente por conta de seu irmão, um homem trans de 30 anos que passou pela transição há pelo menos 5 anos antes da irmã nova, abrindo portas para esse processo que também levou a apoiar e abrir portas para mais integrantes LGBTQIA+ de sua família se sentirem confortáveis, sendo uma relação bastante livre e diversa.

Concluiu o ensino médio já sendo referida pelo nome social reivindicado por ela, relatando o respeito e o apoio pela escola e professores. Hoje trabalha em setores pouco receptivos com a diversidade, sempre desafiando a quebra de estigmas, vinculando-se a empresas e cargos bastante entrelaçados a papéis socialmente considerados como masculinos e orgulha-se disso.

Escolheu não passar pelo processo de bloqueio hormonal, e não mostra interesse, já que está feliz e satisfeita com seu corpo, considerando-se uma mulher trans atraída afetiva e sexualmente por homens.

1.7.4 Participante IV

O participante mais jovem a constituir o grupo definido para esta pesquisa, alcançando a compreensão da família aos 18 anos, atualmente. Antes do reconhecimento como trans, assumiu-se como lésbica há três anos e não teve uma boa recepção. Com o passar do tempo e com o auxílio da religião (umbanda) a família o acolheu tendo uma convivência tranquila. Atualmente é

casado com uma mulher, se identificando como homem transexual heterossexual, branco e classe baixa.

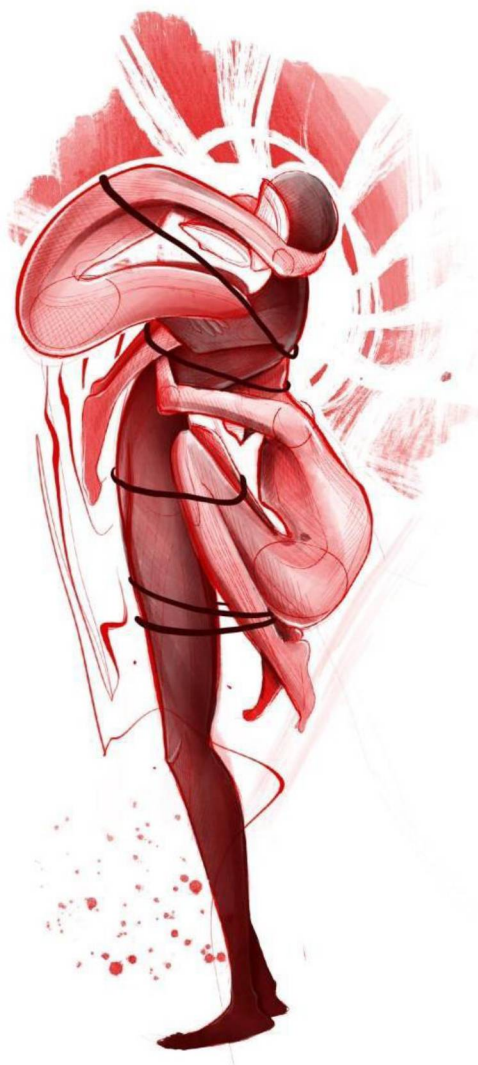
Entre todos/todas os/as entrevistados/as, foi a conversa mais curta, durando apenas 36 minutos, resultando em respostas mais diretas. É natural de Videira – SC, e reside até hoje. Mesmo tendo uma trajetória semelhante as/aos demais participantes, a diferença de idade, e a recente recepção das pessoas em sua volta contribuiu de formas diversas com esta pesquisa, trazendo uma outra perspectiva geracional.

1.7.5 Participante V

É uma mulher trans negra de 23 anos, natural de Tangará, em Santa Catarina, aponta a questão de ser filha única como uma das principais causas dos conflitos internos com sua família, onde percebia muitas expectativas depositadas sobre ela, exigindo uma adaptação aos padrões normativos.

Começou a ter contato com pessoas mais velhas do que sua faixa etária, iniciando sua participação em eventos e festas noturnas aos 16 anos, descobrindo um espaço onde sua diferença não era apontada. Por seu contato com pessoas mais velhas, segundo ela, teve um amadurecimento precoce, tornando-a bastante independente, decidindo iniciar sua transição enquanto ainda estava na escola com o auxílio de apoio psicológico que o próprio espaço escolar lhe proporcionou.

Hoje, mesmo usando em si signos associados ao universo feminino, não usa hormônios e não mostra interesse em usá-los ou fazer intervenções durante a vida. Reconhece-se como uma mulher trans, negra, classe baixa, pretendendo em breve fazer o curso de Educação Física pelo seu amor pela dança.



2 SOBRE O DIALOGISMO E A ESCUTA SENSÍVEL AO CORPO ESTRANHO: CONCEITOS E NOÇÕES FUNDAMENTAIS

Apesar da aproximação de pessoas LGBTQIA+ com a Educação ser uma abordagem recorrente, já que a pauta nunca esteve em tanta evidência, durante a pesquisa bibliográfica a partir dos descritores “diversidade”, “diversidade na Educação” e “transexualidade” no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, a partir de 2016 foram identificados poucos projetos com a proposta estratégica-metodológica similar à apresentada nesta investigação.

Entre os resultados de pesquisas que tivessem aderência a esta temática, identificou-se seis: 1) Análise das experiências sociais e subjetivas de mulheres trans: um estudo sobre rupturas e continuidades geracionais; 2) Crítica ao paradigma da diferença identitária dos corpos: transgressão de gênero como

ruptura ética; 3) Existe ‘universidade’ em pajubá?: transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans; 4) direito das pessoas trans à educação no município de São Paulo: histórias de abjeção, exclusão e resistência 5) Educação e sexualidade: a discriminação do público trans no contexto escolar; 6) Ensaio sobre a construção discursiva do corpo transgênero em perspectiva foucaultiana.

Entre as produções, destaco outras duas dissertações; Cartografias da transexualidade: a experiência escolar e outras tramas de Dayana Brunetto (2010), que mesmo fora do recorte definido entre os cinco anos de produções, por seu objetivo e estratégia de analisar as experiências transexuais na escola em participantes adultos pela perspectiva foucaultiana, foi a investigação que mais se aproximou com o tema, e a de Andrio Lacheta (2019) intitulada “Vocês acham que eu sou macho?": autoficção, masculinidade(s) do campo e o teatro universitário em perspectiva dialógica, que trata das questões de gênero pelo viés da masculinidade, usando sua própria vida como instrumento de análise e tendo Bakhtin e o círculo como aporte teórico metodológico.

Das oito produções acima, é identificada a forte influência do espaço onde elas ocorreram. Com exceção a dissertação de Lecheta (2019), grandes centros urbanos do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba configuram os ambientes em que as pesquisas ocorreram, o que difere desta dissertação, onde defino como escopo de pesquisa municípios interioranos, conservadores e menos abertos à discussão sobre a diversidade, assim como a última destas referências aqui apresentada.

Outro fator de impacto nestas pesquisas é como a educação, especificamente o espaço escolar, são relatados. A mudança de tempo e localização levam a modos diversos de tratar a relação das pessoas trans com a escola, e quando iniciei esta pesquisa, buscando referenciais de projetos similares ao que tinha como proposta, acreditava que a evasão escolar era uma realidade tão próxima das existências dissidentes, que previa que isso poderia se repetir aqui.

O que não aconteceu, dos seis participantes que tinham sido mapeados no início neste projeto, todos/todas tinham concluídos pelo menos o ensino médio. Isso era algo bastante relevante para esta investigação, já identificando

que nesses espaços poderia estar ocorrendo algo, evitando a fuga destas pessoas, não acontecendo o que era relatados nos estudos similares a este.

Era necessário buscar como essas pessoas passaram por todos aqueles processos, estranhando as interações e identificando possíveis estratégias a partir de suas vozes, analisando o que ressoava em seus discursos tentando observar as camadas sociais constitutivas de onde viveram.

Nestes ambientes, como a escola, parece cada vez mais oportuno e necessário esse exercício de desconfiar, ocupando este lugar de estranhamento, buscando deslocar-se da moralização, dando abertura para outros ritmos e rituais, rasurando o presumível e as posições fixas de uma realidade pré-estabelecida.

Assim, fez-se necessário construir as seguintes amarrações entre os conceitos bakhtinianos trazidos para a busca, como identificadores nos discursos que foram analisados na sequência, onde, a partir das relações de gênero, sexualidade, classe social e raça trouxeram nas falas pistas do que poderia acontecer no meio oeste de santa Catarina para que o cenário fosse diferente do que o trazido anteriormente.

2.1 SOBRE O DIALOGISMO

Neste momento estão contempladas concepções que atravessam as obras do Círculo de Bakhtin, o grupo de estudiosos russos, responsáveis pela série de reflexões filosófico/estético/linguístico, que hoje nos permitem compreender com maior propriedade alguns posicionamentos essenciais diante do discurso e da língua. Conceitos como alteridade, exotopia, cronotopo, autoria e memória foram utilizados como arcabouço teórico que embasam a análise que trago no próximo capítulo, e aqui iniciamos falando sobre o dialogismo.

Segundo Beth Brait (2006), um dos nomes que trouxe os estudos bakhtinianos para o Brasil, o dialogismo seria como um grande guarda-chuva, “uma maneira filosófico-antropológica de encarar a linguagem e o ser humano”, em que se constitui por uma série de conceitos que se inter-relacionam, como a responsabilidade (responsabilidade e resposta), signo ideológico, enunciado concreto/enunciação, texto, discurso, dentre outros, em que nos leva a entender que o nascimento do dialogismo acontece pelas interações.

Destas interações com o outro, ao trabalhar de forma pioneira, a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* contribui para a configuração destas relações e a participação do outro na constituição do sujeito e das suas identidades, surpreendendo-o como discurso presente no discurso, forma de heterogeneidade que aponta para dois ângulos: o outro como discurso e o outro como interlocutor.

Em obras literárias de sua época, percorrendo o discurso literário, o retórico, o jurídico e o político, foram observadas e identificados por Bakhtin como tramas sintáticas que buscou identificar presenças de vozes que se espelham, que se mimetizam, se antagonizam, articulando os conflitos existentes entre *eu/outro*.

Com extremo rigor, Bakhtin perseguirá no texto as várias formas de presença da palavra do outro, do discurso do outro no discurso do protagonista, descrevendo, analisando e apontando as consequências das diferenciadas relações suscitadas no que diz respeito a esse discurso, advindo ficcionalmente da projeção e desdobramento do *mesmo* em *outro*.

2.2 ALTERIDADE

Por meio desta trama sintática, Bakhtin encontra a matéria-prima para o estudo da alteridade, da interdiscursividade, do confronto de vozes. das formas de presença do outro na vida e no discurso, onde conforme Faraco (2006, p. 43), a alteridade se constitui como fundante para a teoria bakhtiniana, pois é preciso “passar pela consciência do outro para me constituir”, não sendo essa presença não apenas tangencial, mas constitutiva de nossa existência.

Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se, nos constituindo e nos transformando inconclusivamente sempre através do outro, onde “toda refração ideológica do ser em processo de formação”, ou seja, todos nós, é “acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante.”

Nos atos de interpretação e compreensão, a palavra alheia se faz sempre presente, em que na noção de alteridade se relaciona com pluralidade, heteroglossia, polissemia e vozes sociais.

A alteridade é fundamento da identidade; em “Estética da Criação Verbal”, Bakhtin afirma que “é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições”, o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com o outro.

2.3 CRONOTOPO

Nas obras de Bakhtin, podemos encontrar dois conceitos que tratam da relação espaço-tempo: o cronotopo e a exotopia. Como neste projeto falamos de memória e a ação de construí-la, faz-se necessário a busca por estas aproximações dos conceitos como suporte para a identificação de como o tempo é tratado nas narrativas dos sujeitos que fazem parte desta pesquisa.

Mesmo com similaridades, segundo Amorim (2012), cronotopo e exotopia são dois conceitos que foram criados em momentos distintos da vida de Bakhtin e que apresentam a relação espaço-tempo também de modos diferentes, pois “o primeiro foi concebido no âmbito estrito do texto literário; e o segundo refere-se à atividade criadora em geral” (AMORIM, 2012, p. 95).

Ao descrever o cronotopo como “tempo” e “espaço”, Bakhtin aponta que “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos de *cronotopo*” (BAKHTIN, 1992).

2.4 EXOTOPIA

Já a Exotopia e extralocalidade são categorias filosóficas de base sobre as quais Bakhtin desenvolverá suas considerações sobre as relações dialógicas entre o Autor e o Herói, possibilitando o desenvolvimento da ideia de excedente de visão, outro conceito bakhtiniano, que traz a relação do Eu com o outro, onde Bakhtin diz que “em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica de outro, é a relação com o outro enriquecida pelo excedente axiológico da visão para o acabamento transgrediente” (BAKHTIN, 2015, p. 175).

Diante do outro, estou fora dele. Não posso viver a vida dele. Da mesma forma que ele não pode viver a minha vida. Mesmo para compreender o outro,

vou até ele, mas volto ao meu lugar. Apenas do meu lugar, único, singular, ocupado apenas por mim, é que posso compreender o outro e estabelecer com ele uma interação.

A extralocalização é que põe meu compromisso ético na roda. Se outro vivesse minha vida, se pudesse ver o mundo como apenas eu vejo, se tivesse os mesmos pontos de vista que eu, então eu não precisaria pensar, e expressar meu olhar único sobre as coisas e a vida. A exotopia é minha possibilidade de responder. E é minha obrigação assumir minha responsabilidade. Ser responsivo e responsável são decorrências de minha extralocalização em relação ao outro.

2.5 IDENTIDADE

Nas mais variadas áreas de estudo, a identidade passa a ser entendida como um produto constituído pelo contato externo, por meio das relações sociais, frente à diferença e por intermédio da linguagem. O que leva às aproximações também com os estudos de Bakhtin e o Círculo.

Se cabe ao outro me fazer existir, como consequência tenho que me “incompletar”, sendo respondido por este outro, “rompendo os limites identitários fechados, prontos e estabelecidos por mim” (MIOTELLO, 2012, p. 13) que permite a ampliação do Eu por um outro ser que também é atravessado por um terceiro “ativo e respondente”, em um processo coletivo.

Ao identificar a *diferença* como fator preponderante nesta constituição do outro, Bakhtin apresenta que dentro desta relação há uma energia existencial de forças díspares e contrárias presentes no processo, contribuindo para a sua produção, identificadas pelo autor e o Círculo como: 1) Forças centrífugas: que compelem ao movimento, a mudança; 2) Forças centrípetas, que resistem ao devir, estabilizando e tornando homogêneas a padronização de determinados gêneros discursivos na interação e nas práticas sociais de linguagem, que como consequência, reverbera diretamente aos grupos e movimentos sociais que lutam contra o apagamentos da diversidade.

Uma voz do Eu moldada, mas que também molda o outro, seja pelo medo ou pela coragem de ser apontado, apontar, reconhecer e ser reconhecido como dissidente. Construídos por uma formação cultural e escolar, onde

possivelmente seriam reforçados códigos, normas e ideais destas forças centrípetas, determinantes para o processo de subjetivação e construção identitária dos sujeitos LGBTQIA+, e que nesse projeto definido o segmento T.

Na constante fuga pelo medo da rejeição dentro da escola, sempre me escondi atrás de alegorias. Pode não fazer tanto sentido, mas para passar despercebido, vi (e ainda vejo) a arte como um atalho para existir dentro de um mundo criado, que posso assistir a realidade concreta apenas pelas frestas que este “escudo” permitia e ainda permite. Na escola, minha arte chamava mais atenção do que minha estranha tentativa de reconhecer o “viado” que era tão citado ao me nomear, e vi nisso uma oportunidade. Ao usar da minha aproximação com ela, passei a ser reconhecido como o “aluno talentoso”, e *talentoso* era um adjetivo muito mais reconfortante do que os nomes injuriosos que ouvia.

2.6 ESCRITAS DO CORPO

Preciado (2014), ao provocar reflexões em seu subversivo *Manifesto contrassexual*, afirma que os discursos sobre gênero/sexo que performam o que é masculino ou feminino, constituem um sistema de escritura de um “texto” socialmente construído no/do corpo.

Um arquivo de sua história, no qual alguns destes códigos “escritos” se naturalizam, ficam elípticos ou são sistematicamente eliminados. Se analisamos a constituição do corpo desta maneira, estas “escritas” podem ser entendidas como “descritores” de uma existência definida pelo outro, que nos espaços conservadores por meio do insulto e piadas, interpreta sujeitos dissidentes como irregulares ou desviantes da cultura escolar tradicional.

Sendo estes indivíduos aqueles que apresentam a diferença (em momentos vista como desigualdades) e fáceis de serem percebidos em ambientes homogeneizados, há uma difícil aceitação do outro e muitas vezes de si mesmo ainda na fase de reconhecimento, resultando no processo de evasão, como visto nos projetos similares citados no início deste capítulo, mas que aqui poderíamos perceber que esta evasão não precisaria acontecer da forma de um total desaparecimento de sua materialidade no espaço escolar, mas também, no

lento e doloroso processo de silenciar sua existência, naturalizar a violência, na tentativa de apagar situações pelo medo da rejeição.

Em momentos de repressão em que ainda vivemos, a diferença nesta relação de um indivíduo que se encontra como dissidente pode ser cruel vista na interação com corpos alheios (BAKHTIN, 1992), já que pode haver uma dura imposição das limitações do que pode ou não constituir um sujeito caso ele não se enquadre nas normas vigentes.

Discursos que partem de dentro de um núcleo familiar desde seus primeiros anos, da escola em seu período formativo, das instituições religiosas ou da própria mídia, que exigem uma adaptação dos indivíduos para que se sintam pertencentes ou inclusos ao que se entende como feminino ou masculino, em um corpo “escrito” pelo outro, em que a representação, “mesmo que seja negativa, constitui os sujeitos” (SOBRAL, 2009, p. 57).

Este corpo material e construído, cujas escritas aparecem posteriormente aos sentidos dados pelo outro é fruto das vozes sociais. Só podemos construir este novo corpo quando são outras as mãos que o moldam e fazem surgir o que sozinho não poderia perceber, como os estereótipos dados a partir de gênero e sexualidade. Esta reflexão apropriada de Preciado (2008), se aproxima da concepção Bakhtiniana de Exotopia, que Amorim (2006, p. 102) retrata ao “tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar”.

A partir deste conceito podemos observar outras produções que carregam esta perspectiva, como o projeto de Andrio Lacheta (2019), onde o autor, a partir dos atravessamentos estéticos experienciados na relação com “os outros” em seu processo formativo, nos apresenta a força performativa que a relação do Eu com o outro produz em sua autoria e seus inevitáveis entrelaçamentos sociais. Tais movimentos concebem o ato criativo do autor, de um inescapável processo coautorial e, ao mesmo tempo, produzido por um indivíduo marcado por uma permanente singularidade de ser desviante da norma.

Essa relação, constitui sujeitos, como Paul Preciado e Andrio Lecheta, atravessados por vozes que os classificam e nomeiam através de uma linguagem. Por meio dela, podemos compreender o nosso papel ao “escrever” o outro, que também nos “escreve”, todos os dias.

Se cabe à linguagem articular as experiências das interações entre estes sujeitos, cabe a ela também organizar o ato enunciativo em sua dimensão pessoal, espacial e temporal, identificando estas estruturas que partem dos centros de valores: o eu e o outro. Nesta relação circulam ambivalências em suas linguagens que constituem o que Bakhtin e o Círculo definem como um dentre os principais temas desenvolvidos em seus estudos.

Seguindo esta perspectiva e proposta de aproximação heurística, todo indivíduo se constitui na/pela interação, sendo único e inacabado neste processo de “escritas” do corpo, em que ninguém pode ocupar o lugar de um outro impenetrável diante da “vida vivida”. Segundo Faraco (2011), na contemplação simultânea entre o Eu e o outro, o que é visto predominantemente no outro, só o outro vê em mim. Nesse ponto, Picanço (2020, p.109) contribui ao afirmar que em relação ao sujeito, esta relação “permite conhecer e dar a conhecer aquilo que não está em seu horizonte perceptível a não ser pelo movimento que sou capaz de fazer, pelo simples fato de existir”, ato que Bakhtin nominou de Excedente de visão.

Este conceito (Excedente de visão) trata da interação complementar e bidirecional da diferença entre dois pontos de vista, que se percebe no olhar de um outro sobre determinado objeto, volta ao seu “lugar exterior” para elaborar um “texto” sobre o que captou, e a fim de sintetizar o que absorveu, utiliza de seus valores, suas perspectivas, suas impressões e sua formação, para discorrer acerca do que viu, resultando na filtragem das “escritas”.

3 CONSTRUINDO MEMÓRIAS

Observar a vida e as pessoas é a maior matéria-prima para quem trabalha com a comunicação. Em meu trabalho como artista o meu grande prazer é justamente esse: ouvir diferentes histórias, relatos, pessoas e situações que de alguma forma marcaram suas vidas e querem eternizá-las. Apesar desta escrita ser inconclusa, sinto que também eternizarei muitas coisas aqui. Estas conversas me levam a diversos formatos de interpretação que estas narrativas podem ser alcançadas a partir da escuta.

A cada história contada abre as portas de um mundo novo, sabendo que ali vou encontrar oportunidades também para o meu crescimento pessoal. Quando me desafiei a trazer pessoas trans como minhas/meus participantes, sabia que algumas questões demandariam muito mais do que já tinha me disposto até hoje.

Não somente pelo preparo teórico; eu precisaria me sensibilizar, mas não a ponto de ultrapassar os limites da empatia; derrubar barreiras, mas ainda manter posições dialógico-enunciativas definidas e um certo distanciamento, para que não me perdesse na armadilha de ser um pesquisador branco e cis equivocado em uma apropriação indevida, principalmente quando se trata de temáticas envolvendo gênero, raça, sexualidade e classe social.

A forma de me colocar no texto é um bom ponto para dar início a este capítulo de análise, já que as posições e papéis interpretados ao analisar, ou como carinhosamente prefiro chamar, contar histórias, revelam e aproximam do objetivo principal desta investigação, o *dialogismo* como um caminho possível na compreensão, a partir da experiência de vida de pessoas trans e suas memórias de espaços formativos, de como são constituídas em suas relações com o(s) outro(s) e pelo(s) outro(s).

Ao me colocar nesta posição de analista, precisei buscar qual seria a minha estratégia. Escrever não é uma de minhas potencialidades, sempre precisei recorrer a outras formas de expressão, como o desenho, pois as palavras me travam. Mas além de minhas inseguranças, percebi que por meio da análise dialógica, seria impossível a minha escuta, leitura e interpretação passar ilesas do que sou. Uma análise dialógica feita por um artista não teria

outra direção a não ser a própria arte como caminho possível ao contar estas histórias.

Ao resgatar memórias do passado, as vozes das(os) participantes faziam surgir o outro em lembranças resguardadas, que em algumas vezes eram tomadas por elas/eles como se fossem os/as narradores/as. Uma espécie de biografia ou autobiografia, que se curva tanto para o lado da ficção, quanto para o da história de suas vidas de um espaço também (re)inventado.

A relação entre “verdade” e ficção é o que mais me instigou desde o início deste projeto, definindo qual o tom que usaria na análise, principalmente quando a pesquisa foi, a cada dia, se aproximando mais da arte. Classificar rigorosamente o que se discorre entre a ficção e não ficção no processo de construção destes discursos, ou o grau de veracidade, não foi o elemento mais importante buscado. Busquei investigar como se formaram estas memórias, que a partir de uma leitura do passado “são matizadas pelas condições do presente” (BENTO, 2006, p. 167) que se renova durante suas falas.

Além do ato de se narrar, aponto como diferencial para com outros projetos feitos a partir da análise dialógica do discurso, a importância do papel como ouvinte neste processo, que, confrontado com meu pensamento interior, mediante a aproximação ou distanciamento de minha própria matiz dessas histórias, como artista, não poderia interpretar e apresentar esta análise de outra forma a não ser também ilustrando-as.

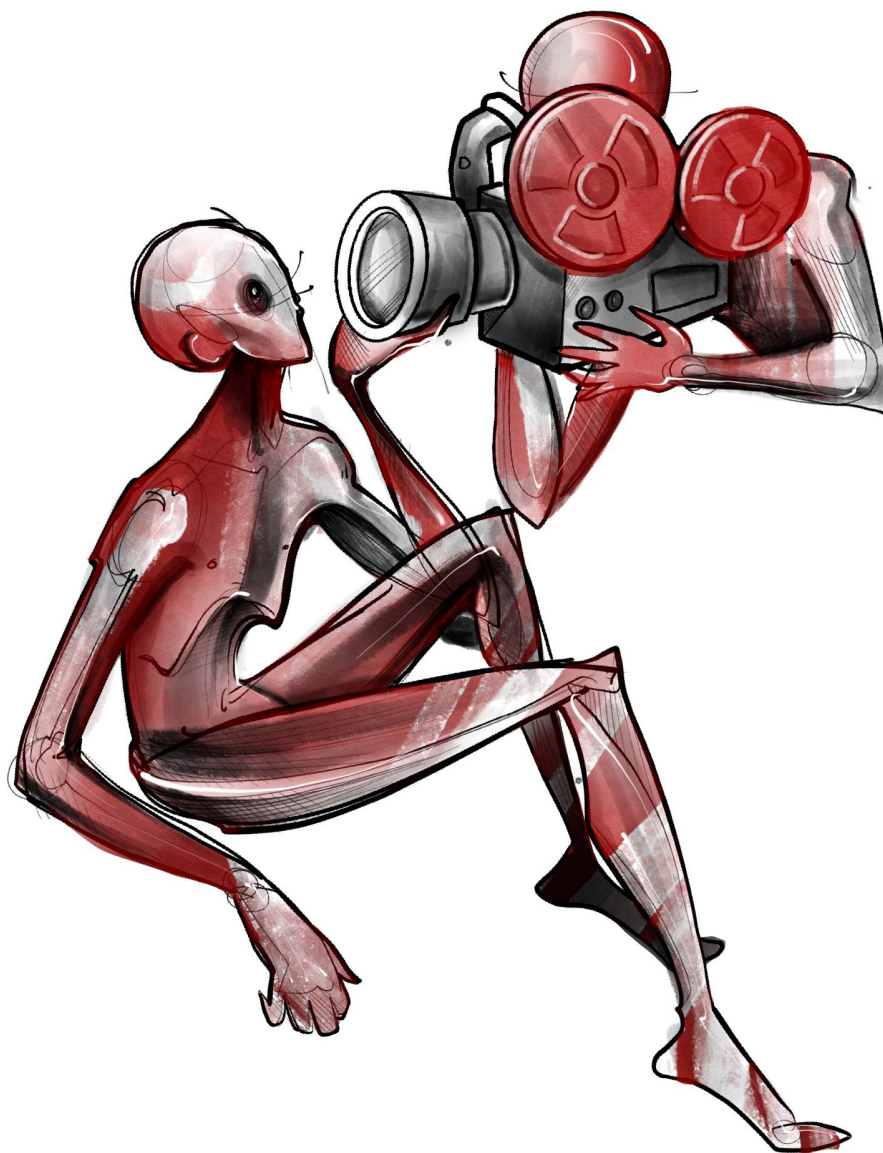
Ao mesmo tempo que esta aproximação artística me instigava a produzir as análises, a maior dúvida que tinha ao ler Bakhtin e ir a campo era justamente sobre a dualidade entre a ficção e a realidade, que via como campos sensíveis e de difícil aproximação.

Parecia um desafio apropriar-me de conceitos usados em análises e críticas do autor e aplicá-los às vozes dessas pessoas. Como eu poderia comparar a vida de alguém que vive nas franjas da sociedade, marginalizada todos os dias com um conto ou um romance? Eu estava romantizando as lutas sociais? Queria produzir minha arte usando-as apenas como matéria prima? Isso me pareceu bastante problemático. Mas foi quando na primeira entrevista os primeiros sinais começaram a aparecer:

Sempre imaginei minha vida como um filme, que seria incrível e eu morreria na melhor parte, onde todos iriam se lembrar de mim como alguém importante (a garota do sofá).

Bakhtin usava a literatura como o seu objeto de análise por ser um material verbal estabilizado, “acabado”, e assim, abrindo acesso para o analista enxergar as camadas que constituem a vida em uma obra, o que nunca seria comparado a uma vida que está aqui, ao meu lado, ou a minha própria vida ao escutar esse outro ainda em constante construção do ser.

No entanto, quando uma das participantes se compara, em recuo com a própria vida, com um filme, estes questionamentos se tornaram pulsantes.



Não era uma associação que partia somente da minha cabeça, ou uma tentativa de invenção criativa, mas também na fala de uma das pessoas entrevistadas, exigindo um posicionamento em analisar “enunciados da fala da vida e das ações cotidianas, porque em tal fala já estão embutidas as bases, as potencialidades da forma artística” (VOLOSHINOV, 1927, p. 4).

Narrativas percebidas em um plano plástico-pictural como artista-pesquisador, revestido de “carne externa essa personagem central da vida e do sonho centrado na vida” (BAKHTIN, 2010b, p. 27) como a primeira tarefa do artista.

UM
CORPO
ESCRITO



FOR
DIVERSAS
MÃOS

3.1 A GAROTA DO SOFÁ

Mesmo sem a intenção de organizar esta escrita na ordem cronológica das entrevistas efetuadas, escolhi iniciar contando a primeira que entrevistei. Se minha intenção das entrevistas era a busca pela construção das memórias sobre o espaço escolar, a memória da garota do sofá, título que explicarei a frente, era a que mais se aproximava com a minha, já que compartilhamos o mesmo cenário onde estas lembranças foram resgatadas e convivemos com os mesmos personagens que nelas participam.

Minha primeira aproximação com a entrevistada aconteceu indiretamente no ano de 2012, quando eu tinha 13 anos e ela 19. Por conta de nossa diferença de idade e os anos que separavam nossas turmas, não éramos próximos na época, fazendo com que esse nosso encontro oficial demorasse mais tempo para acontecer.

Citando algumas características e amizades em comum naquela época, a associação com a figura das pessoas que descrevi foram aparecendo aos poucos frente à participante, diferente dos demais entrevistados. Enquanto conversávamos, as memórias eram construídas em conjunto, já que alguns nomes e rostos esquecidos pelo tempo, eram resgatados de maneira que talvez não seria tão detalhada se expressa individualmente.

Nesse primeiro momento, instigando também a lembrar da imagem daquela que conheci no passado, lembro da figura que estava do outro lado da tela da chamada de vídeo, sempre muito comunicativa, à frente de todas as apresentações e dinâmicas propostas pela nossa antiga escola. Se tratava de alguém que chamava atenção de todos.

Para minha felicidade, nada daquilo que recordava tinha mudado, me proporcionando longa e detalhada conversa, que não foi linear e nem fáceis de organizar nesta análise, mas que despertaram em mim memórias que também não lembrava que existiam.

Chamo a participante de garota do sofá, título desta análise, pois foi o nome escolhido pela própria, que se autodenomina e gosta de ser chamada assim na internet, onde compartilha suas experiências de vida e de trabalho, preservando sua intimidade. Esse nome se deu por conta do cenário de fundo

dos seus vídeos, um sofá de dois lugares como uma capa vermelha cintilante, onde se apresenta sentada, sempre em trajes esvoaçantes e com transparência.

No dia da entrevista, aquele cenário era diferente, ao invés das imagens que já tinha visto antes. Uma câmera com enquadramento horizontal valorizava seu corpo, na nossa conversa seu rosto e sua voz eram os protagonistas e ocupavam cada segundo das horas que passamos conversando.

Iniciando nossa entrevista e separados por quilômetros de distância, incitei a primeira pergunta: *qual a sua história?* E, sem perder tempo, a pergunta retornou a mim:

Você quer que eu fale de minha vida, ou sobre o que vivi em Lebon Régis?

Frente ao questionamento citado acima, seguiram alguns segundos de silêncio entre nós. Fiquei pensativo e não sabia exatamente como prosseguir. Era a primeira entrevista que tinha feito em minha vida e já naquele primeiro momento soube que um roteiro não era a garantia de saber o que fazer, muito pelo contrário; eu não sabia o que fazer.

Soube que não seria apenas um contemplador ou um ouvinte (FREITAS, 2007) mas um sujeito ativo que produziria uma forma dialógica de interação enquanto a ouvia, uma troca entre entrevistador e entrevistada, que em pouco tempo oportunizaria uma aproximação ainda maior.

Uma compreensão ativa e responsiva, de perceber que as perguntas que havia planejado carregavam em si indícios de respostas (BAKHTIN, 1992) percebido, ou desmascarado pela participante nos primeiros segundos. Ela me colocou em posição de refletir sobre meu papel e minha responsabilidade, de reflexões que foram provocadas, pois entendi exatamente sobre o que a participante estava se referindo. Se não a conhecesse, provavelmente esta pergunta com ar de indireta teria outra entonação.

Lebon Régis, em Santa Catarina, foi o cenário onde toda a fase escolar da participante ocorreu. Por se tratar de uma pesquisa que trazia a Educação como tema e as lembranças com objeto de pesquisa, o tom usado pela participante era uma provocação e não apenas um direcionamento ou dúvida sobre a nossa conversa.

A participante chegou em Santa Catarina aos oito anos de idade, havia lembranças antes disso, de sua infância em São Paulo, de mudanças e de sua família, que foram contadas mais à frente. Mas o que a levou a postergar esta etapa no primeiro momento? Minha influência sobre a pergunta? Ou a relevância que Lebon Régis tinha para ser citado tão rapidamente ao contar sobre a história de sua vida?

Segundo Bakhtin (1997), produzimos a história e somos produzidos por ela, o que revela nosso caráter de sujeitos ativos e inacabados. Não sei se foi uma coincidência ou uma associação que a entrevistada fez ao ser lembrada sobre do que se tratava o projeto, antes da entrevista começar. Esta dúvida me acompanhou por algum tempo, já que, ao analisar suas falas após este início, foi nítido perceber que estar naquele espaço, em Lebon Régis, e conseqüentemente como era vista na escola, pareceu-me muito mais relevante ao falar sobre a história da sua vida, do que citar a própria casa ou família.

*Eu era um menino bem **branquinho**, olhos de jabuticaba e cabelo lisinho, uma criança bem dada, mas a escola inteira se sentia incomodada comigo, pelo meu tamanho, meu jeitinho afeminado.*

Quando questionada sobre sua história, diferente das palavras amorosas dos lábios da mãe ou familiares, vemos que a participante recorre diretamente a seu nascimento pela visão de um outro por este “incomodo”, por meio das “palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção” (BAKHTIN, 1992, p. 315), que viria a ser apontadas pelo seu tamanho e os signos de seu corpo que apresentavam características do feminino e naquele espaço eram julgados.

Neste processo de construir discursivamente seu passado a partir deste nascimento social, na concepção Bakhtiniana de *exotopia*, sintetiza o ato de situar-se em um lugar exterior (AMORIM, 2006), aproximando a narrativa da participante dos apontamentos do outro, uma vez que é este alguém externo que deu acabamento a ela. Desde o primeiro momento e durante a entrevista, ao construir as memórias, rememora-os.

A singularidade de quem fala, articulada pelo *excedente de visão*, outro conceito bakhtiniano, revela que é pela *memória* que se fundamenta o estético e o ético, conceituando a ação da entrevistada ao referir-se com estas

características antes de qualquer coisa, como olhos de **jabuticaba**; **cabelo lisinho**; **jeitinho afeminado**, sendo a construção destas memórias, fruto do modo como foram compartilhados os olhares do outro durante sua vida.

Quando a participante fala que “**Sempre fui bem dada**”, refere-se a se reconhecer como uma criança extrovertida. Todos a conheciam por tomar frente nas dinâmicas e propostas culturais da escola, como apresentações, danças e teatros, áreas em que se destacava pela sua ótima dicção, interpretação e protagonismo. Papel sempre carregado por um humor exacerbado, de uma existência que estimulava múltiplas reações em quem a via, seja rindo de suas frases de efeito, apropriadas de sátiras sobre a homossexualidade nas mídias da época, ou rindo de sua existência “estranha” e tão provocativa.

Logo após descrever-se na infância, a garota do sofá reproduz *cronotopicamente* (BAKHTIN, 1992) o cenário onde viveu esses anos:

Nossa casa era um sobrado branco. Na rua havia um jardim das camélias, eu lembro muito bem, era uma “subidona”. Meus avós tinham a casa em frente, e a irmã da minha vó morava atrás, no mesmo quintal. Ao lado tinha minha madrinha e atrás dela a outra irmã da minha vó.

O ambiente é comum em cidades interioranas, em um mesmo terreno constroem-se casas para todos os membros familiares, um ao lado do outro, sem muros, cercas ou sem qualquer privacidade. O espaço descrito pela participante foi o mesmo em que sofreria os primeiros conflitos e abusos de sua vida.

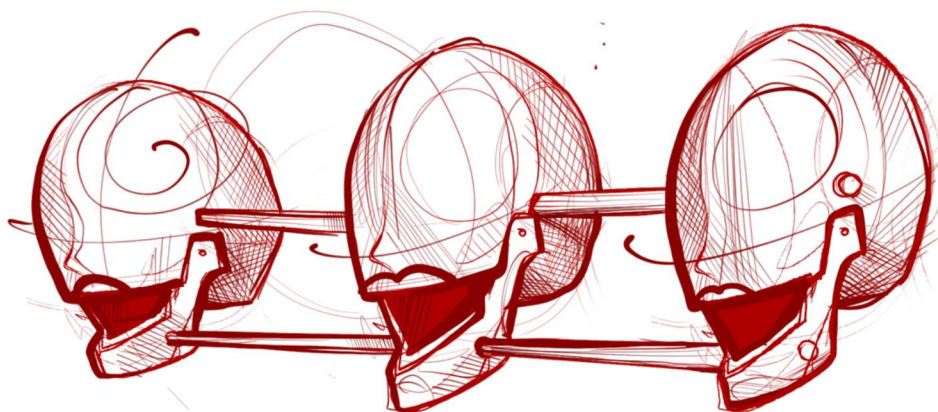
Uma das principais características desta conversa é que, mesmo relatando diversas situações de abuso sexual, violências em casa, na escola em cenários narrados detalhadamente, a participante ainda mantinha o bom humor que já conhecia no passado, mas agora um humor muito mais “ácido” do que antes, talvez como uma tentativa de tirar maior proveito de todas as situações e desviando do quanto aquelas lembranças poderia feri-la.

Assuntos tão delicados e traumáticos eram revividos por meio de sorrisos, deboches, sátiras, onde aparentemente as palavras, os nomes e momentos não a abalavam ao verbalizar:

*Minha vó **jararaca**, era uma mulher de mais ou menos 1,70 de altura, magra, cabelo bem curto vermelho... fumava igual um **saci** [rindo]. O marido dela era um **negão** de quase 2 metros, braços fortes, e a filha*

*dela... irmã da minha mãe, era uma menina **gorducha** de cabelo **crespo** e **bigode** [rindo].*

Percebe-se que a participante não poupa detalhes na descrição dos personagens da sua história. Os adjetivos admitidos por ela deixam transparecer vozes *sociais* que ressoam preconceitos e fobias, possivelmente incorporados através do próprio ambiente em que cresceu, onde o racismo era exercido, já que “nosso discurso está repleto de palavras alheias, transmitidas com todos os diversos graus de precisão e imparcialidade” (BAKHTIN, 2015, p. 130).



Além dos adjetivos com tom racista, usados de forma irônica, rindo ao falar das próprias lembranças de pessoas que a fizeram mal de muitas formas, a entrevistada apresenta o riso como fuga da realidade, sendo possivelmente a principal estratégia por ela adotada, como “máscaras” durante toda a entrevista, negando e fugindo de qualquer fragilidade que poderia ser natural por alguém já experienciou algo similar:

*Me lembro como se fosse hoje do **padrasto da minha mãe** me acordando, e me chamando para ir lá fora, e eu indo com ele, era madrugada. Ele me colocou “encostado” no tanque.*

Era um cheiro de homem suado com sabonete [rindo], ele baixou as calças e colocou o pau para fora, era enorme [rindo], se abaixou até meu ouvido e disse que se eu gritasse, minha avó iria me bater muito...bom, ali perdi minha virgindade.

Bakhtin nos diz que “não há literalmente nada de que não possamos rir – o sol, as árvores, os pensamentos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1926, p. 12),

porém, ao estar em frente a narrativa do estupro de uma criança de 8 anos, o riso e o humor não é o gênero esperado para se ouvir ressoando da própria vítima ao relatar o fato vivido.

Ao citar “padrasto da minha mãe”, ao referir-se a figura do violentador, marca um distanciamento maior desse homem: ela não é meu parente, no máximo, da minha mãe. Uma situação como essa, de abuso de uma vulnerável que conta sobre sua própria vida, não é fácil de se lidar como pesquisador, ainda mais frente ao tom adotado na fala da participante, o cômico, tratando de algo tão trágico.

O pensamento trágico na filosofia bakhtiniana está ao “compreender a vida e os discursos como constantes embates de ideologias cotidianas e oficiais”. O movimento, as inversões, a ruptura com o eu cartesiano (BAKHTIN, 1997, p. 51) apresentando o inesperado. Foi o que aconteceu durante a conversa. Bakhtin adverte que, ao reacentuar um gênero triste e negativo, como a temática que estas narrativas da participante carregam, com um tom jocoso-alegre Tom percebido na fala da entrevistada, o que surge a partir disso é “alguma coisa nova, por exemplo, o gênero epitáfio jocoso” (BAKHTIN, 2010b, p. 293).

A participante foi uma das primeiras referências LGBT em minha vida, acompanhá-la foi um processo natural e, mesmo a conhecendo, jamais poderia imaginar que aquela pessoa tão alegre e extrovertida, teria vivenciado algo do tipo, ou que aqueles membros de sua família, os quais eu também conhecia, poderiam ter sido tão cruéis com ela.

*Chegava em casa e **não iria ficar reclamando para minha vó**, ela já trabalhava o bastante, então dizia que estava tudo bem para todos que moravam ou conviviam comigo... era coisa normal, as pessoas me zoar, rir de mim, era coisa de escola, eu que era fresca demais.*

O uso do tempo verbal na frase “**não iria ficar reclamando para minha vó**” mostra que ela considerava falar, mas algo a impedia de fazê-lo: diferente de dizer eu não ficava reclamando, ela dizia “não iria ficar reclamando”.

Aqui também vemos que possivelmente este apagamento do que sentia deve ser consequência do que escutou ser direcionado às pessoas que reclamam dos abusos sofridos na escola ao citar que “era fresca demais”, onde ela parece naturalizar o riso que provocava nos outros.

Em momento algum a entrevistada se colocou como fragilizada pelo que passou, conta sua vida como uma história de superação, de força e que a motivou buscar ser diferente, e mudar definitivamente nunca foi um problema. Conheci tantas versões da participante que, encontrar ela nessa entrevista, mesmo que por videochamada, também me causava curiosidade em saber como a veria.

E ela sempre mudou sua aparência, seu cabelo já esteve de todas as cores. A meia calça arrastão compunha com frequência seu vestuário, formado por peças justas e curtas. Alguém que sempre se adaptava, chocava, mas os julgamentos não abalavam sua rebeldia ao vestir-se ou seu desempenho em sala de aula. Ao referir-se à escola, diz:

O D... que chegou em Lebon Régis, tipo assim... todo mundo gostava, porque era um aluno excelente.

Em uma dinâmica *exotópica*, este foi o primeiro momento que a participante citava seu *nome morto*⁷, expondo versões de quem foi algum dia, de um outro localizado *cronotopicamente* ao tratar de si mesma na terceira pessoa, referindo-se ao passado, sem pensar em seu nome hoje. Algo que tentei desviar nas entrevistas pelo meu receio de deixar as/os participantes desconfortáveis, mas que para a entrevistada é tomada de forma naturalizada a todo momento.

Muitas pessoas perguntam pra mim como é minha relação com o D... Ai, o D... morreu...não, ele não morreu! Se eu negar a existência dele, eu vou "estar negando" a minha existência, entende? Eu sei que não são todas, eu sei que rola um negócio de transfobia aí, mas eu acho que negar algumas partes é negar uma parte de mim.

Bakhtin, em sua teoria para exemplificar a relação do Eu com o outro, apropria-se de textos literários onde o autor considera que “o romance é um heterodiscurso social [uma diversidade de vozes] artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual” (BAKHTIN, 2015, p. 29). Ao abordar pessoas trans na busca da construção sobre a experiência escolar (que logo se expandiu para as memórias desde a infância

⁷ O uso do nome de nascimento ou outro nome anterior (chamado de nome-morto, do inglês **deadname**) de uma pessoa transgênero ou não binária sem seu consentimento. Durante as entrevistas os nomes apareceram espontaneamente pelos participantes.

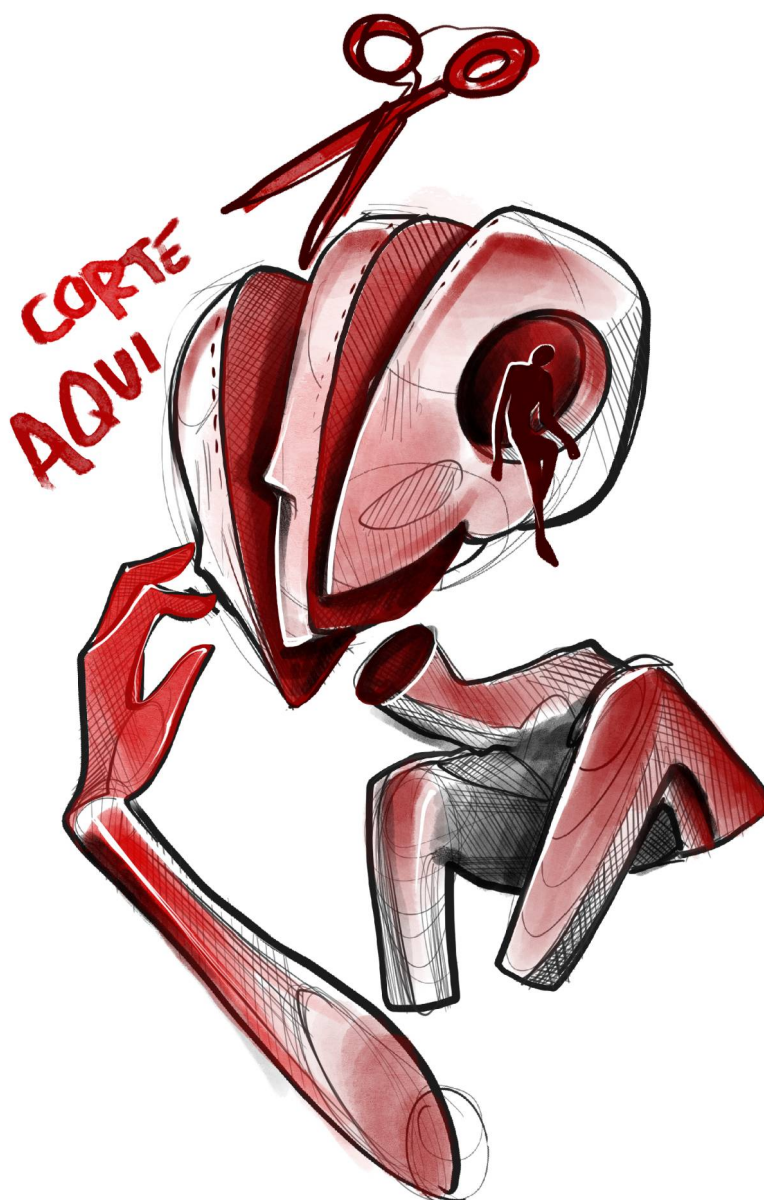
até a fase adulta), este recuo frente a própria vida, pareceu-me um processo muito diferente do que já tinha visto até então.

O pensamento dá conta de situar-me no mesmo plano com todos os outros indivíduos, porque no pensamento eu me abstraio, antes de tudo, do lugar único que eu – o único indivíduo, ocupo na existência, e, conseqüentemente, me abstraio da singularidade concreto-evidente do mundo. Por isso o pensamento desconhece as dificuldades éticas e estéticas da auto-objetivação. A objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro, e era o que estava acontecendo enquanto a ouvia.

Não se tratava apenas de um deslocamento abstrato de se ver no passado, era ver-se como um outro na forma mais literal possível, materializando a *exotopia*, em que sequer a imagem, nome, personalidade ou corpo se assemelhava com quem a participante se apresenta hoje.

Eu estava frente a algo que nunca tinha visto, na interação do Eu com o outro, as limitações do horizonte que carrego e que jamais poderia ver sem a visão deste Outro, ali parecia ver um corpo que não se reconhecia mais com quem era, um outro nome, corpo e personalidade. Uma relação que ultrapassa a simples interação, era uma desconexão do corpo além do tempo e espaço. A participante estava excedendo a própria visão, de um outro se vendo como outro e usando desta divisão como um modo de organizar as partes de sua história, de um cronotopo que, na fala da participante tinha um nome próprio, e não era o dela, não era ela.

Era separada do plano da autossensação interna sem desligar-se plenamente; “é como se eu me desdobrasse um pouco, mas não me desintegrasse definitivamente: o cordão umbilical da auto-sensação irá ligar minha imagem externa ao meu vivenciamento interior de mim mesmo” (BAKHTIN, 1992, p. 28). Uma alma alheia pode ganhar consistência a ponto de atingir certa autonomia: o despeito e certa exacerbação de ânimo a que vem juntar-se nosso descontentamento com a imagem externa dão consistência a esse outro-autor possível da nossa imagem externa: é possível desconfiarmos dele, odiá-lo e quereremos destruí-lo: ao tentar combater certa avaliação possível totalmente formadora, eu lhe dou consistência a ponto de levá-la a uma autonomia de pessoa quase localizada na existência.



Quando a participante fala: **“eu sei que rola um negócio de transfobia aí”**, vemos o reconhecimento da luta pelo direito ao nome social de pessoas trans, uma pauta importante dentro das discussões sobre gênero. É percebido assim, que há privilégios sendo exercido pela participante, talvez por sua posição social, autoaceitação e estrutura emocional, que a possibilite lidar com seu passado de modo mais confortável.

Ver-se como um outro e interpretar papéis era uma prática corriqueira na vida da entrevistada. Talvez o modo que encontrou para organizar as fases

de sua vida agora contada manifestem a influência das experiências que já teve com a arte. O teatro apareceu desde cedo em sua vivência, a entrevistada destaca que na fase escolar passou muito tempo mantendo o bom desempenho em sala de aula através das estratégias de aproximação com o teatro durante as disciplinas:

Tudo na escola eu sempre ia pra esse lado, SEMPRE IA PRA ESSE LADO; Aí, tem que apresentar tal coisa “posso apresentar de forma teatral?” pode!

A ênfase ao repetir a primeira frase mostra o quão motivada era ela pela área. Destacar-se em sala ou nos eventos culturais proporcionaram a ela outros olhares, diferentes daqueles de julgamentos aos quais estava acostumada e que tinha tanto peso ao definir-se enquanto ainda estava se conhecendo.

Seu apreço pela arte foi se intensificando, na adolescência, quando relata um passo muito maior nesta aproximação, teve a oportunidade de conhecer o circo e, por trás do espetáculo, despertando interesses e novas personas que a influenciam no futuro.

*Chegou um circo na cidade, logo de cara eu lembro que conheci o “bahiano”, era um menino que fazia tudo, era o “coringão” lá... achava ele muito lindo, maravilhoso, e aquela coisa, meu deus... É UMA PESSOA LIVRE!
Naquela semana eu vivi mais no circo do que em casa, eu não estava mais nem indo para a escola, era um admirável mundo novo sabe? Tipo...Eu quero isso!*

Destaco aqui a admiração pela pessoa que a aproximou do circo, o **baiano**, que foi apresentado em sua narrativa por diversos adjetivos. A ênfase em “**era uma pessoa livre**” mostra o que a fez admirá-lo, não era somente por sua beleza, mas pela liberdade que tinha em viver um estilo de vida que de algum modo ela também desejava.

Após esse breve contato, mas de forma bastante intensa, a entrevistada decide acompanhá-los, indo para a cidade vizinha, Santa Cecília, onde permaneceriam mais de um mês. Como ainda era uma adolescente não teve o apoio de sua família, sendo um difícil processo para convencê-los a entrarem em um acordo para que pudesse ter aquela experiência.

A mãe da participante permitiu que a filha ficasse apenas um final de semana com o circo, e, caso não voltasse na data definida, iria buscá-la na cidade vizinha. Mas na época, ir até outra cidade não era tão fácil assim. Então o que era um fim de semana, tornou-se uma semana, e o que era uma semana, tornou-se um mês. Assim, três meses se passaram com a adolescente dentro do circo e longe da escola.

Se buscava o resgate das memórias sobre o espaço formativo, o circo foi um lugar determinante para a vida da garota do sofá. Participou de todas as funções possíveis durante esses três meses, seja no picadeiro, ou “por trás das cortinas”. Relata sua felicidade em encontrar uma oportunidade não apenas de trabalho, sentia-se mais valorizada que nunca, remunerada por todas as funções, mas também livre para ser alguém naquele espaço, o que não seria facilmente aceito onde morava.

Estar com o circo naquele momento foi uma virada de chave em sua vida, lá experienciou o que nunca havia imaginado:

*No circo foi onde tive o primeiro contato com a make, a questão da transformação, o ser drag, que na época eu nem sonhava com o que era ser uma **drag queen**, então assim, eu comecei a me montar no circo, na época, antes de mudar assim, antes de **assumir** uma característica feminina.*

Tornar-se drag foi fundamental para construção de sua identidade, não era a primeira vez que o feminino estava sendo performado, mas naquele espaço a *performance* estava relacionada com as artes e a interpretação. Ao dublar, dançar e encenar potencializava um novo universo, onde a arte deu “a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas [...] comungar de dentro com outra vida em prol desta, em prol de sua ressignificação vital” (BAKHTIN, 1997, p. 74).

A personagem drag criada pela participante chamava-se Agatha e foi usada também como uma estratégia durante sua vida. Vista como uma abertura para aceitação de si mesma e das pessoas que estavam à sua volta, como o seu namorado, que há mais de 10 anos está ao seu lado, mas com quem não teve uma boa reação no início. Um relacionamento que se iniciou como homoafetivo e passou por todos os conflitos que poderiam ter passado durante a transição de gênero:

Meu parceiro sempre foi contra, sempre foi contra...sempre foi contra. Na cabeça dele a D... era uma entidade do candomblé que baixava em mim e eu ficava louca e "uh" [som emitido pela participante], tipo maluca.

O candomblé é uma informação importante por ser a religião da entrevistada, que hoje tem o terreiro muito presente em sua vida. Ao usar a religião para tentar explicar o que estava acontecendo com sua namorada pode revelar preconceitos de seu parceiro com essa expressão religiosa de matriz africana. A participante relata a resistência de seu parceiro com a temática, mas a possibilidade de ver a parceira de outras formas, como no circo, deu a ele também a possibilidade de a enxergar de outro modo, a drag como um mecanismo de aproximação:

*[...] aos poucos, ele foi vendo com a Agatha que não, tanto que eu a puxei pra mim por causa disso, para mostrar pra ele o meu lado feminino. **Quería que ele se acostumasse com isso, para quando falasse "agora é permanente, quando eu tomar banho não vai sair"** ele falasse "então ok", e eu consegui.*

Em "**Quería que ele se acostumasse com isso, para quando falasse "agora é permanente, quando eu tomar banho não vai sair"**" ela relata claramente sua estratégia de construção de sua identidade para o outro. Performar como drag foi uma ferramenta para naturalizar a sua feminilidade e exercer em seu corpo a potencialização do que surgia aos poucos em sua vida, "acostumando" quem estava à sua volta com os signos e com a ideia de quem gostaria de ser no futuro. Ao se apresentar no circo, percebia a boa recepção que sua criação viria receber e a encorajou mais ainda a ver-se diferente.

Ela acreditava que a recepção de sua existência enquanto travesti seria semelhante àquela que recebia enquanto drag, admirada e cercada de aplausos, mas que a frustrou à medida que percebia o grande distanciamento entre a arte e a realidade de quem vive a transexualidade:

A drag é um palhaço de luxo, tá entendendo? A gente traz um exagero muito grande, é bonito de ver, e não a D...

Com "**a drag é um palhaço de luxo**", a participante reproduz uma citação da drag Queen Rayssa Burtner, em uma entrevista ocorrida em 2013,

referente a sua definição do que é ser Drag. Em *Questões de Literatura e Estética*, Bakhtin diz que a palavra da língua é “semi-alheia”, tornando-se própria no instante em que o falante “a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva” (BAKHTIN, 1992, p. 100), percebida na referência direta usada pela participante, exemplificando a diferença percebida entre a fase Drag e a se reconheceu como travesti:

É muito mais fácil você aceitar aquilo que sai com água e sabão, do que saber que você vai ter que engolir aquilo em todos os momentos da sua vida.

Quando cita que a drag é uma personagem bonita de se ver, mas a travesti não, justifica que ser drag possibilita transitar tanto no universo heteronormativo quanto no universo queer, uma vez que se inserem em espaços sociais e culturais diferentes, onde “o corpo da drag queen não é o modelo de corpo da representação da mulher nem tão pouco o modelo de corpo da representação do homem, ou seja, as drag queens não se encontram em nenhum” (SANTOS, 2014, p. 1418).

A Drag, associada a performances artísticas, em espaços elitizados, como casas noturnas e eventos, representa um momento de liberação das relações de poder, rompimento de regras e tabus, enquanto as travestis sofrem com a exclusão social, associando-as à marginalização e prostituição:

***Amam** a gente quando a gente tá maquiada, com uma peruca de plástico na cabeça fazendo **palhaçada**, a gente se fazendo de macaco no samba para hetero bater palma.*

A participante também ama estar lá, sendo vista e “aceita”. Mesmo que em um espaço muito delimitado e que os que amam ver foram prontos para ver, entendendo que se trata de uma apresentação artística e que este tornou-se um espaço “permitido” pela sociedade para que ela aparecesse.



Fazer “**palhaçada**” pode nos aproximar de uma liberdade e permissão dada ao corpo bufão, retratada por Bakhtin em seus escritos sobre a cultura popular da idade média, que em alguns dias e espaços, a bufonaria acontecia como uma “válvula de escape”. Sujeitos como o bufão e o bobo, “que riem e são, ao mesmo tempo, objetos do riso” (BAKHTIN, 1992, p. 322).

Aqui, a drag pode ser vista como este *corpo bufão*, dos exageros, hipérboles e demais características que se assemelham ao grotesco do universo das obras analisadas por Bakhtin. Indo de um extremo ao outro nas performances do masculino e feminino provoca reações diversas em determinados espaços, mas ainda sendo um corpo compreendido em nome da arte, muito diferente de quando a participante passa pela transição de gênero e se vê “traída” pelo que a arte a possibilitou viver naquela condição:

A diferença de uma drag para uma mulher trans é isso, muita coisa que uma drag ouve, a gente quando tira a peruca...passou, a gente só vai

lembrar quando a gente colocar a peruca de volta. São mágoas que ficam com nosso personagem, com a gente não é assim.

O riso do outro impacta sua existência de modos diferentes, seja quando a participante se reconhecia ainda como homossexual afeminado, quando tinha sua personagem drag no circo, ou hoje, quando se reconhece como travesti. Impactos diferentes e repercutidos em recuos e pausas no seu tratamento hormonal, iniciado aos 16 anos:

*Todos os meus problemas começavam nos momentos que eu começava a fazer a transição/ sempre foi isso.
O D..., a bicha super afeminada, super alegre e feliz é ótimo, você encaixa numa rodinha de amigos para fazer todo mundo dar risada, ou aquele amigo da menina que você quer pegar pra fazer esse elo, essa ponte entre vocês... mas A D... não dá!*

As pausas em sua transição coincidiam com as pausas na escola, as mudanças de cidade e de espaço davam a ela a possibilidade de retomar a transição em outro lugar, como na cidade de Brusque, em Santa Catarina, uma cidade um pouco maior do que Lebon Régis onde a participante viveu algum tempo e onde contava apoio da saúde do município para seu tratamento hormonal. Porém, quando precisava voltar à cidade anterior, de outra forma e com mudanças em seu corpo, o impacto da reação das pessoas a fizeram desistir algumas vezes: **“Quando eu fui embora eu voltei...eu já voltei a D... [no feminino]”**.

Novamente refere-se à terceira pessoa. O retorno ao espaço dos seus familiares, colegas de turma e até professores influenciou seu desempenho em sala. Em pouco tempo, as decepções se avolumaram e se manifestavam até mesmo nas oportunidades felizes que surgiam, como quando decidiu entrar no magistério, tentando uma aproximação com outra área de trabalho:

*Fui atras do magistério, e teve essa troca por uma D... super “porra louca”. que, para mim o negócio ficou tenso...e foi uma **válvula de escape**, foi literalmente de 0 a 100.*

Nessa fase tornou-se uma aluna bastante problemática por dois motivos, a própria transição, e a confusão que sentia pelo bloqueio do processo hormonal. No entanto, não reivindicava que a chamassem pelo seu nome social, ou ser

tratada pelo pronome feminino, pois havia a perseguição, sentida dentro e fora das aulas na escola.

A revolta, citada como uma **“válvula de escape”** era como uma resposta à dedicação daqueles anos antes de ir embora e por não se sentir valorizada pelo seu esforço, um escape dos tensionamentos na escola, onde gostaria de entrar num universo socialmente marcado pela presença da identidade feminina.

Naquela fase a arte ainda era o que mais a atraía, foi quando surgiu uma proposta de projeto, feita por um dos professores da escola, mas que infelizmente não terminou bem:

*O professor de história **inventou** de fazer um grupo de teatro, **eu entrei como sempre, metida no meio das coisas**...e peguei um dos papéis principais da primeira peça, mas todas as vezes que eu tive qualquer ligação teatral, artística... sempre teve alguma coisa que rompia isso...*

Na primeira referência ao professor de história, é percebido uma relação conflituosa vista quando a participante cita que ele não montou um grupo ou organizou, mas **“inventou”** de fazer – o que indica algo um tanto improvisado, desqualificando-o na frase seguinte, em **“eu entrei como sempre, metida no meio das coisas”** reforça a noção anterior de alguém que se dispõe a atuar, realizar coisas como tem sido em sua autoconstrução.

Apesar de gostar da proposta do grupo, a entrevistada relata os desconfortos sentidos desde os primeiros momentos que passou a integrar o grupo, que a levaram a problematizar estas atitudes, estimulando essa revolta e a consequente mudança em seu comportamento na escola:

Ele [o professor de história] começou a insistir naquela coisa que eu devia fazer apenas papéis masculinos...só masculinos, só masculinos...tipo assim, eu nunca fui masculina, nem no meu ápice eu fui masculina. Eu abrir a boca já era, entendeu? [rindo]. Eu falei, o gato miou [comparando sua voz à vocalização aguda do animal], já foi, já cata o “fake” ali na voz mesmo [rindo], então assim, a gente começou a bater de frente.

Tentando entender os motivos que levaram a ter esta ruptura com o professor de uma área tão marcante em sua vida, entendi que o responsável pelo grupo de teatro não era imparcial na divisão de personagens que iriam compor a peça. Segundo a entrevistada, o papel masculino era dado

propositalmente a ela para que se sentisse mal, como uma perseguição. Não demorou muito tempo para ela questionar estas ações, quando percebeu que a posição por ela ocupada era motivo de zombaria entre o grupo e as pessoas que assistiam as peças.

Ele começou me apontar e me usar para alimentar o lado cômico dele, aí ele pegou numa coisa que é minha...o pessoal falava as coisas e ele ria junto, e se eu falasse ele me repreendia, porque eu tinha consciência de que aquilo não era certo.

O responsável pelo projeto também era seu professor no magistério, logo, estes conflitos não ficaram somente entre ela e o grupo de teatro, isso passou a interferir também em sala de aula:

*Eu fui levando, mas quando aconteceu de me barrarem de estar em sala de aula [durante o magistério a participante chegou até a etapa final, iniciando os estágios em sala, onde se sentiu tão desrespeitada pelos próprios professores que decidiu interromper] ele [professor de história] foi super a favor. O que a professora alegava é que era um **perigo** eu estar em sala de aula... sozinha com crianças, e ele foi super a favor, e ele começou a me “avacalhar”, me sabotar dentro da sala.*

A professora a define como um perigo, o que é reforçado pelo professor de História, ao “sabotá-la”.

Mesmo que a participante denunciasse as ações cometidas pelos seus professores, tanto no grupo de teatro quanto no magistério, sua sexualidade e gênero não normativos, aquele ambiente conservador protegia os abusos causados pelos sujeitos que se apresentavam como heteronormativos, as denúncias seriam em vão:

*Uma das discussões que tive com ele, a última inclusive, a gente começou a bater boca e eu joguei isso na cara dele, **eu falei** “você quer mostrar uma coisa que você não é, você exhibe o seu filho como um troféu de homossexualidade, o fato de você ter conseguido fazer um filho não vai excluir o que todo mundo sabe que você tem caso com fulano, tem caso com ciclano, faz tal coisa com beltrano, e isso não te faz tão diferente de mim, a diferença é que eu falo mesmo, eu não tenho que me esconder de nada.*

A entrevistada cita casos do professor envolvendo uma série de relatos que o acusam de diversos modos de abuso que havia presenciado com pessoas

além dela. O uso do discurso citado após o “eu falei” serve em sua memória para aproximar o ouvinte das tensões que marcaram aquele momento.

O caso desse professor infelizmente não é isolado, o mesmo profissional teve outras denúncias envolvendo alunos e pais de alunos que relataram situações muito similares à história contada pela participante. Por ser uma cidade com poucas possibilidades de acesso à cultura, principalmente naquela época, muitos desses casos eram velados para não inibir os poucos recursos oferecidos para aquelas pessoas.

Foi o que ocorreu com a entrevistada, que relata o fim da relação que tinha com o projeto com o grupo de teatro:

*Eu não tive uma decepção com teatro, eu tive uma decepção com aquilo que me ligava a ele. Que foi a **única** mão que foi estendida.*

Apesar de relatar a infeliz experiência que a afastou do teatro, não levou muito tempo para que sua personagem drag voltasse a ativa. Com sua personagem, a participante passou a dar cursos de automaquiagem na cidade de Curitiba, onde viveu por algum tempo. Diferente do circo, a sua drag naquela época tinha uma outra personalidade, alguns anos haviam se passado e, por consequência, sua drag também amadureceu com o tempo.

A personagem criada, segundo ela, era representada como senhora, revendedora de maquiagem e dona de casa, para que suas alunas pudessem se identificar. Uma personalidade completamente diferente daquela personagem do passado e que viria a ser hoje, após se identificar como travesti. A participante não concluiu o magistério, mas não abandonou a experiência de ensinar, agora como Drag Queen.

Suas aulas de automaquiagem não duraram muito tempo, logo a participante mudou-se para São Paulo, onde oficialmente se reconheceu como travesti, mas pela pouca estrutura e contatos ficou algum tempo desempregada. Com abalo financeiro a participante recorreu as ruas, onde já tinha trabalhado como profissional do sexo no passado, mas nunca por necessidade. Em São Paulo a história era diferente, muitas de suas amigas já trabalhavam na noite, e o que ganhava ajudou muito na mudança de estado, já que passou por diversas entrevistas de emprego, mas recebeu muitas respostas negativas:

Eu comecei a mandar vários currículos online, e me chamaram pra uma entrevista... e aí vem o drama trans... A entrevista de emprego, eu surtei, eu pensava "meu, eu vou chegar lá, vão olhar na minha cara e ver que a D.. é diferente", tá entendendo? "A D... tem o ombro de um zagueiro enorme".

Novamente aqui ela usa o discurso direto ao citar sua própria voz interna, na fala sua entonação revoltada era percebida uma grande preocupação sobre suas reflexões de uma possível decepção dos contratantes. Para sua surpresa, hoje a participante se encontra em uma situação muito melhor profissionalmente. nossa conversa aconteceu um dia antes de seu primeiro dia trabalhando em uma floricultura, na cidade de Assis, em São Paulo:

Vamos dizer que acertei na loteria, porque eu to numa cidade extremamente transfóbica, em que 98% da população é bolsonarista, e eu consegui um emprego de linha de frente de loja, sinceramente eu to com o pé super atras ainda, todo mundo falando "fica de boa", mas não adianta, tá tudo muito fácil, as coisas nunca foram fáceis, as coisas não são fáceis.

Após alguns meses em que a entrevista ocorreu, voltei a conversar informalmente com a participante, curioso em saber como estava a sua vida nesta nova fase. Infelizmente ela não estava mais trabalhando na floricultura, por alguns desentendimentos internos acabou se afastando, mas hoje está trabalhando em um pub direcionado para o público LGBT, ainda mantendo seus canais na internet, onde se apresenta como *cam girl* em seu tradicional sofá, produzindo conteúdo adulto para internet.

Esta entrevista foi repleta de emoções. Além de já termos uma clara aproximação por nossas histórias terem se cruzado, a participante estava muito disposta a ouvir. Refletimos sobre as mudanças que aconteceram após tantos anos nesses espaços. E o quão difícil é permanecer neles:

Só de uma coisa eu tenho certeza, Marcelo, pra Lebon Régis eu não volto nunca mais... Eu sou muito pra Lebon Régis.

Nesta análise é percebido uma aproximação com a estetização do Outro, em que a participante se coloca muitas vezes como um terceiro, analisando como era no passado, A relação consigo mesmo antes da transição nos permite ver isso ao citar na terceira pessoa. A relações sociais tem destaque durante toda

a conversa, uma tensão constante entre o olhar tradicional, que valoriza o bom aluno, e a rejeição ao desejo de ver próxima do teatro e à sua identidade, pelo que representa de ruptura nos espaços que vivia.

3.2 O MENINO QUE DESENHAVA NUVENS



Na análise a seguir, buscou-se fazer aproximações com os conceitos Bakhtinianos de ideologia, e não álibi da existência, a quais trabalharemos a seguir.

Ao entrevistar alguém, há barreiras na interação entre entrevistador e entrevistado que precisam ser quebradas para adquirir a confiança necessária para que a conversa se desenvolva. Na presente análise, o garoto que

desenhava nuvens foi o terceiro participante entrevistado, e, posso afirmar que entraves, como a timidez ou bloqueio inicial, não existiram.

Absolutamente tranquilo em me encontrar e com bastante vontade de contar sua história. Diferente dos/das demais entrevistados/as para os quais fiz o convite diretamente, cheguei até ele pela indicação de uma amiga em comum, que fez a mediação entre nós.

O cenário que compunha esta conversa, assim como a abordagem, também foi diferente, a entrevista ocorreu à noite, após as 23:00, o único horário que o entrevistado podia, depois de um longo dia de trabalho em uma emissora de TV local e de sua aula. Atualmente o participante cursa publicidade e propaganda.

Natural de São Paulo, o entrevistado tem 23 anos, se reconhece como um homem trans, sente-se atraído afetivo e sexualmente por homens, mulheres e não binários e mora no oeste de Santa Catarina desde criança:

*Meio que minha infância, a minha adolescência, eu passei aqui né... desde então eu tenho ficado por aí, às vezes eu vou para São Paulo visitar a família, minha mãe agora está morando no Rio Grande [refere-se ao estado - Rio Grande do Sul], então às vezes eu vou para o Rio Grande também, mas morar mesmo eu **enraizei** aqui em Joaçaba... já tentei sair daqui e não deu muito certo.*

O entrevistado experienciou a vida em diversos espaços, entre metrópoles e cidades interioranas que carregam culturas completamente diferentes, oportunizando compará-las.

Quando se pensa em vivências dentro da diversidade, como pessoas trans, é comum imaginarmos que grandes centros ofereçam melhor recepção a estas existências do que em cidades pequenas, por estas últimas serem mais conservadoras. O que observamos neste relato é diferente, o participante justifica sua preferência em permanecer em Joaçaba, no interior de Santa Catarina, **enraizado**, como foi citado, por dois motivos: os vínculos sociais ali criados desde a infância e o **distanciamento** de sua família:

*Eu particularmente prefiro Joaçaba porque não tenho ninguém da minha família me **sufocando** aqui junto comigo. Eu não tenho que dar uma satisfação para as pessoas, tenho um pouco mais de **liberdade** aqui do que eu tenho quando estou lá, ou quando eu estou no Rio Grande com a minha mãe, por exemplo.*

Pode ser que as cidades que já estive, de São Paulo e os municípios do Rio Grande do Sul tenham acolhido mais do que a cidade em que vive atualmente, mas as pessoas que estão à sua volta nesses espaços, impactam em como se sentem nos ambientes de modos diferentes.

Estas relações sociais aparecem nas primeiras frases do participante, também trazendo a palavra liberdade em sua narrativa, referindo-se ao que abordaria mais a frente, sobre existir enquanto um homem trans, o sentido de liberdade enquanto ato de ser livre, na autonomia de não estar atrelado à aprovação de seus familiares.

Esta aprovação e seu peso são explanados logo em seguida, nas expectativas criadas pelas pessoas que poderiam estar próximas do participante. Sua transição ainda é uma mudança recente, tendo iniciado a um pouco mais de um ano, e, até o momento da entrevista não era um assunto totalmente resolvido em seu núcleo familiar, principalmente pelo lado paterno do entrevistado:

*O meu pai não aceita muito, mas ele meio que ignora, sabe? A minha mãe é bem de boa com isso, ela me chama pelo masculino, **ela me chama pelo nome...** a minha família por parte de pai não sabe de nada, e tenho certeza de que se souberem iriam surtar.*

Na fala acima, vemos a importância do reconhecimento pela mãe. Chamar alguém por seu nome é dar existência a esse ser, e o participante faz questão de afirmar isso, de expressar na aceitação da mãe seu reconhecimento pelo nome.

Buscando entender como foi o processo de autorreconhecimento como um homem trans e como foi construída sua relação com a família, amigos de escola e demais pessoas, o participante retoma o passado compartilhando como foi sua infância, refletindo sobre seu gênero e como isso impactava em como se via:

*Desde a minha adolescência eu me sentia mal, tanto com o **meu corpo** quanto com o que os outros **esperavam de mim**. Sempre esperavam que... **“ai, você tem que ficar com menino, porque aí... você tem que se vestir de tal jeito!”** e aí eu ficava tipo...eu não gosto dessas coisas, eu não quero fazer isso, e daí ali eu já meio que comecei a me questionar assim, sabe...a pensar tipo, cara, será que realmente é isso? será que eu sou realmente assim? será que esse sou eu e será*

que é essa pessoa que eu almejo ser, e que eu vou ser daqui alguns anos?

O participante relata a partir de duas autocitações diretas perceber o que esperavam dele; Em **você tem que ficar com menino, e, você tem que se vestir de tal jeito!**, é possível observar o “peso psicológico que tem no dia a dia aquilo que os outros dizem de nós e a importância que tem para nós o modo de compreender e interpretar essas palavras dos outros (BAKHTIN, 2015, p. 131). Percebe-se o impacto destas expectativas nos questionamentos da segunda autocitação, sobre o gênero do participante, que aparece de forma evidente nesse momento, com **“será que realmente é isso? será que eu sou realmente assim?”**.

Estes questionamentos nos remetem ao conceito do excedente de visão, que coloca o participante na posição de se ver exotopicamente no futuro, como uma projeção de um sujeito incompleto, de uma história que se constrói a partir de suas movimentações, como ao refletir em **“será que esse sou eu e será que é essa pessoa que eu almejo ser?”**. Assim, analisa que os anseios externos eram factíveis com o modo como se sentia e como viria a se perceber quanto ao seu gênero e sexualidade. A infelicidade com seu corpo apenas reforçava ainda mais sua insatisfação com a adequação a que esperavam de sua existência:

*O meu problema com a minha transição foi sempre o meu corpo, sempre me incomodou, mas **não porque os outros falavam dele**, foi sempre porque eu não estava no corpo que é o ideal para mim, **nunca foi porque alguém falou isso para mim**.*

*Eu sempre fui uma pessoa que/ eu **não ligava para as coisas**. Se alguém fala alguma coisa para mim, eu falo beleza, então tá ok, fechou! Sempre fui bem assim, então sempre que tinha essas situações na escola em alguns momentos da faculdade...eu sempre fui tipo, ah, me olhe, pode me olhar torto... **sempre fui muito de não ligar para as coisas, sabe?** acho que foi por isso que a minha transição foi bem tranquila, porque **eu nunca liguei muito para o que os outros falavam**.*

Há múltiplas formas de interpretar o posicionamento do participante frente a estas interações. A suposta indiferença às reações negativas, como as **palavras e olhares** do outro, que, analisadas junto às falas seguintes do entrevistado, é entendido como um silenciamento e não como uma força ou autossuficiência frente a eles. Acreditar que as palavras e os olhares não o abalavam, como na citação **“sempre fui muito de não ligar para as coisas,**

sabe?”. Representa em sua narrativa uma possível estratégia para calar o que passou.

Outro ponto importante destacar, é que, dentre os participantes, foi o único que citou diretamente o corpo como o principal dilema de sua transição, nesta visualização do reflexo de si, Bakhtin pode contribuir nesta problemática do participante. Quando o filósofo russo compõe algumas expressões da nossa tendência volitivo-emocional, assenta uma diversidade de planos desta ação: 1) da expressão de nossa real diretriz volitivo-emocional; 2) da expressão da avaliação do outro possível, da expressão da alma fictícia; e, 3) da expressão de nossa relação com essa avaliação do outro possível: a satisfação, insatisfação, o contentamento e o descontentamento.

Neste terceiro plano, vemos uma aproximação nas falas do participante sobre seu corpo, quando enxerga em si as coordenadas a ele dadas, em que “nós avaliamos não para nós mesmos, mas para os outros e através dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 27-28). Estas suposições podem ser percebidas ao vermos algumas contradições nas narrativas transcritas, a fala anterior do entrevistado reforça que as palavras do outro não influenciavam a insatisfação com seu corpo, mas sim a idealização da palavra alheia ao buscar vê-lo exercendo a heteronormatividade, para logo após, expor muitos sinais de medo do julgamento desse outro:

*Tanto essa questão da minha identidade de gênero, quanto a minha sexualidade, na minha adolescência, até eu atingir a minha idade adulta, sempre guardei bastante para mim, porque eu sempre tive muito **medo de rejeição**, então **eu sempre guardei** e tem muito pouco tempo que eu “tô” sendo **quem eu sou de verdade**, sabe? muito pouco tempo que o C... trans bissexual apareceu na face da terra, é muito recente.*

O participante acreditava que as palavras do outro não o influenciam em sua insatisfação, passando indiferente pelos julgamentos ou desejos das pessoas em sua volta. Algo impossível, já que para Bakhtin (1992), somos formados por palavras do Outro que são incorporadas, assumidas e modificadas pelo Eu. Mapeamos esta influência vista em algumas falas do participante na relação com as pessoas, entre a família e as relações com a escola. Freire (2008) afirma que é comum a tendência de acharmos que o diferente, ou seja, o

outro, inferior, denominando esta ação como intolerância, observada na classe dominante que recusa o diferente, mantendo-se distante.

Na fala “**quem eu sou de verdade**” é percebido a busca de uma identidade, seguida do reconhecimento da própria existência com “**C... trans bissexual apareceu na face da terra**”.

Descrevendo como recordava a si mesmo, o entrevistado fala como era seu vestuário e como se comportava entre a infância a adolescência na escola, e como era visto por seus colegas:

*Eu usava roupa mais larga; meu cabelo era diferente, Eu brincava mais com coisa de menino... **considerada mais coisa de menino** [fala rápida], e eu era atleta principalmente...e enfim... só que quem jogava basquete na educação física eram os meninos, então acabava que eu sempre jogava com eles.*

*Eu sentia que tanto as meninas quanto os meninos olhavam para mim com **uma cara meio que de nojo**, sabe?*

Muitos estereótipos de gênero são trazidos pelo entrevistado ao se descrever na infância. É percebido uma preocupação em sua fala e quando percebe que reforça estes estereótipos. Como quando afirma que brincava com coisas de menino, rapidamente precedida da afirmação “**considerada mais coisa de menino**”, como um modo de corrigir algum equívoco que sentiu, atenção que evidencia que o participante busca entender sobre este mundo e policiar sua fala para isso.

Na descrição de “**uma cara meio que de nojo**” vemos a Atribuição de valor à expressão do outro, um ponto importante já que a pergunta era sobre si mesmo.

Não se sentia acolhido nem pelo grupo das meninas nem pelos meninos, seu corpo era um problema quando se comparava com outras pessoas que tinham, na época, um corpo semelhante com o seu, mas aquele que o diferia também não o acolhia:

*Tenho essa **disforia** com meu corpo. Me sentia desconfortável muitas vezes, tem pouco tempo na verdade que eu consegui superar isso de me trocar junto com outras pessoas do torneio, por exemplo.*

Quando eu fazia basquete, ou quando eu estava no torneio de handebol, as meninas estavam sempre lá se trocando de boa, tranquilamente, e eu entrava na cabine do banheiro para me trocar. Eu nunca, NUNCA fiz isso com outras pessoas me olhando, nunca gostei.

Segundo o entrevistado, o que sentia era a **disforia** de seu gênero, o único a citar a palavra com o teor patológico. Ver seu corpo e compará-lo com signos do feminino e masculino era muito difícil. A reiteração da palavra **nunca** é uma forma de indicar o quanto aquilo o incomodava. A escolha desse termo busca marcar novamente o incômodo: nunca gostei. Ele poderia dizer: Depois de uma certa idade eu não me trocava na frente de outras pessoas. No entanto, escolheu a palavra nunca e a imagem dos que estavam olhando para ele. Sentia a possibilidade desse olhar.

Analisar-se, ver o próprio reflexo era ver o horizonte de sua consciência preenchido pela circunstância que o fazia sofrer, pelos objetos que via diante de si. Os tons volitivo-emocionais, os tons do sofrimento (BAKHTIN, 1997) eram o extrato das relações desenvolvidas com quem estava no vestiário ao trocar de roupas, por exemplo.

Em um processo de transição solitário, a curiosidade sobre seu gênero e sua sexualidade, levaram o participante a buscar grupos e informações por outros meios, como a internet, tentando compreender o que poderia estar acontecendo, foi quando começou a perceber que o incômodo com o próprio corpo ou suas escolhas ao vestir-se e portar-se não era apenas uma preferência de estilo ou cortes de cabelos, mas algo que iria muito além do que era visto pelas lentes do outro:

*Tem uns 5 anos, mais ou menos 5 a 6 anos, que eu comecei a estudar bastante sobre **ideologia de gênero**, daí eu comecei a perceber algumas coisas na causa trans e na luta trans que eu falava... cara, isso aqui é muito eu/ eu me identifico muito!*

A atitude do entrevistado em ir em busca de informação foi essencial para identificar-se inicialmente como bissexual e enquanto homem trans. No uso do termo "**ideologia de gênero**" vemos que possivelmente foi apropriado de discursos conservadores, já que é um conceito comum entre esses grupos e que reforça a ideia de sua formação sobre a temática ter sido pela internet e não nos grupos e movimentos sociais LGBT.

*Eu fui bem no meu processo, não diria lento, mas foi bem natural, e eu dei tempo ao tempo. No ano passado, mais especificamente, **eu bati no peito e falei**... não, eu realmente sou um homem trans! Eu irei me **assumir** como um homem trans e é isso que eu sou, é essa identidade*

*que eu tenho. Levou um tempo, mas é uma coisa que eu tenho certeza que não resta dúvidas. Foi uma **Liberdade**.*

Bater no peito é uma expressão usada para mostrar uma resolução que exige coragem. O participante cita a expressão como um ato de coragem em sua voz, usando uma frase que é marcada por um universo masculino de demonstração de força, embora seja usado em situações diversas também por sujeito de diversas identidades.

Na autocitação “**eu realmente sou um homem trans! Eu irei me assumir como um homem trans e é isso que eu sou**” é seguida pela segunda aparição da palavra **liberdade**, revelando outras partes de sua vida que o faziam se sentir tão limitado antes de seu encontro consigo mesmo. Os círculos sociais em que estava imerso, nos grupos de pessoas e espaços de convívio dificilmente oportunizariam a ele a possibilidade de ser diferente.

Abaixo o participante expressa a insatisfação na relação que tinha com a igreja e a sua religião. Não tinha uma boa convivência por perceber que os integrantes desses grupos não eram ativamente dispostos a ajudar as pessoas, principalmente quando envolve minorias⁸ sociais, com as quais já percebia sua proximidade e viria a fazer parte no futuro:

*Eu era muito de igreja né, eu fui criado assim... mas eu já tinha esse lado de militância, de apoiar a comunidade LGBT e de apoiar as causas né... tanto LGBT quanto de qualquer outra causa de militância, racismo e preconceitos em geral, e isso não era muito bem visto na comunidade que eu fazia parte da igreja né, tipo, eles achavam que... **putz, que legal que você é contra o racismo**, mas assim, **ora** por essas pessoas ao invés de fazer coisas por elas.*

A última frase da transcrição acima traz uma citação direta da fala do outro, enfatizando a indiferença daquelas pessoas quanto às lutas e movimentos sociais. A entonação do participante destaca o tom de ironia ao falar que o ato de **orar** era a única proposta daquelas pessoas como o auxílio para as lutas contra o racismo e preconceitos em geral, como citado.

A religião se encontra no campo do sagrado, do misterioso e do intangível, mas as ações das instituições se manifestam a partir de sua estrutura socialmente organizada, com seus respectivos modos de interação por meio de

⁸ A terminologia “minorias” é utilizada do ponto de vista sociológico, indicando os sujeitos sociais que são colocados à margem da sociedade.

símbolos e signos; dentro de seus templos e em seus projetos externos, como os grupos de jovens da igreja católica, a qual o participante integrava, por exemplo.

Um sistema de representações que em alguns casos, como na igreja católica, propaga uma cultura em que vemos a intolerância à diversidade ainda muito presente amparadas pela palavra para veicular suas práticas. Pela **oração** dentro desse grupo religioso, a partir de um olhar dialógico podemos considerar como uma tentativa de articulação de vozes.

A possibilidade do pensamento da própria vivência das pessoas dentro das orações reforçando o caráter dialógico, onde seria possível abrir a oração para as necessidades e problemas reais vividos pelas pessoas. Porém, neste caso, o ato de orar surge como uma ação paralisadora diante do que tocava o participante.

O preconceito é enraizado nas religiões cristãs, com culpabilização das existências que divergem da estrutura heteronormativa, expõe uma cultura machista e patriarcal que se esconde atrás das palavras de fé e da crença. Essas palavras não eram suficientes para o participante, já que ele não era apenas alguém que solidarizava com a causa LGBT, ele fazia parte dela.

Quando começou a se reconhecer como bissexual, antes sua transição de gênero, a reação das pessoas da igreja em que frequentava não foi diferente daquela que via quando surgiam outras pautas sociais, excluindo-o:

*Eu tive uma rejeição muito pesada dessa galera, do pessoal que era meu amigo, a gente era praticamente uma **família**. Eles começaram a me tratar diferente, a falar comigo diferente, a não me chamar mais para ir na casa deles, até para conversar, então naturalmente acabei parando de ir para a igreja, parando de ir para os grupos.*

Nas pequenas cidades interioranas do meio oeste de Santa Catarina não há muitas possibilidades de interação em grupos além da escola, principalmente para jovens. As igrejas católicas aparecem muito presentes nesta fase, pois proporcionam à comunidade o acesso ao que não teriam tão facilmente em outros meios, promovendo um acolhimento semanal em encontros que envolvem cantos, orações e dinâmicas em grupos.

Foi bem pesado para mim, porque era uma galera que eu estava há quase 10 anos com eles né... quase 10 anos ali junto todo o final de semana, às vezes durante a semana... enfim, foi um pouco difícil para eu aceitar que eles não estavam mais me considerando uma pessoa deles ali.

O participante define sua relação com aquelas pessoas comparando-as com uma **família**, podemos, com isso, ver o quão forte era aquela ligação. Receber um retorno tão negativo sobre sua sexualidade (na época havia se assumido como bissexual e seu gênero ainda não estava definido) é, em absoluto, uma situação muito triste e que o deixou inseguro sobre a forma como o veriam. Acreditou que seu núcleo familiar, por também ser católico e frequentar uma igreja, o colocariam nessa posição de julgamento, uma vez longe de seus pais, decidiu não compartilhar sobre sua sexualidade na época.

O participante retrata um outro momento, agora mais recente, referindo-se a sua mudança de nome e gênero, que foi alterada primeiro em suas redes sociais, relata então, como foi a reação de seus familiares:

*Minha família por parte de mãe ficou sabendo pela internet e quando eu fui visitar eles, eles já tinham comentado, **me chamavam pelo nome, me chamando de menino...** enfim, **por parte de mãe foi uma aceitação muito grande**, que eu não estava esperando, principalmente porque eles também são bastante de igreja.*

O destaque a atitude da família do participante nos remete as falas de Bakhtin (1992) sobre a amorosidade expressa nas palavras, como ao chamar pelo seu nome, palavras que vão ao encontro do caos confuso da autossensação interior, nomeando, como se desse forma plasticamente esse caos infinito e agitado de necessidades e insatisfações, que em seus escritos em *Estética da criação verbal*, refere-se a vida de uma criança, mas que aqui podemos fazer uma aproximação refletindo sobre esta nova abertura da família a alguém que passa a ocupar o papel de um outro.

Esse amor da mãe e das outras pessoas, que desde a infância forma quem é, para o participante poderia ter deixado de ter essas presenças quando reivindica sua condição de gênero falando que “não estava esperando” ao referir-se a uma reação positiva por conta da religião da família.

O meu pai, ele não aceita, e cara... eu passo 2 horas do meu fim de semana com ele almoçando, e essas 2 horas são as piores horas da

minha vida, porque eu me estresso de um jeito que é... nossa, assim chega a ser estressante sabe?

Pela parte de sua família materna, o entrevistado surpreendeu-se com a reação, que adotou sua condição mesmo à distância, mesmo não havendo uma conversa oficial sobre sua transição de gênero, passaram a usar o nome e pronome escolhido sem o questionar. Esta situação aconteceu quando já estava no ensino superior, especificamente no ano de 2021, mais maduro do que quando se reconheceu como bissexual e teve a reprovação de seus amigos no grupo de jovens.

A não aceitação do pai afeta seu estado de humor: o estressa. A forma como o pai reage, não chamando-o pelo nome que escolheu (ignorando-o, como na fala anterior) é uma violência. Sem poder romper com o laço familiar ele se submete a almoçar semanalmente, reconhecendo que **“são as piores horas de sua vida”**.

Atualmente compõem outros grupos e outras relações sociais, mas ainda relata algumas violências sentidas:

*Várias vezes as pessoas passam olhando torto para mim na rua. Teve uma vez que eu estava num shopping aqui de Joaçaba e um cara olhou para mim e falou “- esse **viadinhos** tinha tudo que morrer” e eu fiquei tipo... **“moço, eu só estou esperando meu celular ficar pronto...”**”.*

A palavra é um espaço que revela o destino das vozes humanas. O discurso acima mostra o poder da palavra, do discurso, na constituição da identidade. **“Esses viadinhos”** carrega marcas ideológicas de uma parcela social que não concebe a diversidade e usa as palavras de modo ofensivo, oprimindo, calando a expressão dos que não seguem os comportamentos convencionais da dita “normalidade”. Quando fala **“moço, eu só estou esperando meu celular ficar pronto”**, não sabemos se foi proferido ou não, se foi só pensamento naquela situação, mas em sua voz é possível perceber sua infelicidade. Esta força ideológica opressora, propagada discursivamente, pode levar o receptor destes discursos ao silenciamento de sua subjetividade:

*Quando erram o pronome, **as vezes de propósito...machuca...** a gente lembra de coisas. É uma **cicatriz** que você vai estar cutucando, ela não está fechada... não é só um pronome, não é só, aí, um errinho...putz, eu errei sem querer, sabe? não cara! sem querer você*

*erra o pênalti que você foi chutar, isso você errou! você errar “sem querer” depois de tanto tempo convivendo e continuar errando, insistir no erro machuca, MACHUCA MUITO, porque a gente sente muitas dores ali, É uma disforia, é um desconforto muito grande. sempre que alguém fala alguma coisa muito explícita ou que eu recebo um olhar mais assim... atravessado, sempre fico meio, cara... ainda existe isso... **eu estou sentindo na pele** que ainda existe isso, sabe?*

A palavra se corporifica em “**cicatriz**”. O erro proposital do pronome que o define em sua identidade não binária passa a ser constitutivo, um desconforto, uma disforia, uma violência que surge dos modos mais implícitos. Ao dizer que “**eu estou sentindo na pele**” novamente a (in)corporação das expressões do outro.

Expõe suas fragilidades ao me contar sobre uma insegurança quando se percebe nesse local:

*Eu tenho um problema que é que **eu não consigo falar** quando alguma coisa me incomoda. Eu não gosto de sair de casa sozinho, **sempre que eu saio de casa eu saio com alguém**. Por exemplo, eu saio com a guria que mora comigo, que é uma amiga muito especial para mim, porque eu sei que se eu sair com ela, e alguém falar alguma coisa **eu não vou saber o que falar**, mas ela vai falar sim!*

Os sentidos sob a ótica bakhtiniana se manifestam no dito, mas ecoam para além do que fora manifestado verbalmente, fazendo emergir o *não-dito*. Na palavra entendida para além do sentido morfológico, a ação do participante não pertence apenas ao locutor, mas sobretudo, aos outros que o constituem em diferentes nuances de suas interpretações. Esse ato de silenciar também se configura como um agir discursivo ao esconder-se pelo outro, uma estratégia de defesa nas falas do participante em que o silêncio também é uma expressão do corpo que cala.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, estar na linguagem implica irrevogavelmente assumir um lugar responsivo e responsável, marcando uma assinatura, uma autoria, num processo *sem álibi*, isto é, o ser de linguagem é convocado, sem outra possibilidade, dar respostas num processo interacional, dialógico:

*Pelo tanto de coisa que ela [amiga] já passou na vida dela, e pelo tanto de coisa que ela passa até hoje, ela sente essa necessidade de **proteger** as pessoas em torno dela, principalmente eu, ela **protege** muito. Toda vez que alguém faz algum comentário ela olha para a*

peessoa e fala “para de fazer isso, não fale isso aí”. Ela sabe que eu não consigo falar.

Em “**eu não consigo falar**” o participante não se refere a uma incapacidade física de exercer a fala, mas ao medo de responder a quem direcionou palavras de ódio ou de questionamento da sua existência. Mesmo sua amiga sendo colocada à frente destas interações, estar e se sentir paralisado também é uma reação, pois ninguém consegue escapar da sua responsabilidade existencial como um sujeito único, que ocupa um lugar único na existência; por isso, sem álibi.

Não há um álibi, “um ser divino” que esteja por trás de cada atitude humana. Cada um de nós é responsável e, por isso, sem proteção, mesmo evitando sair sozinho de casa, onde podemos identificar a principal estratégia do entrevistado, o uso do outro como o escudo de si frente às opressões sofridas no dia a dia.

Buscando entender como foi sua trajetória profissional, da escola até os dias de hoje, questionei sobre o que chamava mais sua atenção no período escolar e se sua preferência teve algum impacto na sua vida atual:

Desde o pré até hoje na faculdade, as disciplinas que mais... que eu mais gosto, que eu amo é artes... sempre foi, sempre foi, sempre foi, sempre foi, e na faculdade a gente teve também uma disciplina que envolvia desenho e tudo mais eu ficava tipo... ai meu Deus, eu vou poder desenhar! eu vou poder usar meus materiais! É uma coisa que eu sempre amei demais, eu amo desenhar e sempre foi a matéria que eu mais gostava né, tanto na escola quanto hoje em dia.

Foi quando o fragmento que inspirou o título desta análise surgiu:

A galera vai bem em artes na escola porque... ah, é artes, eu ia bem porque eu gostava... porque eu fazia uns negócios bonitos [rindo], tanto que a professora de artes sempre que tinha alguma coisa cultural, alguma coisa que precisava de decoração... “ah, chama o C... que ele sabe fazer ele sabe fazer”, “aí, preciso fazer uma maquiagem que lembre o renascimento...ai, chama o C... que ele sabe fazer. Ele sabe fazer esse negócio, ele sabe fazer uma maquiagem bonita, ele sabe fazer desenho de nuvem”, então assim, SEMPRE, sempre, sempre.

Ele sentia-se valorizado nas aulas de artes e aponta a diferença de como via a disciplina comparado às outras pessoas. Nesse fragmento a reprodução em citação em discurso direto da fala alheia ajuda a construir essa percepção.

Ele coloca na boca dos outros o que o fazia sentir-se bem e reconhecido. Isso é bastante significativo: as falas que oprimem e as que incentivam aparecem destacadas pelo uso do discurso direto.

Sobre seu desempenho em sala, o entrevistado fala que sempre foi bem, e, quando questionados sobre sua dificuldade, fala sobre a complexidade dos conteúdos ao mudar de escola:

No ensino médio eu comecei a sofrer um pouco de algumas crises de ansiedade, crises de pânico, mas não era por conta do meu gênero, era por conta da pressão que estava sentindo. Eu estudava numa escola federal que era o dia todo, e tinha ensino médio integrado junto com o técnico. Eles tratavam a gente como se fosse faculdade, então imagina, uma criança praticamente, fazer artigo e fazer tudo na ABNT... eu surtei [rindo].

Como pesquisador é impossível não termos expectativas sobre as respostas quando formulamos o roteiro que entrevista irá seguir, já que sempre quando falamos ou ouvimos, produzimos enunciados que respondem ao nosso interlocutor a partir da nossa relação com a alteridade, resultando em *contrapalavras* às palavras do outro.

Ao questionar sobre as dificuldades encontradas pelos entrevistados em suas memórias sobre os espaços formativos, a associação com possíveis traumas e situações que os/as constrangeram foram inevitáveis.

A narrativa em que o participante fala sobre o impacto nos conteúdos e sua relação conflituosa na adaptação com as regras da ABNT enquanto sorria ao falar é surpreendente. A mudança em sua entonação causa uma quebra na conversa, que até aquele momento, tratava de temáticas bastante sensíveis e passa a partir daquela pergunta a mudar de rumo, para uma abordagem mais otimista no resgate de suas memórias.

*Depois eu acabei mudando e fui para essa escola onde a professora de artes me **exaltava** pra caramba, e desde então eu não sofria tanto por conta do meu gênero. No meu ensino médio a galera era mais madura, era mais tipo beleza... **tinham homossexuais**, então a nossa turma assim era muito unida... meio que tive uma paz, tanto na educação física quanto as outras disciplinas eram super de boa. Eu sempre fui um dos mais altos da turma, então o esporte para mim sempre foi meio que um **escape**.*

Assim como relatado sobre o ensino fundamental, a disciplina de arte e educação física foram destacadas pelo entrevistado, que usa a palavra “**exaltava**” ao referir-se à ação da professora naquele momento. O espaço que passou a se inserir era mais diverso e sua existência não era mais vista do mesmo modo que antes. A arte e o esporte aparecem como uma brecha ou estratégia adotada para também ser visto diferente nesses espaços e permanecer neles.

Assim que concluiu o ensino médio acabou surgindo uma oportunidade de emprego, iniciando o ensino superior em uma universidade privada:

Antes de entrar para a publicidade eu passei por vários outros cursos. A minha mãe era muito amiga da coordenadora da educação de Luzerna, aqui do lado, e ela falou que a mãe “a gente tá precisando de estagiário na escola...fala para o C... se inscrever numa faculdade que tenha a licenciatura, que eu consiga um emprego para ele”. Eu tava lá desempregado... tava sem nada pra fazer né [rindo] aí beleza, eu fui lá fiz a inscrição em letras.

O participante trabalhou como estagiário, sendo professor em uma escola de Educação infantil, o que foi uma surpresa para mim por dois motivos: a área em que estuda e pela pouca idade para essa atividade, com isso mostrou ter vivenciado diversas experiências.

Consegui o emprego, daí fiquei trampando dois anos lá na escola, dando aula para as crianças. Eu ainda não tinha começado a minha transição, mas eu já me identificava como, eu tinha cabelo curtinho já, usava calça mais larga e tudo mais, então os meus alunos já me viam meio que como uma figura um pouco mais masculina, sabe? E mano criança...é uma coisa muito bizarra, porque eu lembro que no primeiro dia que eu cheguei na escola uma menininha de 3 anos já veio me perguntar... mas você é homem ou mulher? e eu fiquei tipo, ai meu Deus! [rindo] Eu não sei se eu fiquei triste ou feliz! [rindo].

O participante fala sobre estar frente a turma de alunos com bom humor. Apesar de não ser a área que gostaria, estar na escola o fez reviver um percurso que já havia feito no passado, o reforço aos estereótipos de gênero no ambiente escolar. Mas, pela primeira vez, o questionamento de sua aluna não tinha a intenção de ofender ou rotular, e sim como uma curiosidade por ter em seu exterior apontamentos de signos do gênero que iria se reconhecer, o gênero masculino, e estava contente por isso.

Quando questionado sobre que mudou desde o começo da sua transição até o momento presente, o participante expõe conflitos recentemente vivenciados, mas também apresenta uma visão um tanto otimista sobre os rumos que as discussões sobre gênero e sexualidade tem produzido no comportamento das pessoas:

*Eu vejo que hoje em dia alguns espaços ainda têm essa... relutam bastante, precisam reconhecer o nome social... quando eu fiz meu cadastro no posto, por exemplo, elas falaram que “não, a gente só aceita um nome que está no registro”, tipo, tá então...
No meu crachá está o meu nome, no ponto, no meu login e todos eles me chamam de C... me considero uma pessoa muito sortuda por ter conseguido esse trabalho, que me aceita como eu sou, e pela própria faculdade também me aceita também como eu sou.
Então é uma coisa que assim, está sendo moldada aos pouquinhos né. Comparado com tudo o que a gente ouve, tudo que a gente vivia não a muito tempo na minha, eu vejo que vem melhorando, a passo de tartaruga, porém vem melhorando. No Sul principalmente, é muita mente fechada, mas aos pouquinhos, bem devagar, eles estão mudando está tendo uma mudança principalmente no pessoal ali de 30 a 40 anos eles são os que mais estão começando a perceber assim uma mudança.*

Já no final da entrevista, era o primeiro momento em que o participante citou diretamente o Sul como um espaço diferente dos demais que já esteve, por ser um lugar mais conservador, uma atmosfera tensa, em um mundo vivo e significativo para as pessoas que lá vivem, proporcionando e proporcionado pela cultura daquele espaço.

Por perceber que sua existência vai contra os movimentos da norma, retornamos ao início de nossa conversa, em uma reflexão geral do que o levaram a permanecer em Joaçaba.

*As **pessoas** foram meu **alicerce**, elas estão comigo desde a minha infância e estão comigo até hoje. Eles acompanharam a Transição, acompanharam a minha mudança de nome, acompanharam minha mudança de gênero, acompanharam tudo.
São 4 amizades que eu tive na **escola**, que são as que eu trago até hoje, e eu sou muito grato por não terem largado a minha mão.*

Ao finalizar, após a fala e o reconhecimento de todas as dificuldades que passou, vemos que as relações construídas em Joaçaba, como a presença de figuras que “o protegiam”, foram o que levaram o participante a permanecer nele e não cogitar, até o momento em que entrevista foi efetuada, ir para outro lugar.

Mãos a ele estendidas por sujeitos que ofereceram acolhimento, defesa e segurança em um processo que teria tudo para ser solitário. No final de nossa conversa é percebido na última fala do participante a ressonância do lema “ninguém solta a mão de ninguém” muito usado nos anos 2018 e 2019. A frase originou da viralização de uma ilustração feita pela artista e tatuadora **Thereza Nardelli** que em sua arte traz duas mãos entrelaçadas com uma flor entre elas, e a frase: **ninguém solta a mão de ninguém** em um momentos que os movimentos e as comunidades e grupos LGBT sofreram muitos e sistemáticos ataques.

Nos relatos de sua vida, vemos que o participante não teve uma rede de apoio especializada, acompanhamento psicológico ou presença familiar, mas seus amigos foram o suficiente para que estas faltas não o debilitassem ou o paralisassem diante de seu reconhecimento, passando a sentir, com esse apoio, a real liberdade de existir enquanto homem trans.

3.3 ABRINDO PORTAS

Entre 2018 a 2021, a participante da terceira história aqui apresentada é alguém que eu encontrava quase todos os dias no caminho do trabalho, enquanto subia os morros enormes que desenham as ruas de Videira, Santa Catarina. Aquela garota que cruzava meu caminho ficou surpresa quando entrei em contato, buscando saber mais sobre sua vida.

A participante nunca chamou atenção por onde passava, sempre muito reservada e quieta, soube mais sobre sua vida pelas vozes dos outros do que pela própria, que parecia ser bastante tímida. Em 2022, aos 23 anos, se reconhece como uma mulher transexual, branca e se atrai afetiva e sexualmente por homens.

Em seu corpo de baixa estatura, tem cabelos longos escuros, traços delicados e sobrancelhas arqueadas. Características normalmente escondidas pelo uniforme de seu trabalho, uma roupa larga, de cores cinza e verde que via vestida todos os dias quando eu a encontrava. O que havia por trás daquele uniforme? Qual a história da sua vida?

Eu começo assim... falando da parte escolar primeiro?

Provavelmente pela expectativa criada com o TCLE e das conversas que aconteceram anteriormente este questionamento surgiu assim como na primeira entrevista que compõe este trabalho. A escola é referenciada na primeira fala, em um questionamento sobre como prosseguir. Sobre a sua infância, diz:

*Eu **sempre fui feminina** né, tipo desde menino. Eu sempre fui feminina, mas eu nunca tinha **assumido**, mas as pessoas percebiam desde que nasci.*

Referenciar-se como o outro a percebia nos aproxima da concepção de *Nascimento social* de Bakhtin, onde o nascimento físico não seria uma condição suficiente para ingressar na vida. Percepções de um outro que não eram positivas, mas a davam características resgatadas por meio destas relações de alteridade, onde “julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência” (BAKHTIN, 1997, p. 35-36). A participante se reflete no outro, e refrata-se.

*Pelos meninos, sempre tinha **piadinhas** e “coisarada”. Eu também era bem gordinho nessa época, juntando mais coisa para ajudar a fazerem bullying...*

Segundo Volochinov (1988, p. 38): “Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significativo, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante”, pelas **piadinhas** como citado pela participante, vemos que a palavra alheia se faz presente na formação do ser.

Uma das minhas expectativas enquanto construía o roteiro das entrevistas era que esperava que adjetivos fossem citados quando questionasse sobre os discursos de ódio. Nas narrativas, as palavras não aparecem tão explicitamente, mas por meio de expressões como “piadinhas”, vemos que elas aparecem em muitos momentos.

Butler (2021) ao trazer uma discussão bastante próxima à constituição da alteridade bakhtiniana, mas pelo viés do discurso de ódio, afirma que, começamos a existir em virtude da dependência fundamental de sermos

chamados por esse outro, em que “existimos não apenas porque somos reconhecidos, mas, *a priori*, porque somos *reconhecíveis*” por uma linguagem.

Em um processo formativo questionando *desigualdades* e não *diferenças*, lidar com a zombaria de colegas pode ser difícil quando, conforme Bakhtin (1997, p.37) em uma possível aproximação, vamos “julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência”, pois “levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem” (BAKHTIN, 1997, p. 37), mesmo a participante reforçando em suas falas que o discurso do outro não a impactava, como descrito abaixo:

*[...] mas assim, dizer de sofrer de eu ficar tipo... deprimida e com trauma, acho que não...não sei. Para mim não sofrer eu acho que **eu não ligava para o que as pessoas falavam**, eu pelo menos **tentava** não ligar, por que eu sempre escutava, **óbvio que a gente escuta**.*

Desde o início, a participante mostrava força e certa independência demasiada, como vista na frase “**eu não ligava para o que as pessoas falavam**”. Após isso, usa a palavra “**tentava**” em um recuo ao reconhecer que “é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições”.

Em “**óbvio que a gente escuta**”, a participante assume esta vulnerabilidade frente aos discursos, no processo de compreensão e interpretação desses enunciados exercidos pelo *bullying*, o interlocutor oferece suas contrapalavras, o que torna esta relação falante-ouvinte dialógica.

Já na sua família, como a vian foi diferente do que acontecia na escola. Em sua casa havia vivências semelhantes a dela, que possibilitaram uma compreensão muito maior sobre sua existência enquanto uma mulher transexual:

Na minha família já tinha o meu irmão, que ele é tipo... ele é menina, mas é um menino hoje...você entendeu né? [rindo] ele fez a alteração de nome “que nem” eu, daí ele é menino... tipo, foi tipo mais normal. Minha mãe ficou meio assim né [movendo a cabeça como se estivesse negando], mas não demorou muito tempo, ela aceitou tudo, foi supernatural. Eu achei que ia ser um bicho de 7 cabeças... Na família do meu pai não me “dou”, eles não gostam de mim pelo meu jeito, daí eu tipo... eles no canto deles e eu no meu. Meu pai não chegou a me ver assim, tipo... transacionada, porque ele faleceu e não deu tempo.

A pergunta "você entendeu, né?" solicita o engajamento do outro na compreensão do dito. O riso ajuda a romper a relação distante marcada pelo tom sério do gênero entrevista, gerando solidariedade entre os interlocutores.

Quando a participante fala **“ele é menina, mas é um menino hoje”**, refere-se ao seu irmão que também é uma pessoa trans, tendo ele dez anos a mais do que ela.

Essa figura próxima na fase de reconhecimento como uma mulher trans foi essencial, ampliando as concepções das normas dentro do espaço familiar no que seria avaliado como normativo, como portas sendo abertas antecipadamente para ocupar aquele espaço: **“...meio que ele foi preparando o campo ali.”**

Também, fala sobre ter diversos membros em sua família que divergem da estrutura heteronormativa, que assim como seu irmão, sua transição também foi uma oportunidade de trazer consequências positivas por conta dela, o caso de sua prima:

*Depois que eu transacionei assim, me **assumi** trans, eu tenho uma prima que é trans e que se **assumiu** também, no caso meu irmão abriu a porta para mim, e eu abri para minha prima.*

Ao longo de nossa conversa, a entrevistada reforçava a sua independência de ter passado pela transição sozinha, sem o auxílio de ninguém, um posicionamento encontrado também em outras/os participantes, mas logo em seguida, vemos em suas falas ser desvelado uma grande rede de apoio sendo estruturada a partir da própria casa, de portas que foram abertas gradativamente a cada nova geração, iniciando por seu irmão e Reverberando para outros membros.

Sobre seu trabalho, assim como a ação de se compreender independente, optou por sempre tomar uma direção contrária da qual via que a sociedade espera de uma mulher trans. A participante, até os dias de hoje, desafia-se a estar nos ambientes que não são muito receptivos para sua condição de gênero:

Não que eu já fosse vivida, mas é que eu já tive muitas experiências. Trabalhei em empresa e “coisarada”, sempre trabalhei em empresa...

*nunca tipo, me **prostituí** ou essas coisas, sabe? **Porque as pessoas pensam que trans é para se prostituir, trabalhar só com isso né?** Eu quis mostrar que eu sou diferente, aí eu fui dar a cara a bater.*

Novamente, a participante usa o recurso de interlocução estimulando o engajamento do outro na compreensão do dito ao falar. Ao citar que “**as pessoas pensam que trans é para se prostituir**”, a participante articula signos ideológicos que mostram a sua dimensão avaliativa sobre como também vê outras pessoas trans, num processo dialógico da linguagem, que se inter-relaciona com diversas avaliações dos discursos já proferidos na sociedade e vai de encontro a ela, tentando alterar o caminho esperado.

Quando a entrevistada diz “**fui dar cara a bater**”, pretende justificar a busca por empregos dentro da indústria, em empresas conhecidas da região e que propagam uma cultura majoritariamente machista, que impõe limites ao que seria um trabalho masculino e o que seria um trabalho feminino. Porém, vemos que sua fala denota um reforço a rede de apoio que teria em sua família; Ela queria ocupar esse outro lugar, e promover alguma mudança, mas se não houvesse uma garantia sobre sua situação financeira, para sua alimentação e moradia, como seria dar a cara a bater? As alternativas e os riscos seriam as mesmas?

Fui em todas as empresas aqui de Videira, daí consegui na BRF, trabalhei por 7 meses...e lá minha vida foi sofrida. Eu não tinha me transacionado ainda, eu era menino, mas tipo, eu me vestia de menina..., eu tinha que frequentar o vestiário masculino... aí já dá para saber que foi bastante sofrido. Sofri bastante preconceito e “coisarada”, porque ali na BRF é uma empresa grande né? Tem gente de tudo quanto é tipo, mas eu sempre chamava atenção, não sei por que [rindo].

A entrevistada ri de si mesma ao falar sobre como as pessoas a viam. Na época ainda não tinha iniciado a transição, mas já mostrava traços de feminilidade que chamavam atenção dos demais. Frequentar um ambiente como um vestiário masculino era um espaço conflituoso para um corpo visto pelo outro como não pertencente.

Segundo a entrevistada, o impacto da violência sentida partia mais de pessoas de fora da região, do que especificamente as pessoas que residiam ali a mais tempo:

*Não sofria tanto preconceito pelo pessoal de Videira. Eu sofria bastante preconceito desses **maranhenses** que estão vindo agora, e dos **haitianos** também, mas eu nunca tipo discuti nem nada né, quer falar que falem, **eu nunca liguei para o que os outros falavam** na verdade.*

Percebemos sinais de diferença na forma como ela cita os **maranhenses** e os **haitianos**. Há a possibilidade de algum tipo de preconceito por parte da participante sendo exercido nesta relação com trabalhadores, vir para o sul em busca de melhores condições de vida desencadearam reações diversas nos moradores da região, em que há o estranhamento das pessoas que não se enquadram nos padrões da região, predominantemente branca e de famílias locais.

Logo após a fala transcrita acima a participante afirma que ficou poucos meses na empresa e usa a palavra “aguentar” para descrever o que sentia naquele espaço. Cabe aqui apontar a contradição explícita com quando se diz inabalável pela fala o outro sobre ela.

*Eu fiquei lá até 7 meses, até que eu **aguentei**, daí sai, eu fiquei um tempo sem trabalhar... eu fiquei só em casa.
Eu era a única pessoa gay que tinha ali, naquele tempo, depois que eu saí muitos me falaram que eu abri portas, porque agora tem bastante.*

De certa forma, trabalhar em um lugar como esse possibilitava aos outros, que se identificavam com a existência da participante, ver aquele espaço como um caminho possível. O que mudaria logo em seguida quando a transição começou se tornar uma realidade, momento em que contou com o auxílio de uma figura importante em sua fase escolar:

Eu tinha uns 16 anos, eu acho... não estava no ensino médio ainda. Tinha a coordenadora da escola, eu ainda não tinha trocado o meu nome, aí ela me reforçava assim “se você quiser trocar... quando você quiser trocar teu nome, você pode vir falar comigo, que eu já vi que foi liberado, que pode trocar para o nome social” e tipo assim...ta bom, e eu tipo, não me sentia segura, como que eu posso dizer... confortável para trocar o nome, eu ficava pensando, “será?”.

Ao manifestar sua dúvida, ela também vivifica esse momento na autocitação de forma direta, ou em discurso direto.

Eu me sentia assim... deprimida, pensava eu ia sofrer mais né...

É muito interessante observar que antes da participante já ter percebido que a mudança de seu nome era um desejo, houve uma abertura por parte de um membro da escola, que apresentou a ela essa possibilidade. O que poderia ser uma questão pensada no futuro, passou a ser uma dúvida latente para a entrevistada, que após algum tempo adotou o nome social:

*[...] eu troquei no terceiro ano do ensino médio, e olha... eu demorei! Eu troquei e quando voltei às aulas do terceiro, tipo, todo mundo perguntava “quem que é a L...?”, aí falavam “é aquela que está sentada lá atrás”, daí todo mundo me olhava. Ninguém falava nada né, tipo já sabiam né, só me **olhavam** com aquela cara.*

No ensino médio a participante fala sobre uma mudança na forma como a tratavam, a diferença era vista pelos olhares e não pelas palavras como citado anteriormente como **piadas**. O gesto facial provoca sentido e ao optar por dizer aquela cara e não com cara de..., ela novamente busca o engajamento do interlocutor na compreensão compartilhada do sentido.

A adaptação ao nome escolhido e ao pronome feminino teve o apoio dos professores, assim como a coordenadora:

Tenho uma professora que até hoje que quando eu vejo ela... chegou a quase beijar os pés dela! Eu amava, era professora de inglês e português e sempre reforçava que cada um é cada um né; cada um tem sua escolha. Por incrível que pareça eu não gostava da disciplina dela, não gostava de português e inglês, mas da professora eu gostava e sempre ia bem nessas matérias... mais para agradar ela. Ela falava assim “está de parabéns”, eu falava assim “muito obrigada, não é por que eu gosto da tua matéria, é porque eu gosto de você mesmo” [rindo].

A relação de compreensão e acolhimento que a professora oferecia a ela resultava em motivação para se dedicar às disciplinas, onde vemos uma valorização maior a estas figuras que a impactam positivamente percebido ao vivificar estes momentos ao recuperar e citar em discurso direto a fala da professora e suas respostas. Diferente das piadas, que não são citadas de forma direta ou indireta. Elas são apenas mencionadas.

Ainda no ambiente escolar, buscava a companhia daqueles que percebiam sua presença com naturalidade, relatando suas interações com as crianças:

*Na escola eu conversava com pessoas que eu sentia assim que eram abertas, aí eu escutava, tipo as meninas, principalmente quando era 7 de setembro por exemplo, que tinha que fazer fila para desfilar...os menininhos perguntavam “você não vai pra fila das meninas?” Eu achava **engraçado**, porque vontade eu tinha, mas **ainda** não podia...*

Embora sentisse a boa recepção oferecida pelas crianças, percebia que as atitudes desse grupo não configuravam um ambiente propício para a expressão verdadeira de seu ser. A pergunta em que ela cita, “**você não vai pra fila das meninas?**” é um questionamento que não se dá por reconhecimento, mas para excluir, a constranger, onde a participante cita de forma direta e emoldurada pelo riso: “**eu achava engraçado**” porque a ofensa encontrava eco em seu desejo.

*Eu sempre fui **desbocada**, eu sempre falava, e acho que foi por causa disso que eu não sofri muito, **sofrer a gente sempre sofre**, mas não sofri tanto. Tem muita gente que fica quieta, se cala né, se deprime, fica ali tipo no canto, eu nunca fui de ficar no canto não.*

Existem muitas pausas durante a fala da participante, em que os enunciados sempre são justificados, para logo em seguida contrariar o dito anteriormente, como em “**eu não sofri muito/sofrer a gente sempre sofre**”. A participante cita “**tem muita gente que fica calada, se cala, se deprime**”, ações que parecem descrever o posicionamento do primeiro entrevistado. Ela se coloca em outra posição, mais de enfrentamento: **desbocada!**

A racialização dos participantes era uma pauta importante na construção do roteiro da entrevista, na qual algumas perguntas trabalhavam especificamente estas questões, porém, a negativa destas perguntas limitava a intenção de ampliar o debate sobre o racismo no espaço em que vivem. A entrevistada da atual análise mostrou perceber a importância desta discussão quando falou sobre os privilégios exercidos por se reconhecer como pessoa branca:

*Nas entrevistas eu sempre sofri, teve umas 4 ou 5 empresas que já me chamaram, meu nome já era l..., aí fazia a entrevista normal, o chefe **disfarçava**, perguntava as coisas, mas **eu já via pela cara** que eles não tinham gostado. Achavam que era mulher, tipo...mulher, não mulher trans. Se sendo branca já está difícil emprego, **imagina se eu fosse negra então**, eu acho que **eu nem sairia de casa**, seria mais difícil.*

No país o racismo é uma questão perversa de construção social e ideológica. A sociedade é influenciada pelas ideologias que se estabelecem nas interações sociais e nas atitudes preconceituosas, muitas vezes autorizadas pelos espaços em que vivem, como o meio de Santa Catarina, contendo e preservando discursos já constituídos no imaginário coletivo.

A participante menciona muitas vezes a expressão facial dos outros como algo negativo, que de alguma forma reprovasse seu modo de ser: aquela cara, pela cara, etc.

A cor da pele, ainda, é elemento marcante na sociedade brasileira. Como se a cor fosse uma fronteira para ocupar determinados lugares, como as vagas de trabalho.

*Eu já não sou de ficar quieta, mas nas entrevistas eu ficava, eu já agoniada ali na entrevista, **sabendo que não ia ser contratada**, que era só perda de tempo.*

A entrevista referida pela participante trata sobre o processo de seleção em vagas de trabalho. O objetivo dessas entrevistas é de conhecer a candidata através de perguntas, avaliando o seu perfil, investigando sua competência e esclarecer impressões, o que para a participante já estaria definido ao entrevistador conhecê-la e não ser o que esperava. Este saber é consequência das construções ideológicas com as quais teve contato toda a vida, como palavras, piadinhas e caras que descreve durante toda a nossa conversa.

Por o “**chefe disfarçava**”, é possível que a participante tivesse a impressão, por meio da entonação do mesmo, que ele tentava omitir seu descontentamento por conta de sua presença, no modo de passar à palavra, seu ponto de vista e valor que atribuía ao modo como fazia as perguntas para a participante. Com isso, ela previa o seu não aceite para a vaga, passando a responder as perguntas de modo direto: “**eu só respondia sim, não, sim, não...**”.

Em sua opinião sobre as mudanças percebidas em relação aos comportamentos sociais dirigidos às pessoas trans ao longo do tempo no espaço onde reside, ela afirma:

Eu acredito que tenha mudado em partes, mas não totalmente, a cidade ainda tem que abrir mais a mente, mas tá muito melhor.

A participante surpreende ao relatar a diferença de impacto sentida enquanto formava um casal homossexual, em relação à quando passou a constituir um casal composto por um homem e uma mulher trans. Ela exemplificou:

*Eu namorava, eram dois meninos né, namorados, e meu ex-namorado nunca queria andar de mão dada em público, mas eu sempre quis. Eu como sou afrontosa e quero dar o pontapé, teve um dia que saímos no centro e ele não queria dar as mãos. Eu peguei a mão dele e a gente foi. A gente chamou a atenção desde a hora que eu dei a mão, **dois homens**, juntos, de mãos dadas.... demorou uns 4 anos, saímos de novo de mãos dadas, e eu senti que teve uma mudança já, não escutamos, não vimos olhares que atravessavam nem nada... com o tempo as pessoas vão abrindo a mente, depois nunca mais, eu transicionei e foi tipo normal, porque aí era uma **mulher** e um **homem**.*

Nesta fala é muito interessante a mudança percebida, nos quatro anos que separam as experiências vividas não era somente o tempo que havia alterado, mas também as performances de gênero e sexualidade nesse mesmo espaço. Há a possibilidade de que a sociedade ali tenha mudado e minimamente se transformado, mas a avaliação dessa mudança precisaria ser considerada também em como seus corpos ocupam estes caminhos enquanto estão de mãos dadas.

No primeiro cenário, onde dois homens andam juntos, o impacto é diferente de quando o panorama exhibe a mesma atividade interpretada por papéis que representam um casal que performa a binaridade de gênero, entre masculino e feminino, podendo nos fazer refletir sobre o impacto que a masculinidade imprime sobre o meio oeste catarinense.

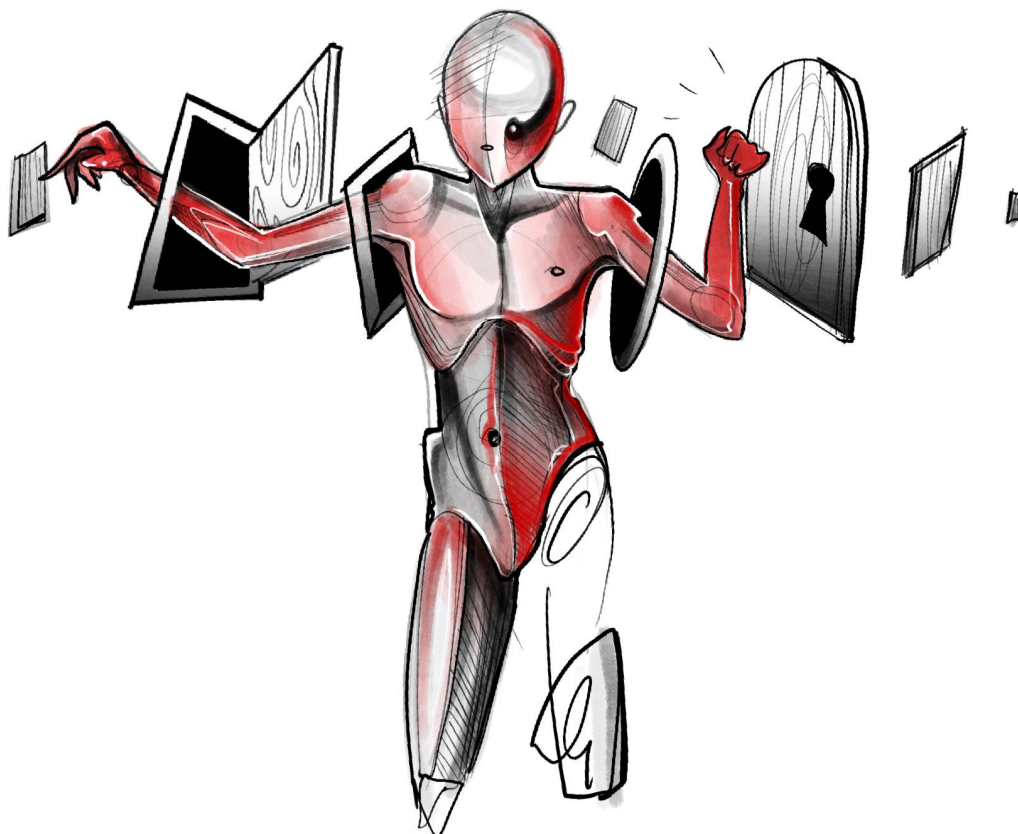
Eu nunca tive apoio de ninguém, eu boto minha cara a bater! Quem quiser falar que fale, não tive alguém que me auxiliou. Eu tive meu irmão, mas ele sempre queria que eu não fizesse, porque ele já havia sofrido, já sabia como é que era, e sabia que eu ia sofrer também né, mas eu disse pra ele, eu sinto vontade e quando eu sinto eu tenho que fazer.

Chegando no fim de nossa conversa, é percebido que se ver sozinha pode representar uma estratégia utilizada pela participante para se proteger, um escudo como sua independência. A tentativa de desestimular sua transição, reproduzida por seu irmão, na busca de evitar que a irmã também sofresse,

simbolizava, em contrapartida, o vislumbamento dos caminhos e dos degraus a serem seguidos em busca da aceitação dos demais membros de sua família. A aceitação de seu grupo familiar fez com que ela se tornasse também uma referência para outras pessoas, como a prima mais nova e os futuros empregados LGBT que vieram a trabalhar naquelas empresas por onde passou, sendo precursora.

É notório na fala da participante a externalização de uma possível trajetória solitária e nuances de meritocracia. Mas cabe destacar que a participante encontrou rede de apoio em espaços importantes que ocupou, seja na escola com a professora de português/inglês sempre apoiando-a e ela respondendo indo bem nas disciplinas mesmo não gostando mostrando que o apoio recebido era valorizado e respondido; seja na coordenação deixando-a sempre confortável na questão de mudar seu nome, o que trouxe a ela estas reflexões não acessadas antes; seja na família, por intermédio do irmão que trilhou um caminho parecido e teve aceitação da mãe, dando força e coragem para a participante seguir na sua transição.

Se o irmão tivesse sido rejeitado, ou até colocado para fora de casa, será que ela teria a mesma coragem?



3.4 SEGUNDO BATISMO

O participante da quarta história aqui contada é o mais jovem do grupo de pessoas que fizeram parte desta pesquisa. Aos 18 anos, é um homem trans, se afirma como pessoa branca, sente-se atraído afetivo e sexualmente por mulheres, é umbandista e nasceu e reside na cidade de Videira, em Santa Catarina.

De todos os participantes, foi com o entrevistado da atual análise que mais senti dificuldade para conquistar sua confiança, a pouca idade e o processo de transição tão recente em sua vida fizeram com que as perguntas do roteiro planejado provocassem reflexões sobre as quais ainda não havia ponderado. Sua transição iniciou poucos dias antes da conversa ocorrer.

Em muitos momentos o participante recusou-se falar, e, ao transcrever suas falas, o baixo volume de dados em comparação com os demais participantes era evidente. Preocupe-me com um possível desnivelamento na

quantidade de informações compartilhadas, um equívoco de minha parte, já que a participação a seguir tornou-se uma das conversas mais impactantes deste projeto.

Nesta conversa é possível ver as relações de poder, a religião, o desejo de se ver como um outro que estava próximo, a busca pelo acolhimento e uma compreensão confusa de sua família.

Ao iniciar, o participante fala sobre sua infância, onde constrói exotopicamente as memórias dos questionamentos que tinha desde a infância, quando percebia a desconformidade de seus comportamentos com as demais crianças.

***Sempre** fui uma criança que nunca gostou, por exemplo, brincar de boneca. Eu sempre brincava de carrinho. **Eu queria ser igual aos meus irmãos desde pequeno**, tanto que a roupa do meu pai e os perfumes eu gastava tudo, sabe? Eu vestia as roupas e saía pela casa cantando, e eu não sabia por que eu fazia aquilo [...].*

O uso de “**sempre**” e dos verbos no imperfeito; brincava, queria, gastava, vestia, saía, sabia, fazia, constrói um sentido de recorrência absoluta, e cria um efeito de essencialidade na organização da memória.

Quando expressa verbalmente “**eu quero ser igual aos meus irmãos**”, o entrevistado faz um comparativo sobre as performances de gênero que o ambiente social externo esperava ver expresso em seu corpo e comportamento. Esta expectativa externa pode ser analisada a partir da perspectiva bakhtiniana, que considera que “o mundo está povoado por imagens criadas das *outras* pessoas; entre elas ainda há imagens do Eu nas imagens das outras pessoas. A posição da consciência na criação da imagem do outro e da imagem de si mesmo” (BAKHTIN, 1943, p. 53), e no caso do participante, via a dualidade das imagens enquanto feminino e masculino.

Apesar de não encontrar seus irmãos com muita frequência, por serem filhos apenas de seu pai, quando os encontrava, percebia que seu desejo, desde a infância, de ser como seus irmãos. Expressava isso nas escolhas de brinquedos e brincadeiras, mas também na forma de vestir, via-se como esses outros que carregavam em seus corpos signos diferentes daqueles que eram esperados para si:

[...] eu me sentia melhor daquele jeito! eu comecei a me perguntar o que está acontecendo, o que eu estou fazendo?

O estranhamento com suas ações, que não correspondiam com o padrão de gênero, na memória, produzem questionamentos que reverberam, segundo o participante, por boa parte de sua vida.

Adentrando a discussão sobre sua transexualidade, o participante adianta alguns anos de sua vida ao falar sobre a dificuldade que estava sentindo no momento. Dava-se em razão de sua pouca experiência e pelas diferenças que sentia enquanto se identificava como mulher lésbica, no início da adolescência, em relação ao último ano, quando passou-se a ver como trans:

*A história da minha transexualidade é bem recente, você pegou bem recente mesmo. Eu me **assumi**...semana passada. (nossa!) é... na verdade, assim/ eu sou comunidade fazem quatro anos, eu me **assumi**/ Eu não me **assumi**, eu fui **arrancado** do armário né [...].*

Ao falar que “sou da comunidade” o participante se refere a comunidade LGBTQIA+. O uso de comunidade abre espaço para transitar entre se reconhecer lésbica e depois trans. Ao falar que “**fui arrancado do armário**” o participante refere-se sobre a pressão em ser colocado contra a parede para definir-se ainda como pessoa cis lésbica. Pressão social para que ela assuma um papel definido que o identifique em um grupo.

*[...] e aí minha família **não me aceitou** enquanto lesbica, eu não me sentia bem comigo mesmo, e assim foi indo, foi ficando cada vez pior, ficou cada vez mais maçante comigo mesmo. como ela não aceitou nem a homossexualidade, eu não queria **assumir** a transexualidade...que realmente é o que eu sou. Eu me **assumi** pra minha mãe pelo **celular**, porque eu não tive coragem de falar.*

Por conta da reação da família quanto a sua sexualidade, ao reafirmar-se enquanto homem transexual a mediação da conversa com a própria mãe sobre sua condição de gênero, o uso do celular aparece como um escudo de proteção diante da possibilidade de julgamento e não compreensão do outro sobre sua existência.

Na época, essa resistência de sua família o levou a buscar apoios externos, em grupos e pessoas que o fizessem sentir mais acolhido.

*Eu sou casado, apesar de eu ter 18 anos eu sou casado. Conheci minha esposa e ela se identificava como lésbica, nunca tinha namorado um homem na vida. Ela também teve um processo de aceitação sobre mim, **sabe?** Agora que foi tudo se normalizando, mas isso é desde o começo, porque está sendo uma experiência nova para ela também.*

O participante pede engajamento e compreensão do interlocutor nesta fala. É possível que o participante tenha buscado na relação afetiva como um outro que o compreende, em busca de uma rede de proteção e acolhimento que não era visto dentro de seu núcleo familiar e que representa um afastamento do contexto conservador em que vivia.

Como eu era a única filha da minha mãe, e eu sou de uma família muito conservadora, eu não sabia o que eu estava sentindo, entende?

A participante em sua autofiguração entende que por não ter uma interlocução mais íntima com meninas/mulheres dentro da família, essa ausência teria dificultado sua autopercepção. Novamente Bakhtin nos ajuda aqui a entender que a autofiguração e a busca de identificação passam pela alteridade, pois é impossível uma compreensão plena de si, se não for pela mediação do outro.

No final do enunciado novamente o participante solicita a compreensão solidária do interlocutor com “**entende?**”.

O processo de entender-se enquanto lésbica teve um importante apoio de uma das pessoas de sua família, uma prima que fez o primeiro questionamento a respeito de sua sexualidade:

*Uma prima minha que **tinha mais conhecimento** e era **mais velha do que eu**, falou para mim; você não pensa que você pode gostar de mulher? **que você é diferente do que eu?***

O exercício exotópico que a prima a convida a fazer neste momento, marcou seu processo de autopercepção: ver a diferença pelo olhar/horizonte do outro. Para Bakhtin (1943, p. 55), “[...] a diferença entre o eu e o outro é relativa: todos e cada sou eu; todos e cada um são outro”, por isso a dificuldade de se perceber sem o exercício de exotopia, sem a mediação da alteridade.

Uma vez questionada pela prima, sentiu na necessidade de desenvolver a autopercepção e partiu em busca de informações e referenciais que definissem os questionamentos sobre sua sexualidade:

Comecei a me perguntar por que eu era daquele jeito, e aí eu fui pesquisar mais sobre e descobri que gostava de mulher, que existiam outras mulheres como eu... e aí comecei entender a sexualidade.

Ver a diferença pelo olhar/horizonte do outro.

*A umbanda que me ajudou também, sabe? **No terreiro eu conversava comigo mesmo**, falando que eu tinha que ser feliz, que eu tinha que mudar! Pensava o que eu queria mudar em mim, e se eu quisesse, por exemplo, fazer alguma cirurgia referente aos peitos, e quisesse fazer alguma coisa pensava que eu não seria muito bem-vindo [...]*

Ele usa várias vezes a noção de que era no pensamento que buscava encontrar respostas, e o exercício exotópico se estende às experiências vividas de outros ambientes sociais, como os terreiros de umbanda.

A relação com sua família foi bastante conflituosa durante os quatro anos que se passaram. No processo de compreensão de sua mãe, a religião apresentou-se também como fator importante:

No começo eles não me aceitaram né, eles não ficaram do meu lado, mas com o tempo, já passaram quatro anos já, daí minha mãe escolheu meu nome, ela falou que ela queria ter um filho P... e ela não teve a oportunidade de ter, eu tive um irmão que morreu, e ela disse que Deus tirou um e deu outro pra ela.

*Em relação à escola, **não sofri violência, mas preconceito bastante**. Para quem é da cidade grande e chega nesse lugar percebe que as pessoas são mais conservadoras aqui [...] quando eu me **assumi** lésbica naquela época as pessoas começaram a se afastar de mim. Tinha uma pessoa em específico que falava que não podia andar comigo porque eu seria uma influência e ficar mais **mal falada** na escola.*

Assim, “pode-se dizer francamente: o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros” (BAKHTIN, 2015, p. 131). Estar próximo do participante era motivo para ser comentado, ainda pior por serem comentários pejorativos ao ser “mal fadada”, percebendo “como é imenso o peso específico do eles ‘dizem’ e ‘disse’ na opinião pública, na bisbilhotice pública, nos mexericos, nas malhações, etc.”

Tocar nesse assunto, sobre a escola e possíveis violências físicas e verbais, pareceu traumático ou ainda não resolvido pelo participante, em que na maioria das perguntas preferiu não responder.

*[...] tem certas coisas que **eu prefiro/ não falar**, faz “muito pouco” tempo que estou passando por isso, então tudo o que eu estou falando está tudo recente.*

Certas marcas da oralidade, como hesitações e interrupções, podem representar um estado emocional exacerbado. Por exemplo: medo, incerteza, raiva, ansiedade. As pausas feitas pelo participante demonstram o seu desconforto frente aos temas em que as perguntas carregavam. O fato de preferir não responder já é algo a ser analisado, uma situação diferente dos demais entrevistados que não negaram abordar a temática, mas que, por estar no início de sua transição, pode ser ainda muito delicado.

*Quando me **assumi** transexual na semana passada eu fui falar com uma professora, e essa professora sempre me apoiou. Sempre fui aquele aluno zelado por ela, sabe? e aí eu falei... eu acho que sou transexual. Gostaria de saber como que eu faria para mudar o meu nome, para deixar nome social... ela falou que ela não sabia, mas que iria se informar.
Perguntou como seria o meu nome, eu falei meu nome e ela falou “daqui para frente você será chamado assim por mim”.*

Mesmo sem haver uma atualização nos documentos do participante e aluno, a professora se propõe a adotar a mudança do seu aluno. Embora não seja a mãe ainda, a professora assume aqui o papel amoroso do qual dá nome.

*Ela falou para mim ir na secretaria, e quando eu cheguei lá elas me trataram super bem, sabe? Foi bem rapidinho, no mesmo dia eu já me virei para ir atrás de fazer o documento e eles oficializaram na chamada, sabe? Aí ela chegou na sala e ela mesma pediu para mim, que eu podia falar para os colegas sobre a mudança.
Que a partir daquele momento era um homem trans e que eles teriam que me respeitar, perguntando se podia contar com a turma naquele momento... aí todo mundo disse sim né.*

O **respeito**, assim como a tolerância, são palavras e conceitos que implicam certo essencialismo cultural, pelo qual “as diferenças culturais são vistas como fixas, já como definitivamente estabelecidas”, restando apenas

“respeitá-las”. Do ponto de vista mais crítico, as diferenças estão constantemente produzidas e reproduzidas através das relações de poder.

Pelo uso da palavra ao abrir o espaço para a discussão visto com admiração pelo participante. Cabe aqui considerar que o comportamento dos professores e funcionários da escola não ultrapassa os limites do esperado para os princípios éticos da instituição. Ainda assim, promove o apreço por se distanciar do comportamento geral para uma sociedade conservadora:

[...] então eles são, assim, muito acolhedores, sabe? ali me acolheram muito bem, alguns colegas, como eu falei, é uma cidade conservadora e mudaram a forma de conversar comigo, mas só estão estranhando, sabe? Como não me aceitaram [sua sexualidade] aconteceu muita coisa, muita coisa mesmo que eu prefiro às vezes nem falar, como falei, eles não me aceitaram, e na escola teve pessoas falando de mim, eu comecei a ir muito mal na escola porque eu ficava pensando nisso toda hora e eu não conseguia me concentrar.

Ele foi afetado emocionalmente por um ambiente que ‘falava dele’ de forma hostil, e afeta seu desempenho escolar. Sobre as referências da comunidade LGBT que influenciam e são vistas pelo participante como relevantes fonte de informação e identificação, é nas redes sociais que encontra modelo de orientação:

*No tempo em que eu me **assumi** não tinha ninguém aqui LGBT, sabe? eu ia na rua não via ninguém, hoje em dia eu vou na rua e vejo um monte de LGBT, então eu acho que tem melhorado [...] alguém que eu que eu me identifico bastante é o Nicolas, ele é um produtor de conteúdo e influencer, na verdade é DJ também, e ele se encaixa perfeitamente, porque ele é umbandista, e eu também sou umbandista.*

De acordo com Santos (2008), sobre as religiões de matriz africana, no ritualismo dos orixás e sua relação entre o masculino e feminino destaca-se a natureza sagrada e não biológica entre o homem e a mulher. No terreiro, o participante reconhecia-se pelo papel masculino e compreendido naquele espaço que era compartilhado pela família e pela religião.

*No terreiro de umbanda é paz, amor e caridade, então, na verdade **eu fui tirado do armário pelos orixás** também. Pela umbanda... ela sempre me respeitou, meus pronomes, quando eu cortei o cabelo. Eu sei que eu fui muito bem recebido na umbanda.*

O participante percebe o preconceito exercido pelo seu grupo social quanto a sua religião:

Meu colega, por exemplo, porque eu sou umbandista, ele acha que vou fazer algum tipo de maldade, porque eles acham que é um ponto de maldade.

A prática religiosa aparece também como uma estratégia de aproximação e compreensão dos pais em relação a sua condição de gênero:

Me ajudou muito, depois né que meus pais descobriram, eles também vão a anos terreiro e as entidades que ajudaram eles me aceitar sabe? Minha madrinha é mãe de Santo, então meio que eu conheci a umbanda, então ela me ajudou muito, ela não sabia além da minha mãe do meu pai, e do nada a entidade veio e começou a falar. No momento eles ficaram bravos né... saíram, e daí foi indo com o tempo, e hoje em dia eles não aceitam, mas respeitam.

Segundo Bakhtin (1997, p. 69), a pessoa responsável pelo início da constituição da criança seria a mãe. Pois é nos primeiros momentos da infância que começa a ver-se, pela primeira vez, pelos olhos dela, e a partir de sua visão, começa também a falar de si mesma. No caso do participante, ele relata a relação com sua mãe frente ao seu desejo de adaptação aos pronomes masculinos.

Ela falou que como eu já era uma lésbica mais masculina... ela já me chamaria de filho [...]

Logo em seguida, o entrevistado relata uma situação bastante atípica para existências trans em ambientes familiares mais conservadores, a presença da mãe também em uma fase muito importante, a retificação de seu nome.

Ela falou [mãe] que queria ter um filho chamado P... e ela não teve a oportunidade de ter. Eu tive um irmão que morreu [...].

Dar nome é provavelmente a ação mais problemática que temos na conexão entre linguagem, diversidade e gênero. A partir do ato de nomear, podemos gerar a morte e o (re)nascimento de vidas, constrangimentos e respeito, e também injúrias e exaltação ao outro. Uma necessidade de dar nome às coisas, que nos torna responsáveis por todas as definições, inclusive da

ficcionalidade do que é ser homem, do que é ser mulher, e do que é ser dissidente.

Esse fragmento acima originou o título desta análise, onde destaco como um grande emaranhado de valorações expressas onde múltiplas interpretações do ato da mãe do participante foi considerado em nossa conversa.

*Ela disse que **Deus tirou um e deu outro** pra ela.*

Na concepção de sua mãe, o participante passa a ocupar o espaço de do filho perdido, um outro ausente. Por conta disso, se propõe alterar o nome em uma compensação da perda. Um batismo forçado, de uma criança que nasce pelo consentimento da afirmação de gênero de seu filho, mas que só foi “aceito” nascendo de novo, de alguém que pela voz da mãe só é abraçado após ser rebatizado nesta relação de poder.

[...] meu nome era pra ser noah ou otto [eram os nomes em que o participante estava em dúvida], e aí ela disse que queria eu meu nome fosse P..., e aí...P. Ela escolheu meu nome!

A entonação do entrevistado ao falar sobre esta intervenção da mãe na escolha de seu nome é bastante positiva, e relata como uma conquista, já que a recusa em estar ao seu lado nesta fase era como o único caminho que via, ao comparar a reação anterior da mãe sobre o que achava ser sua sexualidade. Porém, é possível que essa ação da mãe tenha desconsiderado o desejo do filho nesse momento, e o nomeou como se a transgeneridade representasse um novo nascimento no sentido mais literal possível, sendo ainda mediada por uma figura que representa o poder e o autoritarismo.

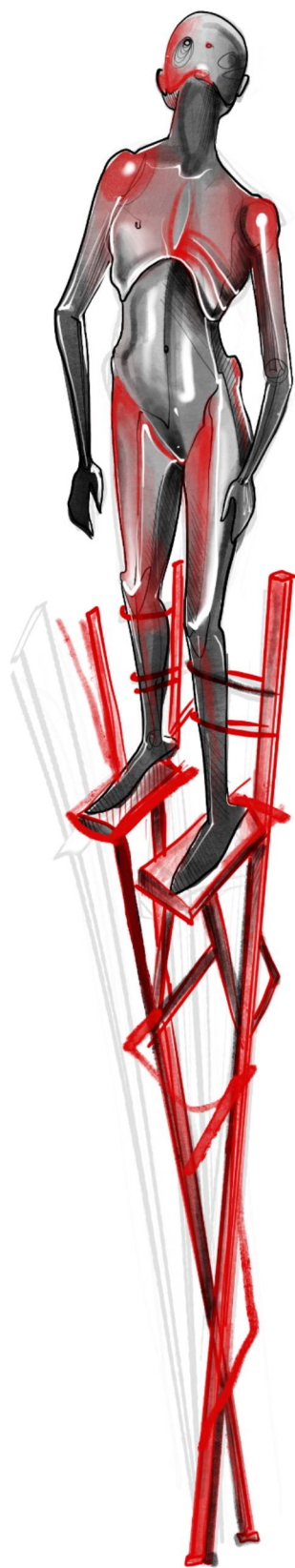
Esse fato pode representar que esse diferente acolhimento do filho segue ainda um padrão do que seria aceitável para o ambiente conservador vivenciado por essa família:

A minha mãe até escolheu o meu nome.

Muito embora o participante relate a ausência de apoio familiar, nota-se que a mãe teve um tempo de aceitação e até sugeriu o nome que foi acatado por ele. A escola também exerceu um papel importante na figura da professora

e na estrutura e em seus processos administrativos ágeis e preparados para atender e entender pessoas trans. O participante, por ser jovem e estar recentemente na posição de trans, tem muitas questões ainda não tão bem elaboradas como os demais participantes, inclusive tem apoio encontrado nas redes sociais a partir de perfis que ela se identifica.

3.5 UMA INABALÁVEL IDENTIDADE SIMULADA



É quinta-feira, dia 3 de março de 2022. Após diversas tentativas falhas de permanecer na chamada de vídeo, percebi que a casa onde a participante de 23 anos estava, não tinha internet instalada. Estávamos falando por meio de seu telefone celular e seus dados móveis, o que fez com que me sentisse culpado, já que sabia que aquela conversa duraria mais tempo do que havia previsto em nossa conversa quando expliquei como as entrevistas iriam ocorrer. Entre a instável conexão, a entrevistada me explicou toda a situação sentada na frente daquela casa, tendo um ambiente externo como cenário.

Onde estava não era onde de fato morava, estava na cidade de Palotina, no Paraná, e nesse local se despedia, no último dia de sua estadia na casa de alguns parentes, onde havia passado um tempo na tentativa frustrada para a vaga de um emprego que havia se candidatado.

Além do emprego, na cidade havia alguns amigos que naquela semana coincidentemente também acontecia o carnaval, que aproveitavam os juntos, indo em festas nas cidades vizinhas. Mas onde ela morava? Eu já tinha indícios de respostas, assim com outras participantes da pesquisa, tinha a visto diversas vezes na cidade onde eu residia, então deduzi que ela também poderia morar próximo, me confirmando em sua resposta ao falar que nasceu e reside até os dias de hoje na cidade de Tangará em Santa Catarina.

A postura da entrevistada desde o início de nossa conversa era de enfrentamento. A sua voz, as gírias, os modos de lidar com as perguntas e suas problemáticas desenhavam a personalidade de uma figura reativa e marcante, que quando questionada sobre sua infância e transexualidade disse:

Eu sempre soube desde criança, não somente eu como todas as pessoas em minha volta.

Esta percepção de que todos à sua volta já sabiam sobre suas condições de gênero aparece como recorrente em quase todas as entrevistas, mas no caso desta em específico é percebido que sua transição começou mais cedo do que as demais.

*Minha mãe sempre foi bem tranquila, tanto que com o primeiro menino que eu fiquei, eu tinha 13 anos, e ela meio que descobriu no ato [rindo]. Ela ficou com **medo** por mim, ela falou “se teu pai descobrir ele vai te matar”.*

Acima, na citação direta de sua mãe ao falar sobre a possível reação do pai com **“se teu pai descobrir vai te matar”**, é uma ameaça à participante. A mãe sentir **medo** pela filha pode evidenciar uma relação conflituosa de poder também na relação entre os pais, reverberando na fala da mãe indícios de violência características de seu companheiro e que poderiam repetir caso descobrisse, naquela fase, de sua orientação sexual.

O medo abriu portas para novas reflexões, como a escola, onde relata sua relação com colegas de turma:

Na escola foi assim [...] eu não cheguei a sofrer preconceito, mas eu sentia uma rejeição da parte deles, por isso eles não davam abertura, mas eu também não conseguia dar abertura pelo medo.

“Eu não cheguei a sofrer preconceito”, mas **“eu sentia uma rejeição da parte deles”** mostra contradições em que possivelmente idealiza a violência e o preconceito sendo exercidos apenas pelas palavras de ódio ou ataques físicos.

Ver essa diferença de gradação que ela faz ao dizer que não sofreu preconceito, mas rejeição mais silenciosa:

Pela sua sutileza, caráter difuso e capilaridade de intromissão nas relações sociais, a eficácia e a ubiquidade do preconceito são máximas, tanto em relação às práticas de controle, como às de dominação e subordinação em todas as categorias sociais [...] minadas pela chantagem afetiva ou disfarçadas por aparências afetuosas que atingem, mais drasticamente, a autoestima e a condição sócio moral daqueles/as que são alvos do preconceito. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 127).

A participante minimiza as ações de rejeição como se não fossem preconceito, como se ao não saber de onde vem a regra que exclui e rejeita isentasse os sujeitos da reponsabilidade de seus atos éticos. Esta rejeição citada poderia ser de um afastamento dos grupos na escola formados, ou uma as próprias violências exercidas onde estava inserida, mas apagadas hoje, em uma tentativa de proteção aos causadores, como visto sendo reforçado nas falas abaixo:

*Acho que muitas vezes os meninos **não faziam isso por maldade**, quando é criança nem é maldade, às vezes eles ouviam alguém maior falando e daí ia lá e fala a mesma coisa [...].*

Há uma tentativa de compreender a atitude dos colegas, segmentada por gênero em sua fala, com os “**meninos**”. Nela, a participante justifica a ação pela faixa etária do grupo: “**quando é criança nem é maldade**”. Uma proteção aos causadores da violência que ao longo da conversa vamos identificando pela aproximação atual com grupos majoritariamente héteros que está inserida nos dias de hoje, onde comentaremos mais à frente.

Esta ação de proteger o outro é algo que se repete em nossa conversa, sempre tentando tirar a culpa desse grupo de pessoas, inclusive quando fazem parte de seu passado, em ações que não expressa diretamente como foram, mas nos dão indícios de resposta. Na fala anterior, a participante diz que não sofreu diretamente com preconceito, mas em seguida, onde está transcrito acima, vemos que é citado a ação da “fala” de seus colegas, relatando que por meio das palavras pode ter sofrido sim algum tipo de ataque.

A reprodução dos discursos do outro aparece diretamente neste momento, mas agora como recurso de blindagem, onde a palavra não vista com maldade pela participante, perpassada sempre pela palavra do outro, que neste caso poderiam ser os pais das crianças, exemplificadas com “**eles ouviam alguém maior falando**”, é compreendido pela entrevistada como a origem de seus comportamentos, advindos da cultura conservadora em que vivem.

De fato, segundo a perspectiva bakhtiniana, a palavra inevitavelmente cruza o discurso do outro, onde o sujeito para constituir o próprio discurso, leva em conta o discurso destes outros que está implícito no seu e o atravessa constitutivamente (BAKHTIN, 2010a), porém, neste caso, essa compreensão é adotada pela participante como um recurso de conforto a dor sentida causada por estas palavras.

Ainda falando sobre como era seu período escolar, a entrevistada fala sobre sua aproximação com professores e as interações que lá aconteciam:

*Desde criança eu sempre fui muito puxa-saco de professor, e os professores sempre me amaram. [...] não **só eu aprendi**, mas **muita gente aprendeu comigo**.*

Puxa-saco é usado pela participante no sentido de ter sido uma aluna que bajulava seus professores, e que nesta narrativa podemos entender que era recíproco pelos sentimentos descritos, em que os professores mostravam a amar por este modo de abordagem.

A sua presença no ambiente escolar é valorizada pela participante em perceber que as pessoas que conviviam durante a vida passavam a aprender com sua experiência enquanto uma pessoa que fugia das normas daqueles espaços. Porém, o ato de aprender aqui relatado por ela não é relacionado a conteúdos de disciplinas específicas, mas o aprender dentro das relações sociais, o que pode ser problemático quando pensamos que este "eu aprendi" pode ter uma interpretação como "eu me adaptei" a este espaço para que não sofresse, já que logo em seguida a participante abre-se para assuntos mais delicados sobre seu reconhecimento.

*A **psicóloga** da escola veio conversar comigo, e ela me disse assim "você se **aceita**? Se você não se aceitar, como as pessoas vão te aceitar?" Foi um choque muito grande para mim, porque na minha percepção eu tava me aceitando.*

É a primeira vez que o profissional de psicologia é citado, nesta fala ela vivifica a voz da psicóloga que foi uma pessoa marcante em sua autopercepção. Ter este auxílio é bastante raro entre as escolas públicas da região, apesar de ter vivenciado a rejeição neste mesmo ambiente, como antes relatado, por meio desta figura vemos que a escola também proporcionou o acolhimento aos alunos por parte dos profissionais, todavia, a abordagem da psicologia pode nos levar a muitas reflexões.

O reconhecimento como pessoas transgênero referido no uso da palavra "aceita", citada pela psicóloga, não levaria as pessoas a volta da participante também a "aceitarem". O questionamento citado não fala sobre um processo correlacionado, o que pode ter levado a entrevistada ter interpretado esta "aceitação" de um modo diferente.

Reconhecer-se e afirmar-se como pessoa trans faria com que a reação do outro fosse diferente, mas ela, como psicóloga, não poderia garantir que esta mudança seria para melhor, uma provocação bastante questionável.

Ainda no que tange ao espaço escolar, outro importante papel na experiência formativa da participante é a professora de Educação física, onde as atividades artísticas aparecem como um importante recurso de expressão corporal, vista com carinho pela entrevistada também pelo afeto que tinha na professora.

*Desde a creche eu tinha uma professora de educação física que eu **amava**, tanto que eu **me apaixonei pela matéria** [...] eu sempre gostei muito de dançar, e a gente sempre fazia muita **apresentação**, muita dança e tal, e eu amava. Aí depois que eu cresci um pouco foi artes, tanto pela professora quanto pela matéria.*

A dança e a apresentação aparecem como destaque quando questionada sobre suas preferências dentro da escola. A relação com a professora da creche se mostra como um ponto importante nisso, já que a paixão pela disciplina é relatada como uma consequência do amor pela educadora. A expressão, exemplificada ao também falar sobre a disciplina de artes, em um ambiente que se sentia rejeitada aparece como uma estratégia de ocupar este lugar de modos que não eram possibilitados por outros meios.

O impacto desta disciplina foi tão intenso que isso implicou durante sua decisão na primeira tentativa no vestibular após concluir o ensino médio:

Tentei fazer na UFSC educação física, mas aí não passei [...] Eu ia pro lado da educação, mas talvez eu fosse da dança, sabe? Dar uma aula de zumba, ser personal em uma academia, alguma coisa assim, sabe?

Estes desejos ainda não se concretizaram, mas mostram-se latentes em seus planos para o futuro. Em sua profissão, hoje informalmente trabalha como promotora de eventos de música eletrônica, um universo que se aproxima desde cedo, ainda menor de idade.

*Eu comecei a sair muito cedo pra rolê [...] e já saía com pessoas tipo/ mais velhas do que eu, pelo fato de meu pai ter **confiança** nas pessoas mais velhas [...]*

Os eventos eletrônicos, como as raves, não era exatamente o espaço em que seu pai sentia confiança para que a filha estivesse, porém, as relações externas, fora da escola e trabalho, construídas com as pessoas de diferentes

faixas etárias, a levaram a ambientes em que aqueles círculos sociais frequentavam.

Foi nos eventos de rave que se sentiu mais à vontade pela recepção daqueles que estavam à sua volta. Estar cercada de pessoas mais velhas foi encarado como uma estratégia de aceitação utilizada com o seu pai para ocupar lugares que a viam de um modo diferente sobre sua identidade de gênero.

Para frequentar os ambientes de festas sendo menor de idade, recorreu ao uso de documento de identidade falsa:

Com identidade falsa, entre 16 pra 17 anos, eu ia tipo pra rave [...] no meu círculo de amizades eu saía com pessoas bem mais velhas do que eu, pelo fato de meu pai ter confiança nas pessoas mais velhas, tipo, de 20 e poucos anos.

Aqui, no título desta análise, a identidade pode ser interpretada de duas formas, a carteira de identidade (RG - Registro Geral) física com sua data de nascimento alterada para possibilitar a sua presença em determinados espaços, e a construção de uma persona que silencia questões próprias em busca de uma aceitação da maioria.

Desde o início de nossa conversa é percebido um posicionamento visto como inabalável frente às violências, de uma mudança que possivelmente passa a ocorrer quando adentra este outro mundo, com pessoas mais velhas. Uma relação alteritária, que se altera, constantemente a partir dos pensamentos, opiniões e visões de mundo a partir das relações dialógicas e valorativas com os sujeitos que ocupavam aquele lugar que até então era “proibido”.

Ao falsear sua carteira de identidade e ganhar acesso a aquele mundo, passa a acreditar as raves propiciavam um local diferente da sua realidade, de um acolhimento que ela não sentia com a sua família ou a comunidade ao seu redor:

*Lá as pessoas são muito acolhedoras, **elas não tão ligando** pro seu gênero, pra roupa que você tá usando, pro teu cabelo, pra tua maquiagem, pra nada.*

Uma possível interpretação desta mudança de seu tratamento, da ação de “**não ligarem**”, pode ser causada tanto pela diferença geracional do público que frequentavam a rave, um público mais maduro para sua idade, e

possivelmente a própria mudança da participante frente a eles, em que a não falsificava apenas seu documento, adulterava também a forma como se expunha naquele lugar e para aquelas pessoas.

Outro ponto relevante nesta fala, é uma contradição percebida ao narrar que, inicialmente não havia sofrido na escola, mas quando se refere ao trabalho, como na fala abaixo, aparecem as comparações entre a escola e o ambiente profissional.

*Eu tava com muito medo quando comecei a trabalhar, porque eu **achei que seria como a escola**, eu tava com 17 anos e não sabia o que fazer, mas foi quando eu me senti acolhida, por que foi o caso de eu já ter me aceitado, já tipo, ser quem eu era.*

A escola aparece como um parâmetro negativo em sua vida ao falar que tinha “**muito medo**”, para sua surpresa foi diferente, mas acredita que tenha sido motivado pelo seu já entendimento sobre sua condição de gênero e não pela adaptação implícita a aquelas pessoas.

No decorrer da entrevista, a participante reitera uma postura impositiva diante dos ataques preconceituosos. Em diversos momentos demonstra indiferença diante dos julgamentos, vistas também em análises anteriores, no entanto, a insistência dessa postura pode indicar que esse distanciamento é utilizado como escudo de proteção e até para se camuflar entre grupos que podem oprimir pessoas desviantes da norma.

*Se meu **pai** e minha **mãe** me aceitam do jeito que eu sou, por que que eu vou me estressar com o que os outros falam? Ninguém paga minhas contas.*

Ao citar seu pai e sua mãe, vemos que há figuras de poder, como exemplos sobre domínio da religião, da política, dos adultos, e professores (BAKHTIN, 2010a), que detém uma palavra autoritária e de grande importância para a participante, em que a compreensão partindo destas seria o suficiente.

*[...] eu nunca fui falar pra alguém, **eu consigo resolver meus problemas**, muita coisa entra aqui e sai por aqui [apontando para os ouvidos].*

Em “**eu consigo resolver meus problemas**” há uma tentativa da participante em mostrar certa independência frente aos discursos. O sinal feito com as mãos, reproduzindo o ditado “entra por aqui e sai por aqui” refere-se a rapidez e irrelevância do que poderia ouvir, que neste caso eram as palavras de ódio.

Este distanciamento e negação de absorver o que o outro diz sobre ela é uma posição vista com frequência em sua fala, mas ela não lembraria para contar se não a tivesse impactado de alguma forma.

*Se me falam alguma coisa que eu não gosto, **eu absorvo o que é de bom**, quando é uma coisa que não é necessário para mim, por que vou ficar debatendo com isso? Não é uma coisa que vale o grau.*

Não há como filtrarmos o discurso ao ouvir, tudo nos atravessa:

*[...] **quanto menos você prestar atenção em coisa ruim que as pessoas falam melhor vai ser pra você.***

A entrevistada externaliza uma aparente máscara de indiferença, inexorável dos julgamentos do outro. Um distanciamento de alguém que não se sente influenciada pelo meio que a cerca.

Instigado por estas reflexões sobre sua independência, é questionado a participante sobre a existência de possíveis figuras que influenciaram sua vida. A entrevistada recorre a nomes de maior visibilidade dentro do meio LGBTQIA+, tendo uma abordagem bastante curiosa é diferente dos demais participantes desta pesquisa:

*[...] e de referência, eu acho que nunca tive, nunca fui atualizado de música de **viado**, admiro Pablllo Vittar, Gloria Groove, mas nunca tive referência nelas sabe? **Eu sempre fui a minha própria referência**, tentar ser quem eu sou sempre.*

Negando a influência sobre um outro em seu processo, o que aparentemente era um uso informal ao referir-se a música pop, o termo “viado” pode ser uma reprodução de violência exercida nos meios onde a participante estava e ainda está inserida, já que nega que essas seria suas referências.

Pablllo Vittar e Gloria Groove são cantoras conhecidas e têm muita visibilidade na comunidade LGBT, mas são artistas que se reconhecem como

Drag Queen, não representando referências de pessoas transexuais, que era o que a pergunta feita se referia. Ao falar que **“sempre fui a minha própria referência”** a participante realiza uma análise exotópica frente a sua vida, onde tenta criar uma emancipação das influências, por não se sentir, ou não reconhecer a influência das referências em sua formação.

Contraditoriamente a afirmação sobre seu processo formativo, observamos a figura de um professor como uma das possíveis referências na sua vida, onde a participante identifica a influência desse indivíduo em sua formação identitária ao narrar como o estímulo do professor auxiliou na melhoria de seu desempenho nas disciplinas:

*O professor também era gay, entende? Então tipo, eu admirava ele pela inteligência. Ele chegou na metade do ano até mim e falou, ou eu melhorava ou eu ia reprovar, e minhas notas melhoraram 100%, foi do lixo ao luxo, por que ele era uma **referência** que eu gostava, **ele sabia que eu ia escutar, e não foi só na matéria dele que eu melhorei.***

Na época a participante ainda via-se como homossexual, por isso cita **“o professor também era gay”**. Nesta figura via semelhanças que a levavam a refletir sobre a competência do profissional enquanto professor o admirando, e respondendo neste momento sobre uma pergunta que tinha feito anteriormente e talvez não interpretada tão bem, já que associou a palavra “referências” na pergunta com figuras públicas, mas que poderia ser qualquer pessoa que teve destaque em sua vida.

O professor ser homossexual e ter a fez sentir-se representada naquele espaço, isso é notado pela certeza que dá ao falar que **“ele sabia que eu ia escutar”** e os conselhos daquele professor foram ouvidos reforçando a importância do papel da escola, bem como o fator do professor ser rede de apoio, e referência.

A questão racial, questionada já no início de nossa conversa foi respondida pela participante que se reconhece como negra, algumas perguntas de nosso roteiro tinha o viés racial, mas era percebido o desvio da temática em suas respostas, ao tentar estimular a participante a falar sobre, se já havia sentido algum impacto do racismo e de que forma via a sua relação também com o gênero, ela relata:

Quanto a minha cor...eu acho que sempre foi bem tranquilo, nunca senti preconceito grave quanto a isso, sempre foi mais da sexualidade.

A questão da cor não é encarada com grande dificuldade pela entrevistada. Porém, ao falar que nunca sentiu um “**preconceito grave**” não significa que nunca tenha sentido, o que identificamos também como um apagamento do que já passou.

Apesar de ser a única pessoa a identificar como negra, sua percepção aponta a discussão de sexualidade, onde consideramos o recorte de gênero como o maior desafio na sua vida social.

Ao finalizar nossa conversa, questionando sobre os dias atuais, as mudanças e possíveis evoluções, a participante fala sobre seus anseios e desejo profissional. O trabalho aparece como um caminho para obter a independência. Embora não conte com a compreensão do pai, acredita que o investimento em cursos podem ser um recurso para sua emancipação e melhora no futuro:

[...] hoje eu tenho dois cursos de maquiagem para eu ter a minha profissão, e não precisar depender dos outros [...] pra mim ter meu próprio dinheirinho, meu próprio negócio. Com calma e dedicação principalmente a gente consegue chegar onde a gente quer.

A participante ainda não trabalha com maquiagem, mas hoje busca a formação almejando alcançar independência principalmente financeira, já que seu trabalho atual ainda é muito incerto.

Foi percebido uma grande resistência da participante em falar sobre as pessoas que passaram pela sua vida, não falou muito sobre seus pais e como foram os seus papéis durante a transição de gênero. Esses apagamentos aparecem também quando visto que os espaços que ocupa hoje a fazem passar por um processo de adaptação, se apropriando inclusive de palavras de ódio.

Ela acredita que ocupa um espaço e um papel de opressor desviando o que foi quando era oprimida, para acreditar e chegar nessa conclusão, ela se apropria de uma opressão que ela já sofreu, omitindo as memórias.

4 DISCUSSÃO – VOZES QUE ECOAM, QUE OUTROS?

“Estou possuído pelo outro.” (BAKHTIN, 1992, p. 58).

O resultado do que produzi com os/as participantes desta pesquisa não representa uma realidade abstrata, um conto. São as memórias de pessoas que expõem relações de confronto constantes, que exigiram respostas marcadas por um processo de alteridade mútua na busca de dar sentido, “emoldurando” (BAKHTIN, 2015, p. 155) vidas escritas por diversas mãos. Neste momento, que chamo de vozes que ecoam, vamos nos aproximando da discussão desta escrita, onde busquei demonstrar similaridades e disparidades a partir das narrativas das pessoas que fizeram parte deste trabalho dentro dos recortes: espaço; família; escola; religião; raça.

4.1 ESPAÇO

O único estado em todo território nacional que carrega em seu nome a representação de uma figura feminina, Santa Catarina, é identificado estatisticamente como um dos grandes centros de violência dentro dos recortes de gênero e sexualidade nas pesquisas. Segundo o Portal Catarinas (2018), o estado ocupa o primeiro lugar em violência doméstica e tentativa de estupro da mulher, simbolizando as cruéis contradições dentro das discussões de gênero encontradas principalmente nos municípios interioranos de Santa Catarina.

Este modelo heteronormativo protegido e propagado pelo Estado, ocupa um lugar privilegiado na manutenção da desigualdade entre os gêneros e na potencialização da discriminação da diversidade na escola, onde a estrutura do sexo biológico (macho/fêmea), a atração sexual heterossexual e o comportamento esperado pela binaridade determinam, conforme Louro (2008), o que é considerado normal, anormal e saudável para um espaço marcado por um tradicionalismo branco, hetero e cristão, resistente à aceitação de uma existência vista como desviante.

O espaço de formação dos entrevistados localiza-se em uma região que apresenta características de uma sociedade bastante conservadora. Por esse motivo, vemos nas narrativas dos participantes, mesmo relatando uma mudança

durante os anos, a dificuldade de performar suas identidades de gênero e sexualidade.

São cidades com fortes tradições rurais e religiosas que exercem um controle sobre pessoas que destoam das normatividades ali expressas, onde é dificultado o entendimento das relações. O fato de não se falar publicamente sobre a diversidade, não haver grupos de apoio e movimentos que cooperem com a militância LGBTQIA+, faz com o que o silêncio de pessoas dissidentes da norma seja naturalizado, onde permanecer nestes lugares se torna confortável apenas se houver uma adaptação, como vista na maioria dos entrevistados.

Em outros casos, o silenciamento a respeito das diversidades afirma a certeza destas existências a pertencer a um não-lugar, empurrando determinados sujeitos para centros maiores na expectativa de vivenciarem seus gêneros e suas sexualidades de maneira mais livre, como o que aconteceu com a primeira participante, que recorreu a mudança de cidade todas as vezes que decidiu retomar a transição que era interrompida sempre quando voltava.

Só de uma coisa eu tenho certeza Marcelo, pra Lebon Régis eu não volto nunca mais... Eu sou muito pra Lebon Régis.

Segundo Oliveira (2020, p. 52) “a cidade grande surge como a redenção para esses corpos que procuram um lugar, uma existência”, o que aconteceu com a primeira participante, que hoje vive em outra cidade, agora muito maior, que possibilitou a ela existir e afirmar-se enquanto travesti.

Contrário à experiência acima, o segundo participante nasceu em um grande centro urbano e migrou para o interior de Santa Catarina ainda na infância, encontrou neste espaço o amparo necessário para sua formação, onde relata o conforto que sente em residir no interior, por conta dos laços criados com amigos que acompanharam todo o seu processo de transição, e longe de seus familiares, que parece encontrar maior independência pela distância.

Eu enraizei aqui em Joaçaba [...].

Dentro destas temáticas é comum imaginarmos que grandes centros ofereçam melhor recepção a estas existências do que em cidades pequenas, por estas últimas serem mais conservadoras. Nestes dois casos observamos muitas

diferenças que podem ter levado a estas divergentes percepções: seus gêneros. Enquanto a primeira reconhece-se como travesti, podemos entender que o interior pode ser mais cruel com sua existência que exerce a feminilidade. O segundo, como homem trans, pode ser melhor recebido pelo espaço. A diferença de idade também é um fator analítico entre os participantes, já que a primeira entrevistada tem cinco anos a mais do que o segundo, que neste curto intervalo de tempo pode ter havido um grande impacto na forma como a sociedade e seus processos formativos possam ter encarado estas existências e suas necessidades.



A idade aparece como um ponto de atenção, uma vez que se distancia em uma década entre a pessoa mais jovem e a mais adulta. Enquanto a pessoa mais jovem relata melhor recepção em seu meio social, apesar de seus temores

e inseguranças, a primeira entrevistada, que possui mais idade, relata uma série de dificuldades enfrentadas no meio social, na família e na escola. As pessoas mais jovens e que possuem mais referências, sejam pessoas próximas ou até mesmo em redes sociais, conseguem se impor socialmente com mais confiança e mais entendimento de si mesmos enquanto pessoas dissidentes de gênero.

4.3 FAMÍLIA

Em grande parte dos casos observa-se um maior distanciamento dos participantes com relação aos familiares paternos, fato que pode ser explicado pelas relações opressoras de uma masculinidade violenta herdada por culturas patriarcais, nas falas dos/das participantes são vistas expressas pelo preconceito e intolerância, refletidas como:

O meu pai não aceita muito.

A minha família por parte de pai não sabe de nada, e tenho certeza de que se souberem iriam surtar.

O meu pai, ele não aceita, e cara... eu passo 2 horas do meu fim de semana com ele almoçando, e essas 2 horas são as piores horas da minha vida.

Na família do meu pai não me "dou", eles não gostam de mim pelo meu jeito.

Ela [mãe] ficou com medo por mim, ela falou "se teu pai descobrir ele vai te matar".

[...] pelo preconceito do meu pai, ele nunca deixou fazer curso, e tudo mais, senão eu já estaria com meu salão montado.

Ainda no que tange à figura masculina de autoridade dentro da família, é possível destacar as múltiplas relações de violência identificadas no ambiente familiar, de ataques e desrespeitos verbais e até violências físicas como visto na primeira entrevista, em que é relatado o abuso sofrido na infância pelo padrasto de sua mãe.

Outro ponto importante de destaque sobre as figuras masculinas é um grande apagamento durante as narrativas da figura do pai, em que alguns casos os/as participantes sequer chegam a citá-los.

A figura da mãe, no entanto, aparece como uma personagem conciliadora, que é mais compreensiva em quatro dos/das cinco participantes entrevistados/as. Embora no início exista o medo da incompreensão por parte dos participantes, na maioria dos casos receberam o acolhimento desejado, relatando boas relações com estas figuras:

[...] por parte de mãe foi uma aceitação muito grande, que eu não estava esperando.

[...] não demorou muito tempo, ela aceitou tudo, foi supernatural. Eu achei que ia ser um bicho de 7 cabeças.

*Minha mãe escolheu meu nome [...]
Ela falou que como eu já era uma lésbica mais masculina... ela já me chamaria de filho.*

Minha mãe sempre foi bem tranquila, tanto que com o primeiro menino que eu fiquei, eu tinha 13 anos, e ela meio que descobriu no ato [rindo]

Outros membros da família ainda aparecem com relevante participação na jornada identitária, como vistas nas relações como irmãos e prima. Seja no inicial questionamento sobre suas sexualidades, dando abertura para reflexões, seja na identificação com os mesmos e suas próprias experiências formativas.

Na terceira análise o irmão da participante é um homem trans, esta figura tão próxima inserida dentro do ambiente familiar foi essencial para que a identidade de gênero da irmã fosse melhor vista pelo restante da família, já que eram tabus já trabalhados no passado quando o irmão passou pelo mesmo.

Na penúltima análise, a prima é uma figura de destaque, onde foi a responsável em questionar o participante sobre o seu desejo afetivo e sexual por mulheres, mostrando que havia outras pessoas que também passavam pelo mesmo, naturalizando aquela fase que poderia ter sido muito mais difícil se tivesse acontecido mais tarde.

*Uma prima minha que **tinha mais conhecimento** e era **mais velha do que eu** [...].*

Estas duas figuras, o irmão e a prima, são vistas nessas histórias como figuras mais velhas, que tinham “mais conhecimento”, como citado pelo participante da análise *O segundo batismo* e destacado acima. O irmão e a prima

são outros aqui vistos como agentes ativos no processo formativo dos participantes.

Outro recorte interessante para reflexão são os relacionamentos amorosos, suas participações quanto os questionamentos de gênero tornaram-se latentes para os entrevistados.

As duas pessoas que mantêm relacionamentos amorosos fixos, a primeira e penúltima análise, narram a relutância de seus companheiros ao abordarem os desejos e a decisão de transicionar. O primeiro relato, em particular, seu parceiro discorre sobre a conexão com a religião (Candomblé), podendo ser preconceitos e impacto do racismo sobre a religião de matriz africana:

[...] na cabeça dele a D... era uma entidade do candomblé que baixava em mim [...].

Uma possível culpabilização no reconhecimento da participante, sendo ele, seu parceiro, um dos motivos que a fizeram interromper sua transição uma das vezes.

Já o penúltimo participante vemos que houve uma resistência de sua parceira, relatando que era um relacionamento lésbico e precisava da compreensão da mesma, mas que não problematizou sua escolha ou interferiu, estando ao seu lado até o momento em que a entrevista ocorreu.

Ela também teve um processo de aceitação sobre mim, sabe?

Os amigos durante as entrevistas aparecem bastante presentes nas narrativas dos participantes, alguns citados como referência, motivos para permanecer onde moram, protetores e apoio para que não desistissem, porém, estas mesmas figuras aparecem sem nome, sem muitas descrições, o que nos mostra uma diluição destas existências que mesmo sendo tão importantes durante a vida destas pessoas, não foram o maior destaque.

4.4 ESCOLA

Para o estudante, junto à família, a escola hoje é considerada um agente primordial no processo de formação do ser social, já que possibilita o exercício de cidadania. Dentro do ambiente escolar, vemos que os professores e funcionários das instituições de ensino surgem nas memórias relatadas, seja como referenciais para a formação identitária ou como ponto de apoio.

Os/as professores/as, em destaque professoras mulheres, foram o ponto alto de nossas conversas. As profissionais aparecem em todas as entrevistas, sem exceção, dispostas a tratar sobre uma temática que muitas vezes não tinham um preparo, ainda assim buscando auxiliar estes alunos que estavam passando por um processo que seria compreendido muito mais tarde pelas famílias.

Em alguns dos casos, vemos estas figuras tendo uma iniciativa ante ao próprio filho, frente a necessidade deste, como na fala abaixo:

Perguntou como seria o meu nome, eu falei meu nome e ela falou “daqui para frente você será chamado assim por mim”.

A escola se destaca nos relatos aqui coletados, não só por ser um espaço oficial de Educação, mas por ser o lugar onde as interações sociais tornam-se mais frequentes e diversas, elas aconteceram e foram referenciadas já nos primeiros momentos das entrevistas, quando a pergunta era sobre si mesmo.

O mesmo local em que é citado como os motivos de seu descontentamento com o próprio corpo, a perseguição de colegas e professores, é um espaço escolar que aparece também como um ambiente de refúgio, onde encontraram formas de permanecer apropriando-se de estratégias, com destaque especial nas disciplinas de artes e educação física, áreas que os possibilitaram uma rota de expressão sobre suas identidades:

Tudo na escola eu sempre ia pra esse lado, SEMPRE IA PRA ESSE LADO; Aí, tem que apresentar tal coisa “posso apresentar de forma teatral?” pode!

O esporte para mim sempre foi meio que um escape.

*Eu amo é artes... sempre foi, sempre foi, sempre foi, sempre foi;
É uma coisa que eu sempre amei demais, eu amo desenhar e sempre foi a matéria que eu mais gostava né, tanto na escola quanto hoje em dia.*

Eu sempre gostei muito de dançar, e a gente sempre fazia muita apresentação, muita dança e tal, e eu amava.

Percebemos a importância dos docentes ao reconhecer e potencializar as qualidades de seus alunos, onde a boa relação construída entre estes profissionais, de compreensão e acolhimento, resultava em motivação para que eles se dedicassem às disciplinas.

Eu não gostava da disciplina dela, não gostava de português e inglês, mas da professora eu gostava e sempre ia bem nessas matérias... mais para agradar ela.

Vemos como essa abertura das profissionais do ensino impactam no desenvolvimento desses alunos. Apenas em uma das conversas o professor é descrito como uma figura negativa, e mesmo tendo este grande peso ainda foi quem propiciou à entrevistada a aproximação com o teatro, que se tornou uma fase fundamental para seu reconhecimento.

Apenas um dos casos fala sobre a presença de psicólogos na escola.

4.5 RELIGIÃO

A religião também aparece como um importante fator presente nas narrativas. Na maioria dos casos aparece como um conflito para as discussões de gênero e sexualidade e atrelada aos valores conservadores ocidentais do cristianismo, representando um espaço de exclusão.

Esses espaços religiosos costumam propagar uma cultura em que vemos a intolerância à diversidade e a culpabilização das existências que divergem da estrutura heteronormativa ainda muito presente amparadas pela palavra para veicular suas práticas.

Eu era muito de igreja né, eu fui criado assim.

A umbanda que me ajudou também, sabe? No terreiro eu conversava comigo mesmo.

Deus tirou um e deu outro pra ela.

Algo importante a se destacar é que os espaços religiosos não majoritários da cultura brasileira, como os de matrizes africanas, o candomblé e a umbanda, se mostraram mais acolhedores e inclusivos para os participantes da pesquisa.

4.6 RAÇA

Nas análises, são identificadas formas diversas de opressões causadas, por exemplo, pela homofobia, transfobia, machismo e racismo, que vemos relatadas pelos participantes com disparidades que dão atenção diferentes para cada caso relatado. Ao falarmos sobre racismo é percebido uma fuga de pessoas que acreditam que só compreende o que é racismo quem sofre com ele. Fazer a intersecção entre gênero, sexualidade e raça não é uma tarefa fácil dentro desta cultura que tem negligenciado a discussão a respeito dos diversos atravessamentos que podem sofrer, como mostrado por Oliveira (2020, p. 17), quando afirma que “os estudos de gênero tem dado pouca atenção às questões de raça”.

Pelos participantes durante as entrevistas terem sentido que nunca foram vítimas, vemos que há uma grande lacuna durante as falas, onde a raça é completamente ignorada.

Quatro dos/das cinco participantes se autodeclararam como brancos/as, e todas as perguntas que abordavam as temáticas de raça, eram respondidas rapidamente com um desvio sobre o assunto, em que não se mostravam atravessados por raça e principalmente pelo racismo.

A resposta mais direta que traz o racismo como conteúdo de sua fala aparece nas nossas últimas conversas, em uma abordagem bastante inesperada, referindo-o como se uma dor anulasse a outra:

Quanto a minha cor...eu acho que sempre foi bem tranquilo, nunca senti preconceito grave quanto a isso, sempre foi mais da sexualidade.

O racismo é classificado como não sendo “grave”, mesmo sendo crime, disposto em uma espécie de métrica, colocando o racismo ao lado da transfobia. Um nítido apagamento sobre as questões raciais, principalmente quando analisamos as demais falas, onde a questão racial aparece, mas não nos relatos

sobre suas vidas, como dificuldades e privilégios exercidos pela racialização, mas no racismo sendo praticado por elas, como nas falas:

*Fumava igual um **saci**.*

*O marido dela era um **negão** de quase 2 metros.*

*Uma menina **gorducha** de cabelo **crespo** e **bigode** [rindo].*

*Eu sofria bastante preconceito desses **maranhenses** que estão vindo agora, e dos **haitianos** também.*

Sendo branca já está difícil emprego, imagina se eu fosse negra então, eu acho que eu nem sairia de casa.

A não responsabilidade sobre a racialização é uma ação infelizmente comum, o distanciamento de algo em que todos são atravessados. Por não se reconhecerem como negros, as pessoas acreditam que não sofrem e não perpetuam o racismo, mas nestas falas fica nítido como isso é presente em nosso dia a dia.

É notado a urgência de estímulos de debate sobre a temática, para que a pauta não se limite a partir do lugar que o outro não vivencia, já que vemos que a questão fica isolada ao entendimento apenas de suas vítimas, como percebido quando a única participante que se declara negra fala sobre a temática e os demais não. Esta isenção frente ao racismo faz com que as reflexões não alcancem as estruturas de poder, que exercem sua manutenção, alimentando o racismo estrutural.

5 ARREMATES

Nesta dissertação, era tido como objetivo analisar como pessoas transgênero constroem, por meio da memória e estetização de si, as narrativas sobre o papel do outro no processo de sua própria subjetivação e construção identitária.

Estes processos de interação são identificados na fala das/dos participantes a partir da escuta e a interpretação, dos modos como o outro foi dito, desde a primeira pergunta. Um outro que em alguns momentos aparecem sendo eles mesmos do passado, um outro que era a referência ou ameaça, mas que de todas as formas foram fundamentais no processo de seus reconhecimentos como pessoas trans.

Ao finalizar esta escrita vemos que a construção das identidades como uma atividade coletiva, que nestas relações entre o eu e o outro vistas nas análises escutam-se a partir de vozes que se constituem e se alternam em um processo que perpassa a vida em diferentes camadas, inclusive, constituindo por aquelas que são valorados como negativos e que causam medo.

Nas falas dos participantes vemos opressões causadas pela homofobia, transfobia, machismo e racismo, constrói interações durante a vida dos/das participantes de intolerâncias multifacetadas e de impossível desassociação no território em que vivem, o Meio Oeste Catarinense. As palavras **assumir** e **aceitar** foram as mais faladas entre os participantes, onde podemos analisar que existe um grande peso da culpabilização destas pessoas existirem como reflexo disso.

Marcas presentes ao analisar o contexto das raízes destes espaços, em que nos discursos vemos que ainda hoje refratam a exclusão, discriminação e obediência a um sistema hetero, branco, cisgênero e cristão desde o período colonial, em que mesmo cronotopicamente localizadas no passado, ainda vemos o resgate destas práticas exercidas.

Mesmo Brait e Magalhães (2014) afirmando que nunca houve a proposta de uma teoria e/ou análise do discurso formalmente apresentada por Bakhtin, neste projeto pudemos observar que os estudos sob esta perspectiva, a análise dialógica do discurso, podem enriquecer discussões além da área da linguagem,

não a vendo como um campo rígido e isolado, destacando o sujeito que a articula.

Considerando as diversas posições valorativas em que a sociedade é composta, é identificado o campo dos estudos de gênero, sexualidade e raça, como uma pertinente aproximação à teoria reconhecendo o potencial analítico dos conceitos bakhtinianos, buscando a compreensão do que estrutura estes atravessamentos. Dentro das ciências humanas, além da sensibilidade de uma escuta ativa, sensível e responsável às vozes. A apropriação desta perspectiva permitiu também explorar os papéis de minha própria posição axiológica enquanto pesquisador e artista, trazendo aproximações e disparidades que são capazes de endossar as interações entre pesquisador e entrevistado dentro da pesquisa científica.

Cabe enfatizar, ainda, que este estudo, mostrou-se relevante por sua tentativa de gerar reflexões positivas acerca da comunidade LGBTQIA+, especialmente para as pessoas trans, explicitando discursos contrários e desfavoráveis à comunidade, e, dessa forma, evidenciando a importância de problematização constante sobre o tema.

Para finalizar, vemos que a evasão escolar não ocorreu com estas pessoas, todos os participantes que fizeram parte desta investigação concluíram pelo menos o ensino médio, onde pudemos identificar por meio dos seus discursos as estratégias adotadas para permanecer neles.

Em outra direção, da mesma forma que os discursos podem perpetuar estas opressões, também pode ser uma possível estratégia de reversão, em que a partir destes diálogos e análises, tentei explorar outras múltiplas formas de evadir, e nessa escrita, evadindo em vozes.



REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável (1920-1924)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010b.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2015. 341p.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010c.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, jun. 2002.
- BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond; Clam, 2006.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 5-58.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (Org.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014. 322 p.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Unesp, 2021. 284 p.
- CORDEIRO, Agnaldo. **A construção do debate de gênero e diversidade sexual no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, dez. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jul. 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Herminia Prado. **Interdisciplinaridade na Pesquisa Científica**. Campinas: Papyrus, 2015. v. 1. 128 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 8. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2008b.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A pesquisa em educação: questões e desafios. **Vertentes**, São João del-Rei, n. 29, p. 28-37, jan./jun. 2007.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2017.

LACHETA, Andrio R. **“Vocês acham que eu sou macho?”: autoficção, masculinidade(s) do campo e o teatro universitário em perspectiva dialógica**. 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIOTELLO, Valdemir; MOURA, Maria Isabel. A identidade é uma armadilha. In: MIOTELLO, Valdemir; MOURA, Maria Isabel (Org.). **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro e João, 2014. p. 9-10.

MIRANDA, Shirley Aparecida. Ficções do corpo normal: gênero e raça numa academia de modelos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 33., 2010, Caxambu. **Educação no Brasil: o balanço de uma década**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2010.

MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Todavia, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e gênero**. Salvador: Devires, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima. Perspectivas contemporâneas de pesquisa em linguagem: processos de subjetivação, ideologias e instrumentos linguísticos. In: GOLÇALVES, Jean Carlos et al. (Org.). **Linguagem, corpo e estética na Educação**. São Paulo: Hucitec, 2020. Cap. 8, p. 109-124.

PORTAL CATARINAS (Santa Catarina). **Catarinas**: jornalismo com a perspectiva de gênero. 2020. Disponível em: <<https://catarinas.info>>. Acesso em: 22 maio 2021.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora N-1, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

SANTOS, Cristiane. O ser drag e o viver queen: esteriótipos e configuração do artista performático em Maceió. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES GÊNERO, 18., 2014, Recife. **Anais...** Recife: UFRPE, 2014.

SANTOS, Milton Silva dos. Sexo, gênero e homossexualidade: o que diz o povo-de-santo paulista? **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 145-156, jun. 2008.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos Santos. **Cartografias da transexualidade**: a experiência escolar e outras tramas. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOBRAL, Adail. Apresentação. In: SOBRAL, Adail; BOHN, Hilário. **Dialogismo**: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos. Pelotas: Educat, 2016. p. 11-15.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Revista Bioethikos**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 121-126, jan./jun. 2009.

SILVEIRA, Paloma Dias; AXT, Margarete. Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros: entre o cronotopo e a infância. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 176-192, jan./abr. 2015.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal**: uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VEBER, Andréia. **Ensino de música na educação básica**: um estudo de caso no Projeto Escola Pública Integrada – EPI, em Santa Catarina. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ANEXOS

Anexo I

Figura 2 - Tabela de símbolos para transcrição

OCORRÊNCIA	SINAL	EXEMPLO
Pausa pequena	...	E nós nos negamos a cortar por exemplo um conto de fadas... então ficam as páginas que têm...mas ele está inteiro...ele foi inteiro pra lá...né?
Interrupção ou corte brusco da fala	/	Eu fui e isso foi no..no..no.....no início dos anos oitenta..aí pegava o..a..o que já existia de livro didático..então vou pesquisar o que é que já tem...
Alongamento forte de vogal	:::	E essas pesquisas é::: desde de uma pesquisa mais é::: objetiva.. é feita com o pesquisador ao lado..a pessoa responde um questionário..
Alteração de voz com efeito de ênfase	Maiúsculas	Então você acaba gerando algumas..eu não vou dizer que são incoerências porque na verdade a gente sua sangue pra tentar dar a volta nessas limitações..MAS não é o que eu gostaria de fazer..entende?
Leitura de trechos do LDP	{ }	Então oh... como isso aqui é logo o primeiro capítulo ((mostrando a página 30 do Manual do Professor))...então tem aqui uma resposta...e aí vem e::: { professor o que se procura fazer hoje nas aulas de produção de textos é dar esses subsídios para o aluno escrever. Os temas fazem parte do cotidiano do aluno..são discutidos. Os textos devem ter um destinatário..um objetivo..deve ser criada uma determinada situação.. etc.)
Fala incompreensível	(XXX)	Porque um livro mais (xxx) primeira coisa..preço. Ele perde competitividade de preço.
Supressão de trecho da transcrição original	[...]	Eu acho que aí..nós entramos num círculo vicioso porque o livro didático desde sempre oferece fragmentos pros alunos..fragmentos de textos..fragmentos de texto literário de maneira geral. [...] Então você acaba gerando algumas..eu não vou dizer que são incoerências porque na verdade a gente sua sangue pra tentar dar a volta nessas limitações..MAS não é o que eu gostaria de fazer..entende?
Comentário do pesquisador	(())	Porque aí.. você é autor do texto. E espera-se que cada autor tem um estilo ((risos)).

APÊNDICES

Apêndice I – Roteiro da entrevista semiestruturada:

- 1) Qual a sua história?
 - Nome social (como foi o processo de escolha de seu nome?)
 - Lugar de nascimento
 - Você se reconhece como... (referente à identidade de gênero e à orientação sexual, raça e classe social)?
 - Como você percebeu que, segundo as outras pessoas, você não se enquadra nas regras, nos padrões e nas normas estabelecidas/aceitas pela sociedade?
 - Qual a postura/reação inicial das pessoas ao seu redor (família / amigos / escola) em relação à sua identidade de gênero?
 - Em qual fase da sua vida este processo de reconhecimento de gênero aconteceu? Ou seja, em que momento você soube que gostaria de ser conhecida/reconhecida de modo diferente daquele que sua família e a sociedade lhe atribuíram?

- 2) A partir de sua experiência escolar, como as pessoas em sua volta se dirigiam a você?
 - Você lembra de alguém ou de alguma expressão específica? O que foi marcante para você nesse período? Como foi a sua experiência escolar? Quais são as suas lembranças do período escolar?
 - Você acredita que ser do modo como se sente hoje e como se identifica era percebido pelas pessoas e tinha alguma influência sobre o modo como você era tratada?
 - Como as pessoas que frequentavam a escola (professores, estudantes, pais de alunos e comunidade) se manifestaram em relação a você e à sua identidade de gênero, sexualidade, raça e classe social? (verbalmente, gestos, ações)
 - Com qual/quais disciplina/s você mais se identificava na escola? Havia algum motivo ou alguma pessoa que você acredita que gerou essa identificação?

- 3) Ao ser tratada do modo como você relatou anteriormente, você acredita que havia alguma ação sua para se proteger e para se sentir melhor, ou houve algum refúgio dentro do ambiente escolar? Alguma estratégia que a fizesse sentir mais segura?
 - Algum professor(a), funcionário, ou colega de escola te marcou naquele período?

- Teve um bom desempenho em sua formação escolar? Acha que sua relação com a identidade de gênero, sexualidade, raça e classe social pode ter tido algum papel nesse fato, ou seja, o modo como você era percebida/tratada pode ter colaborado para essa situação?
 - Você interrompeu os estudos em algum momento? Se sim, quando e por que isso aconteceu? Você lembra quais foram os motivos? Houve algum encaminhamento da escola em relação à sua experiência de transexualidade?
 - Havia algo que você esperava que a escola fizesse em relação a isso?
 - Se você tivesse concluído todas as etapas do ensino (séries iniciais do fundamental, séries finais e ensino médio), sem interrupção, você acredita que a sua vida teria sido diferente? Para você, para sua vida, qual a importância da escolarização formal? Por quê? (esta pergunta só será realizada caso o/a participante responda sim para a pergunta sobre interrupção do processo de escolarização)
- 4) Como falaria sobre você hoje?
- Como você se identifica atualmente? [identidade de gênero, sexualidade, raça, classe social]
 - Hoje, o que mudou desde o período escolar? Houve progresso em relação ao respeito social no espaço em que reside? [identidade de gênero, sexualidade, raça, classe social]

Apêndice II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Marcelo Dyogo Vieira, aluno de pós-graduação sob responsabilidade da orientadora Prof^a Dr^a Deise Cristina de Lima Picanço, do programa de pós-graduação em Educação – da Universidade Federal do Paraná, convido você, pessoa transgênero, a participar de um estudo intitulado “Vozes em evasão: Uma abordagem dialógica ao Corpo Transgênero”, onde busco estimular a discussão sobre gênero e sexualidade em espaços pouco aberto à pluralidade de modos de ser e existir, como o meio oeste catarinense, promovendo um olhar mais inclusivo.

a) O objetivo desta pesquisa é compreender de que modo os discursos sobre o corpo e aquilo que a sociedade aceita como normal (gêneros masculino e feminino) afetaram/afetam pessoas transgênero e não-binárias em sua formação dentro do espaço escolar, marcando sua forma de se entender e definir como pessoa transgênero.

b) Caso você concorde em participar da pesquisa, será necessário responder algumas perguntas, que terá como base um roteiro elaborado pelos pesquisadores. Nesta entrevista, partimos de três perguntas principais e outras utilizadas caso haja necessidade de aprofundamento. Serão abordadas questões incluindo dados de identificação e suas condições gerais de vida, com os seguintes assuntos: Experiências e relações sociais no período escolar e Identificação de gênero.

c) Para tanto, você deverá participar da entrevista por meio de uma videoconferência utilizando a plataforma Google Meet, a qual o link será enviado pelo pesquisador e orientado seu uso, caso necessário. A entrevista levará aproximadamente 50 (cinquenta) minutos divididos para as 3 (três) perguntas. Este encontro virtual será agendado respeitando sua disponibilidade, e nele,

serão retomados os objetivos da pesquisa, bem como esclarecidas dúvidas com relação aos procedimentos, assegurando o sigilo desta entrevista.

d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a constrangimento, já que trataremos de questões relacionadas a memória escolar, expondo seus sentimentos e vivências pessoais, tendo possíveis mobilizações emocionais frente aos conteúdos abordados nas questões da entrevista em profundidade.

e) Alguns riscos relacionados ao estudo, além do desconforto citado do item acima, pode ser a possibilidade de quebra de sigilo, sendo este comum a todas as pesquisas realizadas com seres humanos. Neste sentido, salienta-se que, como medida de proteção, todos os dados coletados serão analisados em caráter científico, portanto, serão registrados sem menção aos seus dados de identificação. Todos os documentos relativos à pesquisa serão guardados em local restrito pelo prazo de 5 (cinco) anos, sem dados que possibilitem a sua identificação. Esta pesquisa buscará trabalhar de forma a evitar a sua ocorrência, bem como buscará não ferir a sua singularidade.

f) Os benefícios esperados com essa pesquisa, além da contribuição para futuras investigações dentro do campo da Educação, é o incentivo de refletir sobre a LGBTQIAfobia, o machismo e o racismo em espaços como o oeste de Santa Catarina, promovendo a diminuição dos impactos da intolerância e da transfobia em prol de uma cultura mais inclusiva

j) O pesquisador Marcelo Dyogo Vieira pode ser encontrado na Rua Brasil, 370, sala 204, Videira – SC, das 09:00 as 22:00, e Deise Cristina de Lima Picanço (Número para contato: 41 991736835), também responsável por este estudo, poderá ser localizada na Av. Sete de Setembro - Centro, Curitiba - PR, 80230-085, e para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo, respectivamente, pelos e-mails: mardyovi1@gmail.com e deisepicanco@gmail.com, em casos de urgência disponibilizo o número 49 988419924, que poderá recorrer facilmente a qualquer momento.

l) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

k) O material obtido – imagens e vídeos – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será destruído/descartado ao término do estudo, dentro de 5 (cinco) anos.

m) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, como a orientadora, sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade.

n) você terá a garantia de que quando os dados/resultados obtidos com este estudo forem publicados, não aparecerá seu nome

o) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação. Entretanto, caso seja necessário seu deslocamento até o local do estudo os pesquisadores asseguram o ressarcimento dos seus gastos com transporte (Item II.21, e item IV.3, sub-item g, Resol. 466/2012).

p) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

q) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail cometica.saude@ufpr.br e/ou telefone 41 -3360-7259, das 08:30h às 11:00h e das 14:00h às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e

dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo, voluntariamente, em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de 2021

9

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE

Link da versão online:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfs6RFvHelI9LER8u3HkdHX-rWh8TRdKsCu-0fJI5e2VSUs1w/viewform>

⁹ Por conta do distanciamento social, o aceite do termo será realizado por documento virtual direcionado individualmente a cada participante, porém, caso haja a possibilidade da assinatura presencial também será considerado.